

**A importância da preparação da transição
defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um
estudo qualitativo sobre a perspetiva de
treinadores de elite**

**Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Desporto
com especialização em Treino Desportivo**

Rúben Rodrigues Pinheiro

Orientador: Professor Doutor Nuno Loureiro

2022

Resumo

A evolução do jogo de Futebol, levou ao aprofundamento do detalhe, e a conexão entre momentos de jogo é visto como algo imprescindível na dinâmica de uma equipa. Como tal, a ligação entre as bolas paradas ofensivas e a transição defensiva revela-se pertinente.

O objetivo deste trabalho centra-se no estudo da importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas, abordando diversas variáveis que influenciam esta preparação, desde a forma como a equipa se estrutura posicionalmente, até ao equilíbrio ofensivo adotado.

Através do método qualitativo, e com recurso a entrevistas, foram entrevistados oito Treinadores de Futebol (N=8), que, pelo menos, já tivessem exercido funções nas competições profissionais em Portugal.

De acordo com os resultados obtidos verificou-se que a modelação tem um papel fundamental para a operacionalização do jogo pretendido, apresentando uma estreita ligação com a forma como se treina, sendo esse o momento onde é potencializada. Também as bolas paradas foram apontadas pelos treinadores como altamente decisivas para o resultado final de um jogo. Igualmente referenciada como importante, é a preparação da transição defensiva, sendo inclusive considerada pelos treinadores como um denunciador da qualidade das equipas. Nas estratégias de equilíbrio nas bolas paradas ofensivas, os treinadores revelaram como fundamental a criação de diferentes linhas de cobertura. Foi igualmente destacado a colocação de jogadores sobre a área adversária e sobre o meio-campo. Existiu ainda quem destacasse a ligação entre o jogo posicional de organização ofensiva ao jogo posicional nas bolas paradas.

Conclui-se então, que dada a pertinência do trabalho reforçada pela opinião dos treinadores, o estudo revela-se importante para um melhor treino do momento de jogo de bolas paradas ofensivas, como também, poderá ser auxiliador de uma melhor modelação e sistematização das ideias de cada treinador para o referido momento de jogo.

Palavras-Chave: Futebol; Modelação; Bolas Paradas Ofensivas; Transição Defensiva

Abstract

The evolution of the football game has led to a deepening of detail, and the connection between moments of play is seen as something indispensable in the dynamics of a team. As such, the connection between the offensive set pieces and the defensive transition proves pertinent.

The objective of this work focuses on the study of the importance of preparing the defensive transition in offensive set pieces, addressing several variables that influence this preparation, from the way the team is structured positionally, to the offensive balance adopted.

Through the qualitative method, and using interviews, eight Football Coaches (N=8) were interviewed, who had at least already performed functions in professional competitions in Portugal.

According to the results obtained, it was verified that modeling has a fundamental role for the operationalization of the desired game, presenting a close connection with the way it is trained, this being the moment where it is enhanced. Also the set pieces still were pointed out by the coaches as highly decisive for the final result of a match. Equally referenced as important, is the preparation of the defensive transition, being even considered by the coaches as a whistleblower of the quality of the teams. In the balancing strategies in the offensive set pieces, the coaches revealed as fundamental the creation of different lines of coverage. It was also highlighted the placement of players on the opponent's area and on the midfield.

There were also those who highlighted the connection between the positional game of offensive organization to the positional game in the set pieces. It is concluded that given the pertinence of the work reinforced by the opinion of the coaches, the study proves to be important for a better training of the moment of offensive set pieces, as well as, it may help a better modeling and systematization of the ideas of each coach for the said moment of play.

Keywords: Football; Modeling; Offensive Set Pieces; Defensive Transition

Agradecimentos

Não sendo fácil extrair palavras que realmente demonstrem o tamanho do meu agradecimento por vocês, o meu obrigado, pela educação, amor, carinho e ajuda que me deram, que continuam a dar e que certamente me acompanhará ao longo da vida, Pai e Mãe, serão sempre o meu grande apoio, e sem vocês tudo isto não passava de um sonho... obrigado por tudo!

Aos meus queridos avós, por tudo o que me deram, por todo o vosso amor, sabem bem o que significam para mim, espero um dia conseguir retribuir toda a vossa ajuda, e farei tudo para que consigam estar comigo no dia em que chegarei onde sempre vos disse que queria chegar!

A ti Cátia, que chegaste à minha vida de forma inesperada e num momento tão difícil, dizer-te que tiveste a capacidade de tornar os “dias cinzentos” em “dias de sol”, limpos e cheios de esperança, sou um sortudo... contigo serei sempre feliz!

Aos meus amigos de coração, uns trazidos pelo futebol, pela Escola... outros trazidos desde sempre, o meu obrigado! Era injusto não falar em ti, Diogo, és mais do que um amigo, tens lá estado sempre, no bom e no mau... e um dia vou-te ajudar a trocar de “botas”!

Aos meus ex-treinadores, sendo alguns deles responsáveis por ter a profissão (paixão) que hoje tenho, a todos os jogadores e jogadoras, por tudo o que me transmitiram, aos professores que me marcaram ao longo da vida, sendo o Professor Doutor Nuno Loureiro, alguém que muito prezo, e que muito me ajudou nesta última etapa académica, e agora ... aos meus colegas de equipa técnica, especialmente os meus “principais”, Mariana, obrigado pela oportunidade única que me deste e por tudo o que passamos, foi marcante... e João, pelas rasteiras que nos pregaram, tenho a certeza que algo de bom está guardado para ti e para nós, passaste de treinador principal a amigo, estarei eternamente grato ... e a ti Rodrigo, és a minha grande referência, poucos fazem ideia da tua qualidade humana e profissional, tenho a certeza que serás um dos melhores de sempre e um dia teremos a oportunidade que tanto merecemos, e a ti devo-te muito do que sei hoje, obrigado por tudo!

E que o melhor esteja para chegar!

Índice Geral

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 2 |
| Parte I - Enquadramento Teórico..... | 6 |
| 1. Modelação..... | 6 |
| 2. Transição Defensiva | 8 |
| 3. Bolas Paradas Ofensivas | 9 |
| 4. Análise Qualitativa | 13 |
| Parte II – O Estudo | 14 |
| 1. Objetivos do Estudo..... | 14 |
| 2. Questões de Investigação..... | 14 |
| 3. Tipo de Estudo | 16 |
| Parte III - Metodologia | 17 |
| 1. Caracterização dos Participantes..... | 17 |
| 2. Recursos Utilizados | 18 |
| 3. Procedimentos..... | 18 |
| 4. Codificação: questões, variáveis e códigos..... | 23 |
| 5. Tratamento da Informação..... | 42 |
| Parte IV – Apresentação e Discussão dos Resultados..... | 43 |
| 1. Codificação..... | 43 |
| 2. Análise às Variáveis | 51 |
| 2.1 Modelação | 51 |

| | | |
|-----|--|----|
| 2.2 | Preparação da Transição..... | 55 |
| 2.3 | Bolas Paradas | 57 |
| 2.4 | Modelação das Bolas Paradas Ofensivas | 59 |
| 2.5 | Preparação da Transição Defensiva nas Bolas Paradas Ofensivas | 61 |
| 2.6 | Estratégias de Equilíbrio nas Bolas Paradas Ofensivas | 64 |
| 2.7 | Modelação das Bolas Paradas Ofensivas tendo em conta o resultado e tempo de jogo | 68 |
| 2.8 | Modelação das Bolas Paradas Defensivas e preparação da Transição Ofensiva | 70 |
| 3. | Limitações do Estudo | 73 |
| | Conclusões..... | 74 |
| | Bibliografia..... | 77 |
| | Anexos | 85 |

Índice de Figuras

| | |
|---|---|
| Figura 1. 4 momentos de jogo preconizados por Ferreira (2017) | 8 |
|---|---|

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Compilação de estudos sobre a percentagem de golos marcados a partir de lances de bola parada (Silva, 2011) | 12 |
| Tabela 2. Códigos | 23 |
| Tabela 3. Variável Modelação | 26 |
| Tabela 4. Variável Preparação da Transição | 28 |
| Tabela 5. Variável Bolas Paradas | 30 |
| Tabela 6. Variável Modelação das BPO..... | 31 |
| Tabela 7. Variável Preparação da TD nas BPO..... | 33 |
| Tabela 8. Variável Estratégias de equilíbrio nas BPO | 35 |
| Tabela 9. Modelação das BPO tendo em conta o resultado e o tempo de jogo..... | 38 |
| Tabela 10. Modelação das BPD e preparação da TO | 40 |
| Tabela 11. Frequência de registo da variável Modelação | 43 |
| Tabela 12. Frequência de registo da variável Preparação da Transição | 44 |
| Tabela 13. Frequência de registo da variável Bolas Paradas..... | 45 |
| Tabela 14. Frequência de registo da variável Modelação das BPO | 45 |
| Tabela 15. Frequência de registo da variável Preparação da TD nas BPO | 46 |
| Tabela 16. Frequência de registo da variável Estratégias de Equilíbrio nas BPO..... | 47 |
| Tabela 17. Frequência de registo da variável Modelação das BPO tendo em conta o resultado e o tempo de jogo..... | 47 |
| Tabela 18. Frequência de registo da variável Modelação das BPD e preparação da TO..... | 48 |
| Tabela 19. Síntese das respostas dos treinadores entrevistados | 50 |
| Tabela 20. Modelação - registo de respostas | 51 |
| Tabela 21. Preparação da Transição - registo de respostas | 55 |
| Tabela 22. Bolas Paradas - registo de respostas | 57 |
| Tabela 23. Modelação das BPO - registo de respostas..... | 59 |
| Tabela 24. Preparação da TD nas BPO - registo de respostas..... | 61 |
| Tabela 25. Estratégias de Equilíbrio nas BPO..... | 64 |
| Tabela 26. Modelação das BPO tendo em conta o resultado e tempo de jogo - registo de respostas | 68 |
| Tabela 27. Modelação das BPD e preparação da TO | 70 |

Lista de Abreviaturas

BPD – Bolas Paradas Defensivas

BPO – Bolas Paradas Ofensivas

GR – Guarda-Redes

LBP – Lance de Bola Parada

TD – Transição Defensiva

TO – Transição Ofensiva

TPTD – Título Profissional de Treinador de Desporto

Introdução

“Um pianista para ser melhor pianista não corre à volta do piano. Senta-se e toca piano.”

(Sérgio, 2017)

O Futebol é o “Fenómeno Social Mais Total” (Maciel, 2011, p.47), pelo que o impacto que o mesmo tem sobre a generalidade das sociedades mundiais é enorme, especialmente para a sociedade portuguesa, levando crianças, jovens, adultos e idosos de todos os géneros e estratos sociais a terem um fascínio especial por esta modalidade. Maciel (2011) ainda reforça a importância que o mesmo tem sobre aquilo que são as instâncias sociais, políticas, religiosas e económicas, dando o exemplo da ligação entre futebol e religião, como é o caso da rivalidade escocesa, entre *Celtic* e *Rangers*, onde um clube é associado aos *Católicos* e o outro aos *Protestantes*, respetivamente. Também a nível político e social, é sobejamente conhecido o impacto que as seleções nacionais têm, principalmente, durante as grandes competições continentais e mundiais, que são muitas vezes usadas como formas de expressão comunicacional para com o povo.

Exemplo disso é a seleção alemã, onde, durante o regime nazi, os jogadores eram obrigados a efetuar a saudação nazi no início dos jogos e essa formalidade servia para passar uma mensagem à população daquele país, pois a seleção nacional detinha um grande impacto sobre a sociedade e era usada como canal de comunicação para com ele (Lobo, 2002). Reforçando o impacto social e político do futebol poderemos igualmente dar o exemplo do *F.C. Barcelona*, provavelmente a maior bandeira a favor da independência da Catalunha, desde a fundação do clube. Inclusive Foer (2006) refere que durante o regime de Franco, *Camp Nou*, era o único local onde o povo podia manifestar o seu descontentamento e a sua oposição aos ideais *franquistas* e o desejo de independência da região. Também economicamente, o futebol tem cada vez mais um impacto sobre aquilo que são as grandes economias mundiais, Souto (2004), menciona que o Futebol representa 1% do PIB dos países desenvolvidos e que os clubes profissionais são geridos como empresas com o objetivo de dar lucro aos seus investidores.

O fenómeno do futebol encerra em si uma complexidade que é transportada para a sua essência, ou seja, para o jogo e para a sua respetiva lógica interna. Corroborando

isso mesmo, “o jogo de qualidade tem demasiado jogo (detalhe, imprevisibilidade) para ser ciência, mas é demasiado científico (organizado) para ser só jogo” (Lopes, 2005, p.4).

O jogo ao ser discutido nos mais diversos locais, e por diversas pessoas, faz com que a perspectiva de cada um sobre o mesmo seja diferente. Desta forma o jogo deve ser visto como um todo, no qual todas as partes interagem de forma sistémica e não linear, e que, simultaneamente, a desintegração das diferentes dimensões do jogo leve a que o produto final não seja tão rico como poderia ser (Tobar, 2018).

O mesmo autor refere que o modo como as equipas defendem, se não corresponder ou articular com a maneira como atacam, estamos a colocar em causa o funcionamento da equipa enquanto um todo, uma vez que os momentos se interligam e dependem uns dos outros.

Partindo desse pressuposto o momento de bola parada, não foge a esse enquadramento, e como anteriormente se constatou, a forma como atacamos implica direta ou indiretamente a forma como iremos defender. Como refere Campos (2008) os momentos de jogo não devem ser estanques, uma vez que interdependem e influenciam-se de forma bidirecional.

Como é referido por Casarin, Reverditto, Grebogy, Afonso e Scaglia, (2011) é fundamental a hierarquização dos princípios de jogo integrantes do modelo de jogo da equipa. É através desses princípios sistematizados que os comportamentos são alcançados, através da especificidade da repetição no treino, ou seja, o domínio da aquisição de hábitos só é conseguido através da prática, através da vivenciação (Gomes, 2008, citado em Campos, 2008).

Não sendo possível classificar um momento de jogo como o mais importante, o impacto que os lances de bola parada têm para a determinação do resultado final é inequívoco, tal como refere Silva (2011), após a recompilação de diversos estudos de natureza quantitativa, constatou que 1 em cada 3 golos marcados resultam de um lance de bola parada, reforçando assim a importância que a sistematização cuidada e a exercitação têm para o sucesso de uma equipa.

Apesar disso, apenas 3 em cada 7 pontapés de canto resultam em remate, apenas 1,1% resultam em golo, e a grande maioria dos lances são marcados de forma aérea o que causa ainda maior indefinição no lance (Silva, 2018).

Partindo deste último pressuposto, o estudo da preparação da transição defensiva nos momentos de bola parada ofensiva torna-se relevante, não só pela conjuntura do jogo “dentro das 4 linhas”, como também pelo Fenómeno Social Mais Total que o mesmo encerra em si próprio (Maciel, 2011).

Deste modo, com base nas premissas da investigação, apresentamos um estudo pioneiro que relaciona dois momentos de jogo e que assenta nas vivências pessoais de cada treinador entrevistado, fazendo com que o enriquecimento pessoal ao nível das competências técnicas e profissionais seja evidente. Destina-se também a valorizar a partilha com outros treinadores e, desta forma, a ser uma ferramenta de desenvolvimento do jogo, da sua análise e da construção conceptual por parte de cada treinador.

Ao assentar num estudo qualitativo com recurso a entrevista, permite que o mesmo se foque na busca do entendimento conceptual e prático dos indivíduos estudados (Resende, 2016). Tendo em conta o autor, e partindo do pressuposto mencionado, o facto do estudo englobar a participação de treinadores de alto nível, permite que as respostas obtidas tenham um valor acrescido dada a sua experiência e nível competitivo. Segundo Resende (2016) o estudo qualitativo assenta num processo de interpretação dos resultados obtidos, pelo que, a obtenção dos mesmos, resulta não só, de um registo das ideias expostas, como também, num processo de reflexão acerca do que foi mencionado pelos treinadores estudados. Assim sendo o seu “know-how” acaba por ser um contributo importante, não só para a modelação e sistematização dos momentos de jogo estudados, como também para a própria operacionalização em treino do momento de bolas parada ofensivas.

O estudo, para além de pretender alcançar os objetivos e características salientados anteriormente, deriva ainda de questões colocadas pelo autor, que pela sua prática profissional, enquanto treinador responsável pelos momentos de bola parada, observou as dificuldades de diversas equipas em conjugar e conciliar os momentos de jogo em simultâneo, com destaque para a dificuldade na preparação de um possível momento seguinte de transição defensiva. Estas dificuldades foram não só evidenciadas por alguns adversários, como também por diversas equipas e seleções de topo do futebol mundial, que foram observadas de forma externa ao atual estudo, com o intuito de acercar e refletir sobre a temática A afirmação anterior é reforçada pelo estudo de Jiménez, Días e Ruíz (2016), que conclui relativamente aos cantos e livres laterais no

futebol feminino de alto rendimento, que 13% desses lances resultam em contra-ataque para a equipa que inicialmente defendia a bola parada, correspondendo à segunda categoria mais representada referente ao desfecho do lance de bola parada. Também Casanova (2009) defende este ponto de vista, uma vez que dada a possível desorganização da equipa adversária, em termos de equilíbrio defensivo propicia naturalmente o contra-ataque adversário após um lance de bola parada.

Consubstanciando tudo isto, o facto de o estudo ser transversal a todos os tipos de bola parada, designados pela literatura, tomando como exemplo o caso de Parada e Vargas (2020), entre eles: pontapé de saída, pontapé de baliza, lançamento de linha lateral, cantos, livres diretos e indiretos e pontapés de penalti, permite que o mesmo seja abrangente, diversificado e aplicável conceptualmente em qualquer escalão e nível competitivo.

Parte I - Enquadramento Teórico

“O Tático é pensar. O Tático é tomar decisões. O Tático é jogar.”

(Lage, 2017)

O enquadramento teórico divide-se em quatro grandes pontos, e consequentemente em três temas diferentes, onde os mesmos adotam uma relação de interação e onde a construção de cada um, o influencia e é influenciado. O primeiro ponto aborda a necessidade e a importância da modelação, assim como a sua relevância para o processo de treino, para o jogo, e consequentemente para o desempenho da equipa. O segundo aborda um momento de jogo, a transição defensiva, especificando a sua importância para o jogo e a necessidade da sua preparação. O terceiro ponto aborda outro momento de jogo, neste caso um dos momentos estáticos de jogo, o momento de bola parada ofensiva, podendo o mesmo ser mencionado como esquemas táticos ofensivos. Neste ponto aborda-se a sua importância e relevância para o jogo e para o resultado final do mesmo, assim como as preocupações a ter na sua sistematização. Por último, é enquadrado do ponto de vista teórico a análise qualitativa, e a sua importância para a realização do estudo. Procurou-se descrever os passos da sua realização, fundamentando a mesma com diversos pontos de vista de diferentes autores.

1. Modelação

“(...) o modelo faz-te viver a tua identidade.”

(Cardoso, 2018)

A complexidade do jogo atualmente leva a que exista uma necessidade de direcionar os comportamentos pretendidos na nossa equipa, sem que ainda assim exista repreensão da capacidade individual do jogador. Como tal, a aquisição de um saber sobre o saber fazer permite aceder a níveis de complexidade mais elevados e enriquecedores, os quais implicam um engendrar harmonioso, holístico e orquestrado das partes que constituem o corpo (Maciel, 2011).

A finalidade do modelo de jogo é proferir sentido ao desenvolvimento do processo em face de um conjunto de regularidades que se pretende observar, ou seja, delinear o caminho e os passos a serem dados (Casarin *et al.*, 2011).

Na mesma ótica, Morais (2018) preconiza o modelo de jogo teórico sistematizado como algo que deve ser levado como referência máxima servindo desta forma como orientação de todo o processo de treino e de jogo. Considera igualmente como a intenção sistematizada das condutas a adotar nos diferentes momentos de jogo, sendo os mesmos comportamentos balizados por referências espaciais e temporais.

Como se depreende, o jogo de futebol apresenta uma lógica sistémica, onde tudo está altamente interligado e onde a divisão das “partes” fica difícil de vivenciar, Tobar (2018), defende que a modelação do Jogar¹ tem como base um referencial, uma matriz, que possibilita uma coordenação organizada entre os intervenientes, fazendo emergir algo que é mais rico do que a soma das partes. Através destas referências é possível perceber que a construção de um modelo de jogo está intimamente ligada com aquilo que é a ideia que o treinador tem para o jogo, com aquilo que ele pretende observar e sentir no jogo. Para isso é fundamental entender profundamente a lógica sistémica do jogo, sabendo que o mesmo tem um carácter inquebrantável e que cada momento e cada ação realizada ou decisão tomada, afeta não só a circunstância presencial, como também manipula e conduz o momento seguinte.

Segundo Garganta e Gréhaigne (1999), a abordagem sistémica permite aumentar a eficácia da ação, uma vez que a mesma aproxima do concreto, permitindo desta forma um maior conhecimento das propriedades do jogo. O comportamento da equipa resulta numa primeira instância pela atividade cognitiva e motora dos atletas, tentando desta forma dar resposta às vicissitudes colocadas pelo funcionamento dos subsistemas atuantes no jogo.

Só um entendimento do Jogo pelo “Todo” aceita uma abordagem que não retira à natureza do jogar a sua natureza, entendida como uma “inteireza inquebrantável” (Carvalho, 2003, citado em Amieiro, 2003). Seguindo a mesma linha de pensamento Carvalho (2014, 2015), sustenta a fluidez contínua do jogo e a interligação permanente entre os diferentes momentos de jogo, devendo para isso existir uma articulação de sentido entre os diversos princípios que compõem cada um dos momentos.

Perceber a inteireza inquebrantável do jogo de futebol torna-se perentório, ou seja, tendo em conta a perspetiva sistémica, a noção de “inteiro” é algo fundamental, e como tal, todos os momentos se encontram altamente conectados, assim como a

¹ O Jogar é o tipo de futebol que uma equipa produz. São regularidades que identificam uma equipa de acordo com o seu desempenho. O conceito é escrito com letras maiúsculas, uma vez que o autor citado, o identifica desta forma, designando como célula fundamental para a equipa que o adota.

natureza das suas relações impedem a separação das mesmas, de modo a que não sejam anuladas algumas das suas propriedades emergentes. Como tal, os momentos não podem ser vistos como estanques, e dependem mutuamente para a sua construção e realização, e que uma possível desarticulação pode comprometer a qualidade do jogo. (Campos, 2011; Frade, 2019; Maciel, 2011; Moreno, 2009; Tamarit, 2007).

2. Transição Defensiva

“É importante perceber que o Tático não é apenas campo pequeno, basculações e pressão, é muito mais que isso.”

(Lage, 2017)

Segundo Festa (2013), os treinadores atribuem uma grande importância à componente de organização coletiva do jogo, considerando ainda que os momentos de transição são momentos de teste à solidez coletiva de uma ideia de jogo.

Não existe ataque e defesa, existe sim “ataque-defesa-ataque-defesa”, subsiste uma relação contínua entre dois momentos, sendo de extrema importância a ligação entre os mesmos, entenda-se transição (Quinta, 2003, citado em Amieiro, 2003).

Englobado naquilo que é a distribuição do jogo por momentos, a transição defensiva ou transição ataque-defesa, é referida como o instante imediato à perda da posse de bola (Ferreira, 2017).

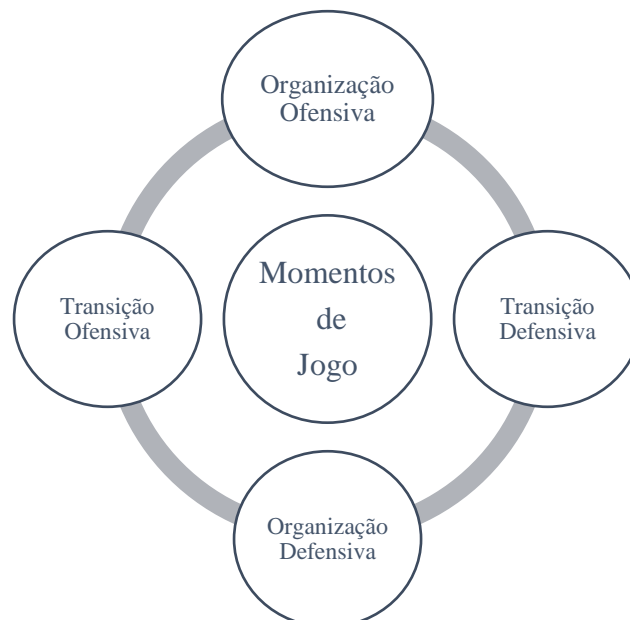


Figura 1. 4 momentos de jogo preconizados por Ferreira (2017)

Num estudo efetuado por Vogelbein, Nopp e Hokelmann (2014), foram observados todos os 306 jogos da *Bundesliga* alemã da época 2010/2011, de modo a

retirar conclusões acerca de uma possível qualidade naquilo que é a transição defensiva das equipas, onde para isso, dividiram as 18 equipas em competição em 3 grupos: grupo “Top”, constituídos pelos 6 primeiros classificados; grupo “In-between”, constituído pelas equipas classificadas entre o 7º lugar e o 12º lugar; grupo “Bottom” composto pelas equipas classificadas entre o 13º e o 18º lugar. Os autores concluíram que as equipas do grupo “Top” recuperam a bola consideravelmente mais rápido em comparação com os grupos “In-between” e o grupo “Bottom”. Em médias as equipa de topo recuperam a bola em menos de 10 segundos ($M = 9.86$ s), as equipas de meio da tabela em cerca de 11.29 segundos e as de fundo da tabela levam em média 11.65 segundos.

Com o exemplo anterior, é possível perceber a importância do momento de transição defensiva, no entanto, a realização do mesmo começa muito antes da equipa perder a posse de bola. A ocupação racional do espaço em processo ofensivo é a base do equilíbrio defensivo no ataque (Carvalho, 2003, citado em Amieiro, 2003) e (Ferreira, 2003, citado em Amieiro, 2003). Ambos defendem a importância de defender bem, referenciando que defender bem passa por adotar um posicionamento quando detêm a posse de bola que permita à equipa um equilíbrio posicional capaz de dar resposta no instante da perda da posse de bola.

Muitas das ações de perigo, e até de golo, surgem nos momentos de transição defensiva, estando o problema direcionado para o facto das equipas não estarem equilibradas quando atacam, e muitas vezes, por não estar claramente definido os locais para onde se devem deslocar e a forma como o devem fazer (Oliveira, 2006, citado em Almeida, 2006).

3. Bolas Paradas Ofensivas

“Nada do que acontece nos bons jogos se improvisa por acaso...”

(Frade, 2019)

Os lances de bola parada, são lances incrivelmente importantes para a determinação de um resultado e até para a atribuição de títulos (Castelo, 1999).

Reforçando a importância deste momento de jogo, Asensio (2015), refere que os momentos estáticos do jogo, permitem que a decisão do jogador seja mais sustentada, pois a distância que mantém da oposição e o tempo que dispõe para a execução técnica,

faz deste momento uma conjuntura ótima para que as equipas se aproximem do objetivo de jogo.

Teodorescu e Curado (1984) teorizaram e definiram conceitos para o tema em questão, ou seja, os esquemas táticos, reforçando que os mesmos se tratam de soluções estereotipadas, previamente preparadas e estudadas, sendo representadas por combinações táticas, e interpretadas sob forma de ações individuais coordenadas, com o objetivo de assegurar condições mais favoráveis para a obtenção do golo, a partir de um momento estático do jogo.

O impacto salientado anteriormente deste tipo de lance num resultado de um jogo de futebol é enorme, e as seguintes citações provam isso mesmo.

Bangsbo e Peitersen (2000), referem que a nível internacional, uma equipa beneficia em média de 20 lançamentos de linha lateral, 15 livres, 10 cantos e 1 penalti a cada 3 jogos. Sendo que por jogo verificam-se em média 20 ações de bola parada na sua zona atacante. Como tal, os autores concluíram que os momentos de bola parada são preponderantes no desenrolar do jogo e na definição do resultado.

Santos, Soares, Silva, Gonçalves e Sarmento, (2015) estudaram os lances de bola parada do Mundial de 2014 de quatro seleções participantes nessa mesma competição (Alemanha, Argentina, Brasil e Holanda), tendo analisado ao todo 491 lances de bola parada. Concluíram que na fase de grupos, 26% do total de golos foram alcançados através de um lance de bola parada, sendo que na fase a eliminar tiveram ainda maior preponderância: 31% do total de golos.

Também Fonseca (2012) analisou todos os golos da Liga Zon Sagres na época 2010/2011, e constatou que existiram mais golos precedidos de bola parada (337), do que no desenvolvimento de um lance de bola corrida (247). Seguindo uma linha de análise semelhante, Santos, Mendes, Maurício, Furtado, Sousa e Pinheiro (2016), verificaram que 33.39% dos golos resultaram de bolas paradas, sendo a maioria deles obtidos através de cantos (16.7%) e livres (14.36%).

Loureiro, Teixeira, Costa, Prudente e Sequeira, (2014), referem que alguns estudos abordaram o treinador sobre a análise de jogo, e as bolas paradas são consideradas um dos maiores focos de interesse nos últimos anos, opinião corroborada por Carling, Williams e Reilly, (2005).

No estudo realizado por Loureiro et al. (2014), os treinadores consideram as bolas paradas importantes, uma vez que cada vez mais os jogos são mais equilibrados, e

este momento em específico pode ser cada vez mais decisivo no resultado final. Os treinadores entrevistados indicam que a qualidade dos executantes é determinante na execução dos diferentes lances.

Também em competições de carácter continental e de grande prestígio, os lances de bola parada revelam-se extremamente importantes para o resultado final, tal como sugerem Maneiro, Árdá, Rial, Losada, Casal e López-García (2017), após o estudo e registo de 345 lances de pontapé de canto durante o Euro 2012, os resultados indicam que os pontapés de canto apresentam um valor significativo naquilo que é o resultado final do jogo.

A importância que os lances de bola parada têm para a determinação do resultado final é evidente, e claramente reforçado pela compilação de estudos efetuada por Silva (2011), sobre a percentagem de golo marcados a partir de lances de bola parada.

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

Tabela 1. Compilação de estudos sobre a percentagem de golos marcados a partir de lances de bola parada (Silva, 2011)

| Autor (año) | Competición | % golos a balón parado |
|--------------------------------|--|------------------------|
| Hugues (1980) | Finales de los Mundiales entre 1966 y 1986 | 48,1% |
| Bate (1988) | 3.ª División inglesa (Notts County FC) 1985-86 | 46,0% |
| Olsen (1988) | Mundial México 1986 | 27,5% |
| Reilly, Lees and Davids (1988) | Mundial México 1986 | 25,8% |
| Loy (1990) | Mundial Italia 1990 | 30,0% |
| Dufour (1993) | Mundial España 1982 | 45,0% |
| Jinshan, <i>et al.</i> (1993) | Mundial España 1982 | 26,0% |
| | Mundial México 1986 | 23,0% |
| | Mundial Italia 1990 | 32,0% |
| | Mundial USA 1994 | 39,0% |
| Marcos (1994) | Mundial USA 1994 | 39,0% |
| Alonso (1995) | Mundial USA 1994 | 39,3% |
| Castellano y Zubillaga (1995b) | Mundial USA 1994 | 50,4% |
| Yagüe y Paz (1995) | Liga española 1994-95 | 29,0% |
| Pérez y Vicente (1996) | Mundial USA 1994 | 30,3% |
| Olsen and Larsen (1997) | Selección Nacional Noruega 1994 | 32,1% |
| Turpin (1998) | Mundial México 1986 | 23,0% |
| Gómez (1999) | Liga española 1998-99 | 16,3% |
| | Mundial USA 1994 | 32,3% |
| | Mundial Francia 1998 | 34,1% |
| Grant, <i>et al.</i> (1999) | Mundial Francia 1998 | 24,6% |
| Bangsbo and Peitersen (2003) | Mundial Italia 1990 | 32,0% |
| | Mundial USA 1994 | 25,0% |
| Valverde y Sainz (2006) | Mundial de Corea 2002 | 35,5% |
| Vázquez (2007a) | Mundial Alemania 2006 | 41,5% |
| Vázquez (2008) | Eurocopa Suiza-Austria 2008 | 29,9% |
| Acar, <i>et al.</i> (2009) | Mundial España 1982 | 26,0% |
| | Mundial México 1986 | 26,0% |
| | Mundial Italia 1990 | 27,3% |
| | Mundial Francia 1998 | 32,2% |
| | Mundial Corea-Japón 2002 | 29,0% |
| | Mundial Alemania 2006 | 37,0% |
| Promedio | | 32,3% |

Partindo deste ponto é facilmente concluído que as ações de bola parada têm um impacto substancial na determinação do resultado, no entanto, as referências e os estudos acerca da importância da preparação da transição defensiva nos momentos de bola parada são muito reduzidos e de difícil alcance, o que pode eventualmente demonstrar alguma lacuna a este nível. De referir que de entre as referências bibliográficas encontradas, apenas duas referiram o impacto do momento pós bola parada, onde Teixeira (2016), refere que de entre os golos sofridos em transição defensiva durante um período da época, dois deles advieram de um lance de bola parada. Também Asensio (2015), de forma não tão direta e quantificada, sustentou que durante o momento de bola parada existem permutas posicionais evidentes, com deslocação de jogadores para zonas onde não se movimentariam num momento de bola

corrida, provocando dessa forma uma instabilidade estrutural na equipa que pode provocar alguma vulnerabilidade na formação que dispôs do lance de bola parada.

4. Análise Qualitativa

A análise qualitativa procura descrever e perceber o fenómeno social estudado, podendo ser feito de diversas formas, que vão desde a interação grupal, da realização de uma entrevista, análise de documentos, entre outros (Flick, 2018).

Segundo Denzin e Lincoln (2011), a natureza dos métodos qualitativos surgiu com a necessidade de aprofundar o conhecimento para além de quantificações estatísticas. Para além disso, Cresswell (2007) aponta à necessidade de um entendimento mais complexo e detalhado de um determinado problema, promovendo assim a utilização de um estudo qualitativo.

Segundo Gonçalves et al. (2021), atualmente, a realização de uma investigação qualitativa assenta no recurso a diferentes métodos de recolha de dados, para posteriormente ser executada a sua análise, de forma a que finalmente sejam expostos e discutidos os resultados. Os autores apontam como o principal objetivo desta metodologia, o estudo dos seus participantes, que de acordo com o contexto em que se inserem e sabendo de antemão que os resultados serão sempre influenciados pelos interesses culturais, sociais e pelas suas crenças, permite entender e refletir de forma mais conceptual o fenómeno estudado.

Na mesma linha de pensamento Boni e Quaresma (2005) referem-se à análise qualitativa como um ajustamento face à realidade, uma vez que desta forma é possível trabalhar com significados, motivações, valores e crenças, aspetos estes que não podem, nem é possível serem reduzidos a aspetos quantitativos.

Intimamente ligado à análise qualitativa está a entrevista, e a sua utilização como meio de recolha de dados (Loureiro et al. 2014).

Segundo Boni (2005) e Flick (2005), a entrevista consiste num processo segundo o qual existe uma interação entre o entrevistador e o entrevistado para a obtenção de informação.

Também Adhabi e Anozie (2017) reforçam que através da entrevista é possível perceber a visão do assunto por parte do entrevistado e o entendimento do mesmo acerca do assunto estudado.

No estudo, o tipo de entrevista utilizado foi a entrevista semi-estruturada, pois permite uma maior facilidade de ajustamento do entrevistador, para conseguir alcançar o maior conteúdo possível ao entrevistado (Boni, 2005).

Segundo Gomes (2007), a aplicação da entrevista requer três passos fundamentais, a primeira regra passa pela abordagem numa fase inicial através de questões não estruturadas, do tipo aberto, para que o entrevistado consiga expor a sua visão na plenitude das suas possibilidades e dando a possibilidade ao entrevistador de traçar um caminho de acordo com o que pretende nas questões seguintes. A segunda regra passa pela aplicação posterior de questões semiestruturadas, como forma de obter informações mais específicas e clarificadoras acerca do que pretende. Por fim, aplicar questões do tipo mais fechado de forma a consubstanciar o que foi referido acima, e tentando aprofundar de forma mais clara a visão do entrevistado em relação ao tema.

Parte II – O Estudo

1. Objetivos do Estudo

Tendo em conta a temática anteriormente apresentada, o objetivo em questão para o presente trabalho é estudar a importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas. O grau de importância atribuída será tanto maior quanto maior importância o treinador dê aos posicionamentos dos seus jogadores no momento de bola parada, e, de que forma estes são influenciados para preparar o momento de perda da posse de bola.

2. Questões de Investigação

Em função de diversos fatores, as bolas paradas no futebol e o seu estudo tem sido um dos temas que os treinadores mais se têm vindo a debruçar, de forma a aperfeiçoar ideias e conceptualizações deste momento em específico. Para além disso, diversos autores ao longo dos anos têm dado a este momento em específico muita importância, referenciado mesmo que as bolas paradas são decisivas para a

determinação do resultado final (Castelo, 1999; Silva, 2011; Fonseca, 2012; Loureiro et al., 2014).

Estes dois aspetos, e a tentativa de enriquecimento de competências pessoais e de terceiros, leva-nos a procurar tentar responder à seguinte questão: Qual a importância da preparação da transição defensiva, nos momentos de bola parada ofensiva?

Para além dos aspetos decisivos acima mencionados, que motivaram a investigação centrada neste problema, as vivências pessoais e as observações empíricas de diversos lances desta natureza, em diferentes contextos e competições, também ajudaram a que existisse uma motivação extra para perceber o porquê de muitas equipas denotarem alguma dificuldade nos instantes pós bola parada ofensiva.

A resposta a este problema levará a um enriquecimento de competências técnicas de conceptualização do jogo, não só pessoal, mas também dos pares.

O guião de entrevista, nomeadamente a sua construção, encerra em si um papel fundamental para a otimização do trabalho efetuado, pelo que, segundo Loureiro et al. (2014), a construção do guião de entrevista é fundamental, pois, o mesmo pode influenciar as respostas dos entrevistados e conseqüentemente os resultados obtidos.

Segundo Gomes (2007), a construção de um guião de entrevista deve ter em conta alguns aspetos vitais na sua elaboração, entre os quais:

- Elaborar as questões de acordo com o tema e os objetivos da entrevista;
- Construir perguntas abertas, de forma a evitar condicionamentos através da questão;
- Adequar as perguntas ao entrevistado;
- Adotar um vocabulário acessível, claro e rigoroso;
- Estabelecer o número de perguntas e proceder de forma rigorosa e coerente à sua ordenação;

Estes aspetos são também reforçados por Resende (2016), sendo que o autor alerta ainda para a importância da realização de um marco teórico rigoroso e direcionado para as questões e objetivos que se pretende estudar.

Todos os procedimentos até à construção do guião de entrevista são de relevada importância, para que a investigação saia beneficiada e o mínimo influenciada pelo procedimento adotado (Gomes, 2007).

Para a realização deste estudo foram estipuladas 8 questões que passam a ser apresentadas:

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do mesmo?
2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?
3. Que importância têm as Bolas Paradas no seu modelo de jogo? Justifique.
4. Olhando para a generalidade das Bolas Paradas existentes, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas Bolas Paradas Ofensivas são realizados de acordo com que fatores?
5. Tendo em conta a sua perspetiva acha relevante pensar / preparar a transição defensiva em situações de Bola Parada Ofensiva? E porquê?
6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de Bola Parada Ofensiva?
7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de Bola Parada Ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?
8. Olhando para uma situação inversa, aquando de um Bola Parada Defensiva, como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

Através destas 8 questões, procurou-se responder às seguintes variáveis: modelação; preparação da transição; bolas paradas; modelação BPO; preparação da TD nas BPO; estratégias de equilíbrio nas BPO; modelação das BPO tendo em conta resultado e tempo de jogo; modelação das BPD e preparação da TO.

3. Tipo de Estudo

O presente trabalho assenta num estudo qualitativo, metodologia este que se centra em dar resposta às questões de investigação planeadas a partir das experiências reais do sujeito (Fernández, 2016).

Segundo Silva (2013), o estudo qualitativo centra-se numa metodologia de compreensão interpretativa, no sentido de esbater uma realidade múltipla e dinâmica, e

cujo interesse, reside sobretudo na interpretação de processos sociais com recurso à análise reflexiva e crítica. Também Bento (2012), descreve a investigação qualitativa como um modelo fenomenológico no qual a realidade é descrita em função das percepções dos sujeitos, sendo a mesma realizada com o objetivo de compreender conceitos e significados através da descrição verbal dos integrantes de uma determinada amostra.

Denzin e Lincoln (2017), defendem que o estudo do tipo qualitativo é um campo de investigação altamente válido e bastante pertinente, já Taylor e Bogdan (2010) apontam o mesmo como sendo, indutivo, holístico, interativo, reflexivo, naturalista, que não detém ideias pré-concebidas e como sendo aberto e humanista.

Como estudo qualitativo, o mesmo teve como ferramenta de recolha de dados, a entrevista, como mencionado anteriormente, e a entrevista é uma das técnicas mais comuns, onde a partir da mesma é possível adotar diferentes métodos de análise da informação, entre elas: a análise exploratória que se prende essencialmente com a aplicação de categorias; a descrição, que sucintamente consiste na análise aos segmentos de cada categoria a fim de estabelecer padrões nos materiais recolhidos; a interpretação, que pretende estabelecer conexões entre categorias de dados; e a teorização, que arbitra procedimentos que asseguram o desenvolvimento e plausibilidade das relações (Aires, 2011).

Tendo em conta as informações descritas pela autora, o nosso estudo enquadra-se como qualitativo interpretativo.

Herrera (2018), reforça que o procedimento aplicado da análise de conteúdo temático e qualitativo, pode ajudar a cimentar uma orientação de desenvolvimento intelectual temático da área de estudo para o investigador e para os seus pares.

Parte III - Metodologia

1. Caracterização dos Participantes

Para a realização do estudo foram entrevistados um total de oito treinadores de futebol (N=8), que desempenham ou já desempenharam funções em equipas seniores masculinas em pelo menos uma das principais competições profissionais (Liga NOS – I Liga; Liga Portugal 2 SABSEG – II Liga; Liga Revelação – Campeonato Nacional Sub-23). Estes critérios tiveram como objetivo alcançar a maior qualidade possível nos resultados obtidos.

Todos os treinadores são do sexo masculino, possuem mais de 10 anos de experiência como treinadores de futebol, tem uma média de 42,13 anos de idade, sendo o intervalo das mesmas compreendido entre 38 e 61 anos [38; 61]. De entre os participantes, 7 possuem a licença UEFA PRO e 1 a licença UEFA B.

2. Recursos Utilizados

Para a gravação das entrevistas foi utilizada a funcionalidade de gravador de voz do Iphone 6s, tendo sido a entrevista posteriormente transcrita na íntegra para um ficheiro Word.

A análise interpretativa do conteúdo foi realizada com recurso ao programa Excel.

Todo o trabalho foi efetuado num computador com o sistema operativo Windows 10, e com recurso aos programas da Microsoft Office.

3. Procedimentos

Para a colheita de dados, o instrumento de recolha utilizado foi a entrevista. Existem três tipos de entrevista, a entrevista não estruturada, a entrevista semiestruturada e a entrevista estruturada (Heinemann (2003)). A entrevista utilizada para o estudo, foi a entrevista semiestruturada, caracterizada pela existência de um guião previamente elaborado e definido pelo entrevistador, mas que permite ao entrevistado falar abertamente acerca do assunto.

Para a utilização da entrevista procedeu-se ao cumprimento das etapas de validação do guião da entrevista:

1. Pesquisa e sustentação teórica

Segundo Gomes (2007) a elaboração de um bom marco teórico permite e facilita a construção de um guião de entrevista de qualidade. Também Resende (2016) defende que dispor de uma boa sustentação teórica deve incluir uma definição clara dos aspetos a abordar, permitindo assim alcançar os objetivos com mais clareza.

2. Elaboração do guião da entrevista

As perguntas foram construídas com base na temática do estudo, e com o intuito de chegar ao cerne da questão formulada, no entanto, todos os dados recolhidos em cada entrevista permitem uma melhor sustentação das declarações de cada treinador, assim como é possível para o entrevistador perceber de melhor forma os conteúdos exprimidos e a conceptualização dos pensamentos.

Resende (2016) destaca ainda a importância do guião como algo que serve de base à realização da entrevista.

3. Validação do guião da entrevista

Após a construção do guião da entrevista, a mesma foi revista e posteriormente validada por 4 *experts*, 2 doutorados e com várias publicações no âmbito do desporto e com recurso ao tipo de estudo utilizado, o estudo qualitativo, e também por 2 professores com grau de especialistas em Futebol, e com experiência profissional enquanto treinadores de futebol, este procedimento vai de encontro ao sugerido por (Tuckman, 2000).

Na mesma ótica de pensamento Resende (2016) sustenta que a entrevista deve ser validada por investigadores com experiência e domínio da investigação qualitativa e com conhecimento acerca do tema em estudo.

Depois das sugestões de melhoria dos *experts*, foram realizadas algumas alterações ao guião:

- A questão inicial, relativa ao modelo de jogo, anteriormente dividia-se em dois, a primeira acerca da sua importância, e a segunda em relação à construção do mesmo por parte dos treinadores. Dadas as propostas, procedeu-se à junção das questões, englobando as duas questões numa só.

Inicialmente a questão dois perguntava se os treinadores davam importância à preparação da transição nos momentos de organização, no entanto, a mesma não finalizava com a preposição “porquê”, como tal, a mesma foi incluída de forma a que a questão não fosse direta, e o entrevistado não acabasse por apenas responder e não desenvolver a sua resposta.

Foi ainda alterada a questão acerca da importância das bolas paradas, uma vez que inicialmente a pergunta acercava-se do seu impacto no futebol mundial, e na versão final, debruça-se sobre a importância no modelo de jogo do treinador. Tal deve-se ao facto, de ser pretendida uma resposta mais pessoal e sustentada por parte do treinador entrevistado.

4. Elaboração da versão final

Após a validação foi necessário realizar ajustes de forma a adequar a mesma em função de uma ótica de investigação e de aproximação ao tema em questão (Gomes, 2007).

Após a validação do guião da entrevista foram efetuadas algumas alterações ao mesmo, entre as quais:

- Podendo o momento de jogo “Bolas Paradas” ser denominado de “Esquemas Táticos ou Bolas Paradas”, procedeu-se à utilização em exclusividade do termo “Bolas Paradas”, de forma a uniformizar conceitos e simplificar uma possível leitura tardia de alguém com menor entendimento acerca do tema;
- Alteração da ordem das questões três, quatro e cinco;
- Integração das anteriores questões um e dois numa só, ficando a questão um com ambas;
- Correções léxicas para melhor compreensão das questões.

5. Treino aprofundado da entrevista

Segundo Boni e Quaresma (2005), esta etapa revela-se fundamental para detetar possíveis erros e preparar da melhor forma a colocação em prática da mesma. Para Loureiro (2014), esta etapa pode ajudar o entrevistador a prever possíveis desvios e “divagações” de pensamento do entrevistado e assim pré-preparar a condução da entrevista em conformidade com aquilo que é pretendido.

Este passo foi igualmente relevante para que o entrevistador se tornasse mais seguro na condução da entrevista, tivesse mais domínio sobre as questões, e ao fim e ao cabo, conseguisse preparar estratégias comunicacionais para trazer de volta o entrevistado às questões que lhe foram colocadas.

6. Aplicação teste da entrevista

Segundo Resende (2016) este teste deve ser realizado em condições em tudo semelhantes às entrevistas do estudo e com entrevistado com características similares aos que vão participar no estudo.

Como tal, a mesma foi testada com dois treinadores de futebol profissionais, que já desempenharam funções nos contextos competitivos acima mencionados na caracterização dos participantes, ou seja, nas principais competições seniores profissionais em Portugal, esta atuação está de acordo com o aquilo que é mencionado por Flick (2005).

Este ponto permitiu também prever qual o tempo médio de entrevista, para que posteriormente a mesma fosse preparada em função disso. Procurou-se igualmente perceber se os objetivos propostos eram alcançáveis através deste guião, o que acabou por se confirmar.

7. Aplicação da entrevista

Esta etapa segundo Resende (2016) tem de ter em conta alguns aspetos considerados fundamentais, entre os quais:

- O tempo total da entrevista não deve exceder os noventa minutos, sob pena que a fadiga se instale, e se acentue uma diminuição de qualidade das respostas e da condução da entrevista;
- Deve-se dar a conhecer ao entrevistado os contornos e os objetivos da investigação;
- Salientar ao entrevistado que é possível o esclarecimento de qualquer dúvida em relação ao tema, ou questão efetuada;
- O entrevistador deve promover um clima saudável de confiança com o entrevistado;
- Utilizar uma linguagem cuidada, mas de fácil compreensão, mas com uma entoação variável e com enfoque na linguagem não verbal;
- O entrevistado deve evitar a realização de juízos de valor acerca do tema;

Todos estes passos para a validação do guião de entrevista foram efetuados, passando depois à escolha dos treinadores.

Depois de definidos os critérios de seleção dos treinadores entrevistados, foi iniciado o contacto pessoal, onde nessa conversa foram expostos e apresentado o tema do estudo, e agendada a data da sua realização assim como a forma como a mesma iria proceder.

Anteriormente à colocação em prática da entrevista, foram recolhidas algumas informações acerca do treinador, no âmbito académico e profissional, assim como, se procedeu à assinatura de um termo de consentimento informado (Anexo I), para que os resultados obtidos possam ser tratados e utilizados para a investigação.

Na aplicação das entrevistas o protocolo a realizar foi o seguinte (Carvalho, 2019):

- Início da gravação da entrevista, após permissão do entrevistado;
- Enquadramento inicial da entrevista e do estudo ao entrevistado;
- Reforçar a importância de o entrevistado pedir o esclarecimento de uma possível dúvida acerca da questão;
- Condução da entrevista, de acordo com os objetivos propostos;

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

- Criação de alguma empatia com o entrevistado, para que o mesmo se sinta o mais confortável possível com a sua prestação;

A identidade dos entrevistados foi e será preservada e após a gravação das entrevistas as mesmas foram transcritas de forma íntegra para posteriormente serem estudadas, através do método de análise de conteúdo, com a respetiva codificação, classificação e categorização da informação obtida.

O processo de análise e codificação foi realizado pergunta a pergunta, permitindo assim uma mais cuidada e melhor reflexão acerca dos códigos criados para cada questão.

4. Codificação: questões, variáveis e códigos

No presente estudo procurou-se estabelecer uma relação entre as questões apresentadas, as respetivas variáveis assentes em cada pergunta e os códigos inerentes a cada uma delas. Estes códigos foram criados com base na revisão de literatura efetuada e também através da informação obtida nas entrevistas realizadas.

Tabela 2. Códigos

| Questão | Variável | Código |
|---|-------------------------|---|
| 1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do mesmo? | Modelação | Determinante |
| | | Ideia de Jogo |
| | | Valores Pessoais |
| | | Ideia do Treinador |
| | | Vivências |
| | | Contexto do Clube |
| | | Características dos Jogadores |
| | | Recursos Materiais e Espaciais |
| | | Gosto Pessoal |
| | | Recursos Financeiras |
| | | Modelo de Jogo como preconizador do Modelo de Treino |
| 2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê? | Preparação da Transição | Fundamental |
| | | Antever o Momento Seguinte |
| | | Momentos Inseparáveis |
| | | Não considera as Transições Momentos de Jogo |
| | | Transições como momentos indicadores da qualidade da equipa |
| 3. Que importância têm as Bolas Paradas no seu | Bolas | Decisores de Jogos |
| | | Grande Peso na Análise do Adversário |

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

| | | |
|---|-----------------------------------|---|
| modelo de jogo? Justifique. | Paradas | Trabalhadas de forma abrangente com outros Momentos de Jogo |
| | | Mesma importância que os outros Momentos de Jogo |
| | | Momento de potencialização da Ideia de Jogo |
| | | Requer uma abordagem diferenciada |
| 4.Olhando para a generalidade das Bolas Paradas existentes, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas Bolas Paradas Ofensivas são realizados de acordo com que fatores? | Modelação das BPO | Análise do Adversário |
| | | Relação entre a Ideia de Jogo da Equipa e do Adversário |
| | | Características dos Jogadores |
| | | Jogo Posicional da Própria Equipa em Organização Ofensiva |
| | | Preparação de uma possível perda |
| | | Executante da Bola Parada |
| | | Vivências Passadas |
| 5.Tendo em conta a sua perspetiva acha relevante pensar / preparar a transição defensiva em situações de Bola Parada Ofensiva? E porquê? | Preparação da TD nas BPO | Decisivo |
| | | Manutenção do Equilíbrio |
| | | Difícil de Trabalhar em Treino |
| | | Foco em Permutas Posicionais |
| | | Para Garantir o Jogo posicional da Equipa |
| | | Posicionamento ofensivo contempla o equilíbrio ofensivo |
| | | Foco na mudança de mentalidade |
| 6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de Bola Parada Ofensiva? | Estratégias de equilíbrio nas BPO | Posicionar jogadores em função das suas características |
| | | Abordagens e trajetórias diferentes |
| | | Marcação Individual |
| | | Jogadores sobre a entrada de área |
| | | Jogadores sobre a linha de meio-campo |

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

| | | |
|---|--|--|
| | | Jogadores a meio de meio-campo |
| | | Equilíbrio como controlo do espaço |
| | | Equilíbrio como controlo de superioridades numéricas |
| | | Impedir a transição adversária o mais alto possível no campo |
| | | Diferentes linhas de cobertura |
| | | Batedor como preparador da Transição Defensiva |
| | | Recorrer à falta |
| | | Mantém a estrutura do momento de organização |
| 7.Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de Bola Parada Ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz? | Modelação das BPO tendo em conta o resultado e tempo de jogo | Em desvantagem no marcador |
| | | Em vantagem no marcador |
| | | Menos jogadores na área |
| | | Mais jogadores na área |
| | | Alterar posicionamento de jogadores com advertências disciplinares |
| | | Manter a posse de bola |
| | | Não altera |
| | | Colocar mais jogadores em equilíbrio |
| | | Guarda-Redes sobe à área em desvantagem |
| 8.Olhando para uma situação inversa, aquando de um Bola Parada Defensiva, como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza? | Modelação das BPD e preparação de TO | Não dá muita importância |
| | | Colocar jogadores sobre a linha de meio-campo |
| | | Guarda-Redes a lançar rápido o contra-ataque |

| | | |
|--|--|---|
| | | Tentativa de entrar em ataque posicional |
| | | 2ª linha zonal preparado para sair em contra-ataque |

Na tabela seguinte serão sustentados através da revisão de literatura efetuada e de um exemplo retirado das entrevistas efetuadas, os códigos referentes a cada variável.

Analisando a variável modelação, poder-se-á verificar a existência de onze códigos, conforme apresentado na tabela seguinte:

Tabela 3. Variável Modelação

| Variável | Código | Referência | Exemplo |
|-----------|------------------|--|---|
| Modelação | Determinante | “...o modelo de jogo teórico sistematizado é algo que deve ser levado como referência máxima servindo desta forma como orientação de todo o processo de treino e de jogo.” Morais (2018) | “É muito grande, a importância é muito grande, porque é no fundo, o guião de todo o processo...” (Treinador H) |
| | Ideia de Jogo | “Quando um clube contrata um treinador, contrata ideias de jogo, porque sabe que vai jogar dentro de determinadas ideias...” (Oliveira, 2008, citado em Gomes, 2008) | “...porque a ideia de jogo para mim vem primeiro, não é e depois em função da, daquilo que tu defendes como aquilo que tu gostas e vai depois construindo o modelo...” (Treinador B) |
| | Valores Pessoais | “Eu acredito que a personalidade das pessoas tem uma influência determinante naquilo que é o jogo que defendem.” (Pereira, 2020, citado em | “... há ideias que estão por detrás da construção, do dito modelo de jogo e essas ideias tem a ver com os valores de quem lidera...” (Treinador H) |

| | | | |
|--|--------------------------------|---|--|
| | | Jónatas, 2020) | |
| | Ideia do Treinador | “... a construção de um modelo de jogo está intimamente ligada com aquilo que é a ideia que o treinador tem para o jogo...” Tobar (2018) | "... é determinante em qualquer equipa e em qualquer circunstância porque é a ideia do treinador..." (Treinador F) |
| | Vivências | “Talvez tenhamos esta ideia de jogo arrojada e de risco fruto das nossas vivências.” (Campos, 2020, citado em Jónatas, 2020) | "O que me apaixona é o tipo de jogo que eu joguei toda a minha vida..." (Treinador E) |
| | Contexto do Clube | “... será condicionado e influenciado pelo contexto envolvente, ou seja, o país em que se vai treinar, a cultura do clube...” Tobar (2018) | "... nós temos que ir moldando e ajustando, o nosso modelo de jogo à realidade, que nós estamos e às circunstâncias do clube..." (Treinador D) |
| | Características dos Jogadores | “a definição do Modelo de Jogo surge da ideia que o treinador tem face ao jogo de futebol e das características dos jogadores...” Mourinho (2001) | “é sempre diferente, em função (...) dos jogadores que temos...” (Treinador F) |
| | Recursos Materiais e Espaciais | “Não é o mesmo estar num clube com umas estruturas do que noutra com outras.” Tamarit (2013) | "... se tem determinados recursos materiais para o que eu quero em termos de táticos e técnicos se tem os recursos dos campos de treino, próximos do estádio..." (Treinador D) |
| | Gosto Pessoal | “... eu tenho uma paixão enorme pelo controlo da | "...de dizer que gostamos de alguém que consideramos, |

| | | | |
|--|--|---|---|
| | | bola, é em função disso que eu alimento a minha perspectiva. (Valente, 2020, citado em Jónatas, 2020) | ou uma equipa gostamos ou que já vimos anteriormente..." (Treinador C) |
| | Recursos Financeiras | "... a construção de um modelo de jogo (...) será em função das condições económico-financeiras do clube." Castelo (1999) | "... mas o principal para mim, são as questões financeiras, porque são as questões financeiras que possibilitam tudo o resto..." (Treinador D) |
| | Modelo de Jogo como preconizador do Modelo de Treino | "Sendo o Modelo de Jogo o referencial do Modelo de Treino, o treinador deve procurar metodologias específicas que promovam o desenvolvimento da forma de jogar." Almeida (2014) | "... mais do que o modelo de jogo é o modelo de treino, assenta na forma como trabalhamos, está tudo interligado." (Treinador G) |

Para a variável Preparação da Transição foram estabelecidos cinco códigos, descritos na tabela seguinte:

Tabela 4. Variável Preparação da Transição

| Variável | Código | Referência | Exemplo |
|-------------------------|----------------------------|--|---|
| Preparação da Transição | Fundamental | "... é tão importante e decisiva, que reduzimos, ao ponto de fazermos sem bola..." (Carvalho, 2006, citado em Almeida, 2006) | "... tento preparar muito bem esses momentos de transição porque acho que são fundamentais." (Treinador D) |
| | Antever o Momento seguinte | "... muitas ações de perigo, e até de golo, surgem nos | "... esta perceção, de tu começares a antecipar aquilo que |

| | | | |
|--|---|---|---|
| | | momentos de transição defensiva, e aponta o problema para o facto das equipas não estarem equilibradas quando atacam..." (Oliveira, 2006, citado em Almeida, 2006) | pode vir acontecer, tem a ver com o quê, tem a ver com a maneira como tu olhas para o jogo..." (Treinador B) |
| | Momentos inseparáveis | "não existe ataque e defesa, existe sim ataque-defesa-ataque-defesa..." (Quinta, 2003, citado em Amieiro, 2003) | "... porque esses momentos de transição começam a ser preparados nos de organização..." (Treinador A) |
| | Não considera as transições Momentos de Jogo | "... na inoportunidade de falar sobre o momento de transição. Não será mais oportuno falar de instante?" Carvalho (2014) | "...eu não vejo o jogo, como a maior parte dos portugueses veem 4 momentos do jogo, não vejo nada, não vejo nada, porque a transição para mim, não é um momento do jogo..." (Treinador H) |
| | Transições como momentos indicadores da qualidade da equipa | "os treinadores atribuem uma grande importância à componente de organização coletiva do jogo, considerando ainda que os momentos de transição são momentos de teste à solidez coletiva de | "... eu diria até que as transições indicam muito... indicou muito o nível... o nível em que se encontram as equipas e a qualidade das equipas..." (Treinador C) |

| | | | |
|--|--|-------------------------------------|--|
| | | uma ideia de jogo.” Festa (2013) | |
|--|--|-------------------------------------|--|

A tabela 5 é referente à variável Bolas Paradas, variável essa onde foram criados seis códigos:

Tabela 5. Variável Bolas Paradas

| Variável | Código | Referência | Exemplo |
|---------------|---|---|--|
| Bolas Paradas | Decisoras de Jogos | “Os lances de bola parada, são lances incrivelmente importantes para a determinação de um resultado e até para a atribuição de títulos.” Castelo (1999) | "... é muito importante, é fundamental, desbloqueia jogos ..." (Treinador G) |
| | Grande peso na análise do adversário | “... devemo-nos centrar em conhecer o adversário, como atua, que importância atribui às Bolas Paradas...” Asensio (2015) | "...onde é que nós podemos aproveitar, (...), onde é que está o espaço, aonde é que eles são mais débeis e tentamos criar isso no treino..." (Treinador E) |
| | Trabalhadas de forma abrangente com outros Momentos de Jogo | “... os desenvolvimentos dos objetivos do exercício devem ser feitos procurando uma ligação entre os momentos de jogo e a execução das bolas paradas.” Sarmiento, Anguera, Pereira, | "Primeiro eu trabalho de forma a a abranger todos os momentos de jogo..." (Treinador E) |

| | | | |
|--|---|---|---|
| | | Marques, Campaniço e Leitão (2014) | |
| | Mesma importância que os outros Momentos | “... seria um erro dar mais importância a um aspeto do que a outro...” Vio (2012) | "Olha tem tanta importância como tem os outros momentos..." (Treinador A) |
| | Momento de potencialização da ideia de jogo | “... faz todo o sentido potenciar as mesmas, uma vez que são um momento representativo do jogo.” Bessa (2009) | "...a bola parada para mim é, logo um momento de afirmação, das minhas ideias..." (Treinador B) |
| | Requer uma abordagem diferenciada | “... são muitas as diferenças entre o jogo dinâmico e o jogo estático. Ao nível das regras, do posicionamento...” Asensio (2015) | "... requer uma preparação específica, orientada para essas situações e, portanto, a importância." (Treinador H) |

Na tabela 6 estão descritos os códigos referentes à variável Modelação das BPO:

Tabela 6. Variável Modelação das BPO

| Variável | Código | Referências | Exemplo |
|-------------------|-----------------------|---|--|
| Modelação das BPO | Análise do Adversário | “... adquirem vantagem sobre o adversário ao conhecerem os seus pontos fortes e fracos...” Low, Taylor e Williams (2002) | "... daquelas que estão ensaiadas, é pá são construídas no pressuposto, de um determinado comportamento do adversário..." (Treinador B) |
| | Relação entre a ideia | “Se não existir | "... nós não |

| | | | |
|--|---|--|--|
| | de jogo da equipa e do Adversário | variedade e diversidade, caímos no erro de tornarmos os LBP cada vez mais estáticos e repetitivos, sendo presas fáceis para os adversários.” Pereira (2008) | estudamos só o adversário e vamos estudando a nossa equipa, e vamos trabalhando...” (Treinador E) |
| | Características dos Jogadores | “... os treinadores forçam a importância das características dos jogadores antes de experimentar qualquer tipo de dinâmica de bola parada.” Bessa (2009) | "... não é só a capacidade, morfológica, (...), mas também as capacidades físicas adequadas ao saltar..." (Treinador F) |
| | Jogo Posicional da própria equipa em Organização Ofensiva | “... os atacantes devem-se posicionar mais perto da pequena área e os restantes mais atrás...” Hughes (1994) | Sem registos |
| | Preparação de uma possível perda | “... a intenção passa por posicionar cada jogador de determinada maneira para que a equipa esteja sempre organizada e equilibrada.” (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009) | "...posicionamentos e movimentos para tentar, no caso das ofensivas magoar o adversário e alguns posicionamentos para preparar a perda ou não finalização..." (Treinador A) |

| | | | |
|--|---------------------------|--|--|
| | Executante da Bola Parada | “...é importante possuir na equipa um bom marcador.” (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009) | "... o mais determinante de tudo, é quem marca..." (Treinador F) |
| | Vivências Passadas | “... a experiência e a capacidade intelectual do treinador são fundamentais...” Castelo (1996) | "... naturalmente tenho um... um modelo relativamente à parte das bolas paradas que me vem dos anos de experiência..." (Treinador F) |

A tabela 7 é referente à variável Preparação da TD nas BPO, e foram criados um total de sete códigos.

Tabela 7. Variável Preparação da TD nas BPO

| Variável | Código | Referência | Exemplo |
|--------------------------|--------------------------|--|---|
| Preparação da TD nas BPO | Decisivo | “... assumem (transições após bola parada) um papel importante na preparação do jogo.” (Gomes, 2009, citado em Bessa, 2009) | "... ter uma forte reação à perda da bola, e ter uma forte transição defensiva, é crucial." (Treinador E) |
| | Manutenção do Equilíbrio | “... estes equilíbrios passam por quando nós estamos a atacar num lance de bola parada...” (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009) | "... é muito importante, o equilíbrio, a forma como preparo os jogadores..." (Treinador D) |

| | | | |
|--|---|---|---|
| | Difícil de Trabalhar em Treino | <p>“Sempre foi conhecida a dificuldade de treiná-las durante a semana (...), por ser de forma isolada, no final da semana...”</p> <p>Puig (2018)</p> | <p>"... isto é desafiante, não é, porque muitas vezes há os treinos de bolas paradas, no dia anterior ao jogo, e queremos que a carga do treino seja baixa..." (Treinador H)</p> |
| | Foco em Permutas Posicionais | <p>“...deixamos um ou dois jogadores fora da área para tentar criar superioridade numérica em função dos jogadores que estão na frente...”</p> <p>(Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009)</p> | <p>"... e esses 2 que estão à frente da área, também estão numa posição dupla, uma também para equilibrar se for preciso, e na outra, também de poder ganhar uma segunda bola..." (Treinador B)</p> |
| | Para Garantir o Jogo posicional da Equipa | <p>“... essencial também, colocar os jogadores tendo em conta a sua posição em campo, para melhor prepararmos o momento de jogo seguinte...”</p> <p>Novais (2019)</p> | <p>"Nós podemos preparar ou começar a preparar essa bola logo em termos de um posicionamento inicial..." (Treinador C)</p> |
| | Posicionamento ofensivo contempla o equilíbrio ofensivo | <p>“... os jogadores sabem qual é o seu posicionamento não só para tarefas defensivas, mas também para as tarefas após</p> | <p>"... porque o posicionamento na bola parada ofensiva, é fundamental, para não só impedirmos a transição ofensiva do adversário..."</p> |

| | | | |
|--|--------------------------------|---|--|
| | | recuperação de bola.” (Mota, 2009, citado em Bessa, 2009) | (Treinador G) |
| | Foco na mudança de mentalidade | “... existem aspetos fundamentais, por exemplo, a concentração de cada atleta...” (Mota, 2009, citado em Bessa, 2009) | "... temos também que trabalhar, desenvolver, treinar aquilo que nós chamamos aquele “click”, aquela mudança de “chip” ataque-defesa..." (Treinador C) |

A tabela seguinte é referente aos códigos da variável Estratégias de equilíbrio nas BPO:

Tabela 8. Variável Estratégias de equilíbrio nas BPO

| Variável | Código | Referência | Exemplo |
|-----------------------------------|---|---|---|
| Estratégias de Equilíbrio nas BPO | Posicionar jogadores em função das suas características | “... depende exatamente das suas características.” (Mota, 2009, citado em Bessa, 2009) | "... colocamos um jogador mais alto e mais forte na bola parada..." (Treinador A) |
| | Abordagens e trajetórias diferentes | “... a equipa técnica pretendia que o canto fosse “fechado”. Esta escolha foi baseada nas características individuais dos jogadores... Pinto (2016) | "...permite ganhar tempo, em função do tempo da transição, em função do trajeto da bola..." (Treinador B) |
| | Marcação Individual | “Poderá eventualmente surgir o foco e vigilância nos jogadores que | "..., mas eu não deixava, eu deixava homem para homem..." |

| | | | |
|--|--|---|--|
| | | joguem nas zonas imediatamente fora da zona primária...” Rego (2019) | (Treinador E) |
| | Jogadores sobre a entrada de área | “1 jogador na entrada de área...” Almeida (2014) | "... coloco no mínimo 2 jogadores à entrada da área..." (Treinador F) |
| | Jogadores sobre a linha de meio-campo | “... 2 jogadores no meio-campo.” Vieira (2017) | "... 2 recuados logo a seguir à linha do meio-campo..." (Treinador H) |
| | Jogadores a meio de meio-campo | “... e 3 atrás (meio de meio-campo)” Almeida (2014) | "... e depois então, um jogador cá mais atrás, a meio do meio-campo..." (Treinador F) |
| | Equilíbrio como controlo do espaço | “... os jogadores permanecem nesta zona para controlar este espaço e condicionar a transição ofensiva adversária...” Novais (2019) | "...o meu equilíbrio defensivo nas bolas paradas, não tem a ver com o número de adversários, tem a ver com o controle de espaço..." (Treinador B) |
| | Equilíbrio como controlo de superioridades numéricas | “jogadores fora de área para tentar criar superioridade numérica em função dos jogadores que estão na frente...” (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009) | Sem Exemplo |
| | Impedir a transição adversária o mais | Posicionar jogadores em zonas que | "...jogadores posicionados em |

| | | | |
|--|--|---|---|
| | alto possível no campo | possam permitir uma aproximação mais rápida à bola | equilíbrio para podermos parar uma transição o mais longe possível..." (Treinador C) |
| | Diferentes linhas de cobertura | "... jogadores (...) como referências para precaver transição do adversário, (...), e jogadores sob o meio-campo para cobertura à terceira linha..." Macedo (2014) | "... a partir daí adotamos sempre posicionamentos de forma a estarmos com linhas de cobertura suficientes..." (Treinador C) |
| | Batedor como preparador da Transição Defensiva | Dar uma missão de equilíbrio defensivo ao executante após a marcação do LBP | "... o marcador da bola parada, também tem que reagir..." (Treinador D) |
| | Recorrer à falta | "... levam de alguma maneira a estancar o ataque recorrendo à falta." (Machado, 2009, citado em Bessa, 2009) | "... para evitar este contra-ataque, com uma falta tática..." (Treinador F) |
| | Mantém a estrutura do momento de organização | "... orientar a distribuição no campo semelhante ao jogo real para desenvolver jogadas ensaiadas Rego (2019) | "... eu tento colocar também no esquema tático e (...), mais ou menos dentro das posições..." (Treinador E) |

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

A tabela seguinte é alusiva à variável Modelação das BPO tendo em conta resultado e tempo de jogo:

Tabela 9. Modelação das BPO tendo em conta o resultado e o tempo de jogo.

| Variável | Código | Referência | Exemplo |
|--|---|---|---|
| Modelação das BPO tendo em conta o resultado e o tempo de jogo | Em desvantagem no marcador | Em desvantagem no marcador e perto do fim do jogo, a equipa tende a alterar as suas dinâmicas e posicionamentos | "... à medida que o jogo se aproxima do fim estamos a perder e de alguma forma temos de ir atrás do resultado..." (Treinador A) |
| | Em vantagem no marcador | Perto do término do jogo e em vantagem no marcador, a equipa altera o seu posicionamento e dinâmicas | "...tenho um canto a meu favor, e estou a ganhar, e pá, não é, que eu vá com toda a gente (...) olha 1 central olha vai ficar aqui..." (Treinador A) |
| | Menos jogadores na área | Face a um resultado positivo perto do final o treinador tende a colocar menos jogadores no interior da área | "... estamos a ganhar e só vai um central e fica cá outro..." (Treinador G) |
| | Mais jogadores na área | Face a um resultado negativo perto do final o treinador tende a colocar mais jogadores no interior da área | "... tenho 2 aqui à entrada da área, e estamos a perder, e olha ficas só tu e (...) e entra mais um homem..." (Treinador E) |
| | Alterar posicionamento de jogadores com | Jogadores com cartões amarelos tendem a ser | "... às vezes um jogador tem cartão amarelo e trocamos |

| | | | |
|--|---|--|---|
| | advertências disciplinares | posicionados em espaços que não inviabilizem uma falta tática | porque às vezes pode ser preciso para parar um contra-ataque..." (Treinador G) |
| | Manter a posse de bola | Face a um resultado positivo, o treinador tem como objetivo a manutenção da posse de bola, em virtude de uma tentativa de cruzamento | "...fazer um canto curto, para manutenção de posse de bola..." (Treinador H) |
| | Não altera | Mesmo nestas circunstâncias, positivas ou negativas, o treinador não realiza alterações | "... alterar só porque sim, eu acho que isso em vez de nos dar estabilidade, poderá ter um efeito completamente contrário, deixar-nos frágeis e ansiosos..." (Treinador C) |
| | Colocar mais jogadores em equilíbrio | Numa situação de vantagem no marcador, a equipa tende a posicionar jogadores em zonas de equilíbrio | "... eu sinto que tem a necessidade de se, potenciar mais o equilíbrio defensivo..." (Treinador B) |
| | Guarda-Redes sobe à área em desvantagem | Em situação de desvantagem perto do final do jogo, o GR sobe ao interior da área adversária | "...casos em que os últimos momentos do jogo e pode haver até a possibilidade de o guarda-redes ir lá..." (Treinador F) |

Esta última tabela é relativa à variável Modelação das BPD e preparação da TO:

Tabela 10. Modelação das BPD e preparação da TO

| Variável | Código | Referência | Exemplo |
|--------------------------------------|---|---|--|
| Modelação das BPD e preparação da TO | Não dá muita importância | Sem referência | "... aí... é muito mais aberto do que fechado ..." (Treinador G) |
| | Colocar jogadores sobre a linha de meio-campo | "... quase todas as equipas colocam um ou dois jogadores na frente..." (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009) | "... e punha 3 gajos a atacar, e porquê, lá está, com a questão da superioridade, para já, criava ali, um, um impacto diferente no adversário..." (Treinador B) |
| | Guarda-Redes a lançar rápido o contra-ataque | "... o GR desempenha um papel importante, uma vez que pode aproveitar a desorganização defensiva do adversário..." Simões (2018) | "... para dar a possibilidade de o guarda-redes normalmente que fica com a bola, sair em contra-ataque..." (Treinador F) |
| | Tentativa de entrar em ataque posicional | Após recuperação da posse de bola, a equipa tem como principal objetivo entrar em organização ofensiva. | "... de forma natural entrar em organização de forma estável, fundamentalmente... é isso que procuramos!" (Treinador C) |
| | 2ª linha zonal preparado para sair em contra-ataque | "... dois jogadores na subzona 2 preparados para uma segunda bola, mas | "... À frente dessa linha temos três jogadores, cuja primeira tarefa é |

| | | | |
|--|--|---|---|
| | | também como referências para contra-ataque...” Macedo (2014) | obviamente ajudar a defender, mas se a equipa resolver o lance são três jogadores que estão também colocados ali estrategicamente para saírem rapidamente para o contra-ataque...” (Treinador A) |
|--|--|---|---|

5. Tratamento da Informação

Como anteriormente mencionado e descrito, tratando-se de um estudo qualitativo, recorreremos à análise de conteúdo para a efetuação do tratamento dos dados obtidos em entrevista. Para a sua execução seguiram-se as etapas descritas como necessárias por diversos autores de referência neste tipo de estudo (Aires, 2011; Bardin, 2004; Saldaña, 2009).

A análise de conteúdo deve ser compreendida entre um conjunto de processos sistemáticos, ainda que ajustáveis a cada tipo de estudo, uma vez que a forma como deve ser realizada a análise não segue processos fechados de execução, mas encerra em si um conjunto de regras e tarefas transversais a todas as formas de execução (Bardin, 2004). A mesma autora descreve ainda a análise de conteúdo como uma forma de inferência fiável e que permite uma interpretação do conteúdo das mensagens.

Segundo Aires (2011), a análise de dados constitui-se por um conjunto de três processos: redução de dados, exposição de dados e extração de dados.

Já Saldaña (2009) reforça a importância da codificação inicial para uma melhor extração dos resultados, reforçando a ideia de que os passos “construtivos” da análise de conteúdo permitem um avanço conceptual e teórico acerca de um tema.

Tendo em conta o que foi mencionado, todo o processo de execução foi respeitado segundo as indicações dos autores, ou seja, houve recolha de dados, depois a transcrição integral das entrevistas (processo fundamental), numa segunda fase o processo de codificação e categorização das variáveis e por fim a operacionalização propriamente dita da análise de conteúdo. Para a análise de conteúdo efetuada, considerou-se pertinente cruzar a informação obtida através das entrevistas com a bibliografia existente encontrada.

Parte IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

Nesta parte da dissertação, numa fase inicial serão apresentados os resultados obtidos tendo por base a sua frequência absoluta e relativa, como forma de demonstrar a incidência sobre cada um dos códigos criados para cada variável. Posteriormente serão apresentados os resultados em forma de síntese, realizando uma comparação entre o código descrito e cada um dos treinadores, para depois ser realizada uma análise variável a variável.

1. Codificação

Nas tabelas seguintes serão apresentadas as variáveis em estudo, assim como os códigos e a sua respetiva frequência absoluta e frequência relativa. Nota para o facto de apenas se considerar um registo por treinador para cada código, este procedimento foi decisivo para que o valor absoluto e relativo não fosse incrementado em relação aos demais, e causando assim um desvirtuamento do resultado final.

A tabela abaixo é referente à variável Modelação, e apresenta a frequência de registo de cada um dos códigos formulados.

Observando os valores é possível observar que a ideia do treinador foi mencionada 7 vezes (87.5%), seguido pelo facto de ser “determinante”, referida por 6 vezes (75%). Também as “características dos jogadores” foram consignadas por 5 vezes (62.5%). O “contexto do clube” também foi aludido por 4 vezes (50%). Na variável Modelação, o código “Modelo de Jogo como preconizador do Modelo de Treino” foi referido por 3 vezes (37.5%). Indicada por 2 vezes, os códigos “Ideia de Jogo”, “Valores Pessoais”, “Vivências e Gosto Pessoal” o que corresponde a 25%. Por 1 vez, os códigos “Recursos Materiais e Espaciais”, e “Recursos Financeiros”, o que corresponde a 12.5%.

Tabela 11. Frequência de registo da variável Modelação

| Variável | Código | Frequência de Registo | |
|-----------|--------------------|-----------------------|--------------------|
| | | Absoluta (8) | Relativa (100%) |
| Modelação | Determinante | 6 | 75% |
| | Ideia de Jogo | 2 | 25% |
| | Valores Pessoais | 2 | 25% |
| | Ideia do Treinador | 7 | 87,5% |
| | Vivências | 2 | 25% |
| | Contexto do Clube | 4 | 50% |

| | | | |
|--|--|---|-------|
| | Características dos Jogadores | 5 | 62,5% |
| | Recursos Materiais e Espaciais | 1 | 12,5% |
| | Gosto Pessoal | 2 | 25% |
| | Recursos Financeiras | 1 | 12,5% |
| | Modelo de Jogo como preconizador do Modelo de Treino | 3 | 37,5% |

A tabela 12 aborda a variável Preparação da Transição e são apresentados os valores relativos e absolutos de cada código formulado.

Na variável Preparação da Transição, o código mais mencionado foi o “Fundamental”, referido 6 vezes, o que corresponde a 75%. “Antever o Momento Seguinte” foi indicado por 5 vezes (62.5%). O código “Momentos Inseparáveis” foi referido por 2 vezes (25%). Por 1 vez, os códigos: “Não considera as Transições Momentos de Jogo” e “Transições como momentos indicadores da qualidade da equipa”, o que corresponde a 12.5%.

Tabela 12. Frequência de registo da variável Preparação da Transição

| Variável | Código | Frequência de Registo | |
|-------------------------|---|-----------------------|--------------------|
| | | Absoluta (8) | Relativa (100%) |
| Preparação da Transição | Fundamental | 6 | 75% |
| | Antever o Momento Seguinte | 5 | 62,5% |
| | Momentos Inseparáveis | 2 | 25% |
| | Não considera as Transições Momentos de Jogo | 1 | 12,5% |
| | Transições como momentos indicadores da qualidade da equipa | 1 | 12,5% |

A tabela 13 é referente à variável Bolas Paradas e são apresentadas as suas frequências de registo. Como é possível observar, o código que identifica as bolas paradas como “decisores de jogos” foi referenciada por 7 vezes, o que corresponde a 87.5%. O código “Grande Peso na Análise do Adversário” foi mencionado por 3 vezes, 37.5%. Seguidamente os códigos: “Mesma importância que os outros momentos de jogo” e “Momento de potencialização da ideia de jogo”, foram aludidos por 2 vezes, o que corresponde a 25%. Por 1 vez, o que corresponde a 12.5% foram mencionados dois códigos: “Trabalhadas de forma abrangente com outros momentos de jogo” e “Requer uma abordagem diferenciada”.

Tabela 13. Frequência de registo da variável Bolas Paradas

| Variável | Código | Frequência de Registo | |
|---------------|---|-----------------------|--------------------|
| | | Absoluta (8) | Relativa (100%) |
| Bolas Paradas | Decisores de Jogos | 7 | 87,5% |
| | Grande Peso na Análise do Adversário | 3 | 37,5% |
| | Trabalhadas de forma abrangente com outros Momentos de Jogo | 1 | 12,5% |
| | Mesma importância que os outros Momentos de Jogo | 2 | 25% |
| | Momento de potencialização da Ideia de Jogo | 2 | 25% |
| | Requer uma abordagem diferenciada | 1 | 12,5% |

A tabela 14 é referente à variável Modelação das BPO e apresenta a frequência de registo de cada um dos códigos. O código mais vezes referenciado foi a “Relação entre a ideia de jogo da equipa e do adversário”, por 6 vezes, o que corresponde a 75%. Por 4 vezes, o código “Análise do Adversário” foi mencionado, o que corresponde a 50%. Por 3 vezes, o código “Características dos Jogadores” e “Executante da Bola Parada” foi indicado, correspondendo a 37.5%. Por 1 vez e correspondendo a 12.5%, foram mencionados os códigos “Preparação de uma possível perda” e “Vivências passadas”. O código “Jogo Posicional da própria equipa em Organização Ofensiva” não foi referenciado.

Tabela 14. Frequência de registo da variável Modelação das BPO

| Variável | Código | Frequência de Registo | |
|-------------------|---|-----------------------|--------------------|
| | | Absoluta (8) | Relativa (100%) |
| Modelação das BPO | Análise do Adversário | 4 | 50% |
| | Relação entre a Ideia de Jogo da Equipa e do Adversário | 6 | 75% |
| | Características dos Jogadores | 3 | 37,5% |
| | Jogo Posicional da Própria Equipa em Organização Ofensiva | 0 | 0% |
| | Preparação de uma possível perda | 1 | 12,5% |
| | Executante da Bola Parada | 3 | 37,5% |
| | Vivências Passadas | 1 | 12,5% |

A tabela 15 apresenta a frequência de registo da variável Preparação da TD nas BPO. O código “Decisivo” foi o mais vezes mencionado, por 6 vezes, o que corresponde a 75%,

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

seguido do “Foco em permutas posicionais”, referido por 4 vezes, ou seja 50%. Por 3 vezes, o que corresponde a 37.5%, está o código “Manutenção do Equilíbrio”. O código “Foco na mudança de mentalidade” foi supracitado por 2 vezes, o que corresponde a 25%. Por 1 vez e correspondendo a 12.5%, foram referenciados os códigos “Difícil de trabalhar em treino”, “Para garantir o Jogo Posicional da Equipa” e “Posicionamento ofensivo contempla o equilíbrio ofensivo”.

Tabela 15. Frequência de registo da variável Preparação da TD nas BPO

| Variável | Código | Frequência de Registo | |
|-----------------------------|---|-----------------------|--------------------|
| | | Absoluta (8) | Relativa (100%) |
| Preparação da TD nas BPO | Decisivo | 6 | 75% |
| | Manutenção do Equilíbrio | 3 | 37,5% |
| | Difícil de Trabalhar em Treino | 1 | 12,5% |
| | Foco em Permutas Posicionais | 4 | 50% |
| | Para Garantir o Jogo posicional da Equipa | 1 | 12,5% |
| | Posicionamento ofensivo contempla o equilíbrio ofensivo | 1 | 12,5% |
| | Foco na mudança de mentalidade | 2 | 25% |

A tabela 16 é referente à variável Estratégias de Equilíbrio nas BPO e apresenta a frequência de registo de cada um dos códigos.

Observando os valores registados, destaca-se o código “Diferentes linhas de cobertura”, com 8 registos, o que corresponde a 100%. Depois com 6 registos, o código “Jogadores sobre a entrada de área”, correspondendo a 75%. Com 5 registos, perfazendo 62.5% o código “Jogadores sobre a linha de meio-campo”. Com 3 registos, ou seja 37.5%, os códigos “Posicionar jogadores em função das características” e “Batedor como preparador da Transição Defensiva”. Os códigos “Abordagens e trajetórias diferentes”, “Recorrer à falta” e “Equilíbrio como controlo do espaço” registaram 2 referências, ou seja 25%. Com 1 registo (12.5%), 4 códigos, “Marcação individual”, “Jogadores a meio de meio-campo”, “Impedir a transição adversária o mais alto possível no campo” e “Mantém a estrutura no momento de organização”. Sem qualquer menção, o código “Equilíbrio como controlo de superioridades numéricas”.

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

Tabela 16. Frequência de registo da variável Estratégias de Equilíbrio nas BPO

| Variável | Código | Frequência de Registo | |
|-----------------------------------|--|-----------------------|--------------------|
| | | Absoluta (8) | Relativa (100%) |
| Estratégias de Equilíbrio nas BPO | Posicionar jogadores em função das suas características | 3 | 37,5% |
| | Abordagens e trajetórias diferentes | 2 | 25% |
| | Marcação Individual | 1 | 12,5% |
| | Jogadores sobre a entrada de área | 6 | 75% |
| | Jogadores sobre a linha de meio-campo | 5 | 62,5% |
| | Jogadores a meio de meio-campo | 1 | 12,5% |
| | Equilíbrio como controlo do espaço | 2 | 25% |
| | Equilíbrio como controlo de superioridades numéricas | 0 | 0% |
| | Impedir a transição adversária o mais alto possível no campo | 1 | 12,5% |
| | Diferentes linhas de cobertura | 8 | 100% |
| | Batedor como preparador da Transição Defensiva | 3 | 37,5% |
| | Recorrer à falta | 2 | 25% |
| | Mantém a estrutura do momento de organização | 1 | 12,5% |

A tabela 17 é referente à variável Modelação das BPO tendo em conta o resultado e tempo de jogo, e apresenta a frequência de registo de cada um dos códigos.

O código mais mencionado foi “Manter a posse de bola”, por 3 vezes, correspondendo a 37.5%, seguido dos códigos “Em desvantagem no marcador”, “Em vantagem no marcador” e “Mais jogadores na área”, todos eles por duas vezes, ou seja 25%. Por 1 vez, portanto, 12.5%, foram referidos os códigos “Menos jogadores na área”, “Alterar posicionamento de jogadores com advertências disciplinares”, “Não altera”, “Colocar mais jogadores em equilíbrio” e “Guarda-Redes sobe à área em desvantagem”.

Tabela 17. Frequência de registo da variável Modelação das BPO tendo em conta o resultado e o tempo de jogo

| Variável | Código | Frequência de Registo | |
|--|----------------------------|-----------------------|--------------------|
| | | Absoluta (8) | Relativa (100%) |
| Modelação das BPO tendo em conta o resultado e tempo de jogo | Em desvantagem no marcador | 2 | 25% |
| | Em vantagem no marcador | 2 | 25% |
| | Menos jogadores na área | 1 | 12,5% |
| | Mais jogadores na área | 2 | 25% |

| | | | |
|--|--|---|-------|
| | Alterar posicionamento de jogadores com advertências disciplinares | 1 | 12,5% |
| | Manter a posse de bola | 3 | 37,5% |
| | Não altera | 1 | 12,5% |
| | Colocar mais jogadores em equilíbrio | 1 | 12,5% |
| | Guarda-Redes sobe à área em desvantagem | 1 | 12,5% |

A tabela 18 mostra a frequência de registo da variável Modelação das BPD e preparação da TO.

Observando os valores alcançados, o código mais vezes referido foi “2ª linha zonal preparada para sair em contra-ataque”, por 4 vezes, o que corresponde a 50%, seguido do código “Guarda-Redes a lançar rápido o contra-ataque”, por 3 vezes, correspondendo a 37.5%. Por 2 vezes, ou seja 25%, o código “Não dá muita importância”. Por 1 vez, foram mencionados os códigos “Colocar jogadores sobre a linha de meio-campo” e “Tentativa de entrar em ataque posicional”, o que corresponde a 12.5%.

Tabela 18. Frequência de registo da variável Modelação das BPD e preparação da TO

| Variável | Código | Frequência de Registo | |
|--------------------------------------|---|-----------------------|--------------------|
| | | Absoluta (8) | Relativa (100%) |
| Modelação das BPD e preparação da TO | Não dá muita importância | 2 | 25% |
| | Colocar jogadores sobre a linha de meio-campo | 1 | 12,5% |
| | Guarda-Redes a lançar rápido o contra-ataque | 3 | 37,5% |
| | Tentativa de entrar em ataque posicional | 1 | 12,5% |
| | 2ª linha zonal preparada para sair em contra-ataque | 4 | 50% |

Observando as tabelas anteriores relativas à frequência de registo de cada um dos códigos em cada variável, conclui-se que ao todo foram criados 63 códigos para as 8 variáveis, não sendo a sua distribuição equitativa, uma vez que diferentes variáveis têm um número diferente de códigos.

Dos 63 códigos criados, apenas dois deles não obtiveram registo, um referente à variável Modelação das BPO – “Jogo posicional da própria equipa em organização ofensiva” e outro relativo à variável Estratégias de equilíbrio nas BPO – “Equilíbrio como controlo de superioridades numéricas”. Ambos foram criados, uma vez que foi

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

encontrada literatura relevante, assim como declarações públicas de outros treinadores e reforçado com algum pensamento conceptual acerca do jogo e da sua modelação.

A tabela 19 apresenta em forma de síntese as respostas de cada um dos treinadores tendo em conta os códigos anteriormente descritos para cada variável.

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

Tabela 19. Síntese das respostas dos treinadores entrevistados

| Variável | Códigos | Treinadores | | | | | | | |
|--|--|-------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | A | B | C | D | E | F | G | H |
| Modelação | Determinante | x | | x | x | | x | x | x |
| | Ideia de Jogo | | x | | | | x | | |
| | Valores Pessoais | | | x | | | | | x |
| | Ideia do Treinador | x | x | x | x | x | x | | x |
| | Vivências | | | x | | x | | | |
| | Contexto do Clube | | | x | x | | x | | x |
| | Características dos Jogadores | x | | x | x | | x | x | |
| | Recursos Materiais e Espaciais | | | | x | | | | |
| | Gosto Pessoal | | | x | | x | | | |
| | Recursos Financeiras | | | | x | | | | |
| Modelo de Jogo como preconizador do Modelo de Treino | | | | | | x | x | x | |
| Preparação da Transição | Fundamental | x | | x | x | x | x | x | x |
| | Antever o Momento Seguinte | | x | | x | x | | x | x |
| | Momentos Inseparáveis | x | | | | | | x | |
| | Não considera as Transições Momentos de Jogo | | | | | | | | x |
| Transições como momentos indicadores da qualidade da equipa | | | x | | | | | | |
| Bolas Paradas | Decisores de Jogos | x | | x | x | x | x | x | x |
| | Grande Peso na Análise do Adversário | | | x | x | x | | | |
| | Trabalhadas de forma abrangente com outros Momentos de Jogo | | | | | x | | | |
| | Mesma importância que os outros Momentos de Jogo | x | | | | | x | | |
| | Momento de potencialização da Ideia de Jogo | | x | x | | | | | |
| | Requer uma abordagem diferenciada | | | | | | | | x |
| Modelação das BPO | Análise do Adversário | | x | | x | x | | | x |
| | Relação entre a Ideia de Jogo da Equipa e do Adversário | | x | x | | x | x | x | x |
| | Características dos Jogadores | | | x | x | | x | | |
| | Jogo Posicional da Própria Equipa em Organização Ofensiva | | | | | | | | |
| | Preparação de uma possível perda | x | | | | | | | |
| | Executante da Bola Parada | | | | x | x | x | | |
| Preparação das TD nas BPO | Vivências Passadas | | | | | | x | | |
| | Decisivo | x | | | x | x | x | x | x |
| | Manutenção do Equilíbrio | x | | | x | | | | x |
| | Difícil de Trabalhar em Treino | | | | | | | | x |
| | Foco em Permutas Posicionais | | x | | | x | x | | x |
| | Para Garantir o Jogo posicional da Equipa | | | x | | | | | |
| Estratégias de Equilíbrio nas BPO | Posicionamento ofensivo contempla o equilíbrio ofensivo | | | | | | | x | |
| | Foco na mudança de mentalidade | | | x | x | | | | |
| | Posicionar jogadores em função das suas características | x | | | | | x | | x |
| | Abordagens e trajetórias diferentes | | x | | | | | | x |
| | Marcação Individual | | | | | x | | | |
| | Jogadores sobre a entrada de área | x | x | | x | x | x | | x |
| | Jogadores sobre a linha de meio-campo | x | x | | x | x | | | x |
| | Jogadores a meio de meio-campo | | | | | | x | | |
| | Equilíbrio como controlo do espaço | | x | | | | | | x |
| | Equilíbrio como controlo de superioridades numéricas | | | | | | | | |
| | Impedir a transição adversária o mais alto possível no campo | | | | x | | | | |
| | Diferentes linhas de cobertura | x | x | x | x | x | x | x | x |
| | Batedor como preparador da Transição Defensiva | | | | x | | x | | x |
| Recorrer à falta | | | | | x | x | | | |
| Mantém a estrutura do momento de organização | | | | | x | | | | |
| Modelação das BPO tendo em conta o resultado e tempo de jogo | Em desvantagem no marcador | x | | | x | | | | |
| | Em vantagem no marcador | | x | | | | | | x |
| | Menos jogadores na área | | | | | | | x | |
| | Mais jogadores na área | | | | x | x | | | |
| | Alterar posicionamento de jogadores com advertências disciplinares | | | | | | | x | |
| | Manter a posse de bola | | x | | | | x | | x |
| | Não altera | | | x | | | | | |
| | Colocar mais jogadores em equilíbrio | | x | | | | | | |
| Guarda-Redes sobre à área em desvantagem | | | | | | x | | | |
| Modelação das BPD e preparação da TO | Não dá muita importância | | | | | x | | x | |
| | Colocar jogadores sobre a linha de meio-campo | | x | | | | | | |
| | Guarda-Redes a lançar rápido o contra-ataque | | x | | | | x | | x |
| | Tentativa de entrar em ataque posicional | | | x | | | | | |
| 2ª linha zonal preparado para sair em contra-ataque | x | x | | | | | x | x | |

Perante a tabela acima apresentada, é possível retirar algumas conclusões breves:

Em primeiro lugar, a coerência apresentada pela grande maioria dos treinadores em relação ao nível de modelação dos lances de bolas parada, em particular das suas estratégias de equilíbrio, com todos os treinadores a considerarem a importância de ter diferentes linhas de cobertura (N=8) aquando de uma situação de bola parada, revelando um cuidado para com a preparação de uma possível perda. Esta coerência fica ainda mais patente na variável Estratégias de Equilíbrio nas BPO, nomeadamente nos códigos relativos ao número de jogadores na entrada de área (N=6), a meio de meio-campo (N=1) e sobre a linha de meio-campo (N=5).

É também possível dar nota de algumas respostas consensuais entre os treinadores, nomeadamente em relação à preparação da transição (N=6), seja ela ofensiva ou defensiva, aquando de um momento de organização, e ainda acerca da importância das bolas paradas na determinação de um resultado final (N=7).

2. Análise às Variáveis

Neste ponto serão apresentados os resultados obtidos em cada variável e respetiva análise de acordo com a revisão de literatura.

2.1 Modelação

Na tabela 20, o registo de resposta da variável modelação.

Tabela 20. Modelação - registo de respostas

| Variável | Códigos | Treinadores | | | | | | | |
|-----------|--|-------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | A | B | C | D | E | F | G | H |
| Modelação | Determinante | x | | x | x | | x | x | x |
| | Ideia de Jogo | | x | | | x | | | |
| | Valores Pessoais | | | x | | | | | x |
| | Ideia do Treinador | x | x | x | x | x | x | | x |
| | Vivências | | | x | | x | | | |
| | Contexto do Clube | | | x | x | | x | | x |
| | Características dos Jogadores | x | | x | x | | x | x | |
| | Recursos Materiais e Espaciais | | | | x | | | | |
| | Gosto Pessoal | | | x | | x | | | |
| | Recursos Financeiras | | | | x | | | | |
| | Modelo de Jogo como preconizador do Modelo de Treino | | | | | | x | x | x |

Na variável modelação os 6 treinadores (A, C, D, F, G e H), reforçaram a importância do modelo de jogo para o bom desempenho da equipa.

"Determinante para teres sucesso essa é a minha opinião." (treinador A).

"É muito grande, a importância é muito grande, porque é no fundo, o guião de todo o processo..." (treinador H).

Estas afirmações são enfatizadas por Morais (2018) que preconiza o Modelo de Jogo como a referência máxima de todo o processo de desenvolvimento da equipa, e também por Tobar (2018) que defende que o Modelo de Jogo é o guia coordenador do processo, e que o mesmo serve como referencial máximo, tornando-o assim determinante para o desenvolvimento coletivo da equipa.

Ainda assim, na variável modelação, o código que teve maior frequência de registo foi a ideia do treinador, ou seja, foi amplamente afirmado que o modelo de jogo tem como grande pressuposto de construção a ideia do treinador, tal como o treinador C refere *"...nós partimos do pressuposto que temos uma... uma visão de termos uma forma de olhar para o jogo..."*, o que também é afirmado pelo treinador F *"... é determinante em qualquer equipa e em qualquer circunstância porque é a ideia do treinador..."*, e pelo treinador A *"os pressupostos resultam de um combinar daquilo que são as ideias do treinador..."*. Observando a literatura, é possível reafirmar a importância da ideia do treinador para a construção do modelo, Tobar (2018) diz mesmo que *"... a construção de um modelo de jogo está intimamente ligada com aquilo que é a ideia que o treinador tem para o jogo..."* Também Casarin et al. (2011) olha para a construção do modelo de jogo como algo indispensável e refere-se ao mesmo como aquilo que profere sentido ao processo e que delinea um caminho em busca de um conjunto de regularidades, que se pretende que seja apresentado em jogo. Este pensamento conceptual fruto do entendimento que cada treinador tem para o jogo. Igualmente Oliveira (2003) defende que a ideia do treinador é um aspeto determinante na organização tática coletiva de uma equipa de futebol.

Outro fator importante para a construção do Modelo de Jogo, segundo os treinadores entrevistados, são as características dos jogadores, o treinador F refere que *"é sempre diferente, em função (...) dos jogadores que temos."*, e o treinador D salienta a importância das características dos jogadores, dizendo *"..., mas tenho que ter alguma flexibilidade, no sentido sempre de, de ajustar tudo aquilo que são as características dos nossos jogadores..."*. Estas duas afirmações vão ao encontro do descrito por Carvalhal

(2014) que defende a importância das características dos jogadores para a construção do modelo de jogo, dizendo mesmo que as características do indivíduo são fundamentais para a interpretação das tarefas que lhes são sujeitas. Muitos outros treinadores se orientam pela mesma ótica de pensamento, tais como "... ter sempre capacidade de adaptação às características dominantes dos jogadores." (Vieira, 2020, p.64, citado em Jónatas, 2020); "... quando passamos do conceito à operacionalização temos de ter em conta as características dos jogadores (Matos, 2020, p.27, citado em Jónatas, 2020); "... quando detetas que estás a ir além da capacidade de resposta deles tens de voltar atrás e ir modelando." (Pereira, 2020, p.46, citado em Jónatas, 2020).

Outro aspeto realçado pelos treinadores foi o contexto do clube onde esse Modelo vai ser desenvolvido, diversos autores salientam a sua importância. Tamarit (2013) refere-se ao contexto do clube como sendo decisivo na medida em que molda e sustenta todo o trabalho que poderá a vir a ser realizado. Também Gomes (2013) sustenta que a capacidade de adequação das ideias face ao contexto é extremamente importante, uma vez que o contexto dita recursos, formas de pensar e de estar. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Maciel (2011) destaca a importância de adequação face ao contexto, uma vez que a ideia implementada vai se desenvolvendo e moldando, resultando num referencial coletivo onde o contexto que o rodeia tem um papel determinante nisso mesmo. O treinador D refere "*... nós temos que ir moldando e ajustando, o nosso modelo de jogo à realidade, que nós estamos e às circunstâncias do clube...*", o treinador C dentro da mesma linha de pensamento refere "*... e depois naturalmente em função do contexto onde estamos inseridos.*"

Olhar para o Modelo de Jogo, também é olhar para o Modelo de Treino, uma vez que segundo Garganta (2005) é necessário um estabelecimento de uma relação próxima entre a lógica interna do jogo, o modelo de jogo adotado e o processo de treino, pois o treino deverá ser um momento de desenvolvimento e aplicação de cenários que sejam pretendidos em competição. Também Seiru-lo (2009) defende que a otimização do jogador dentro do coletivo passa pela proximidade do treino ao jogo, antemurando que quanto maior o grau de proximidade das situações de treino em relação ao que é pretendido ao jogo, melhor vai ser o desenvolvimento coletivo e individual. Estes pontos de vista são igualmente referidos pelos treinadores, por exemplo, o treinador G diz, "*... mais do que o modelo de jogo é o modelo de treino, assenta na forma como trabalhamos, está tudo interligado.*", e no mesmo panorama o treinador F refere, "*...*"

tudo o que eu faço, num processo de treino, advém do que compõe o meu modelo de treino, advém das ideias que eu tenho para o jogo, e para aquilo que eu quero, que a equipa faça, em jogo...".

Também as vivências e o gosto pessoal são fatores a ser levados em conta, tendo por base as afirmações proferidas por alguns treinadores. O treinador C refere "*... temos uma visão de termos uma forma de olhar para o jogo e em virtude das nossas experiências...*", ideia complementada pela afirmação do treinador E que afirma "*O que me apaixona é o tipo de jogo que eu joguei toda a minha vida...*", pelo que, a ideia de jogo resulta em parte do risco assumido e das suas vivências (Campos, 2020, citado em Jónatas, 2020). O gosto pessoal, segundo o treinador E, é algo muito importante para a construção do Modelo "*... e é um jogo que eu gosto de ver e gostei de ver e de sentir...*" Este sentimento acima descrito é também sustentado pela paixão inerente ao controlo da bola, como o grande alimentador da perspectiva que tem para o jogo (Valente, 2020, citado em Jónatas, 2020).

Quanto à importância dos valores pessoais associados à construção do Modelo de Jogo, o autor refere que a sua intenção para o jogo se cruza com o lado competitivo da sua infância (Pereira, 2020, citado em Jónatas, 2020). Na mesma medida em que Tobar (2018) refere como determinante a forma de liderar e intervir do treinador, características essas diretamente relacionadas com os seus valores pessoais.

Outras menções também destacadas pelos treinadores foram a importância da ideia de jogo, por exemplo o treinador B menciona: "*...porque a ideia de jogo para mim vem primeiro, não é e depois em função da, daquilo que tu defendes como aquilo que tu gostas e vai depois construindo o modelo...*", o que se equipara ao facto de um clube contratar uma ideia de jogo, uma vez que sabe, que o treinador joga dentro de determinada ideia face às circunstâncias (Oliveira, 2008, citado em Gomes, 2008).

Também os recursos financeiros e os recursos materiais e espaciais foram considerados essenciais. O treinador D diz mesmo que "*... o principal para mim, são as questões financeiras, porque são as questões financeiras que possibilitam tudo o resto...*", o que acaba por ser reforçado por Castelo (1999), que diz que a construção do Modelo de Jogo terá de ser feita tendo em conta as condições económico financeiras do clube. O treinador D deu muita importância aos espaços físicos propiciadores de desenvolvimento coletivo (locais de treino, trabalho, vídeo, etc...), indicando o facto de ser imprescindível existirem bons recursos materiais "*... se tem determinados recursos*

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

materiais para o que eu quero em termos de táticos e técnicos se tem os recursos dos campos de treino, próximos do estádio...". Tamarit (2013) defende precisamente esta premissa, pois estar num clube ou noutro é bastante díspar, face às condições materiais e espaciais existentes.

2.2 Preparação da Transição

Na tabela 21 encontram-se as respostas obtidas para a variável preparação da transição.

Tabela 21. Preparação da Transição - registo de respostas

| Variável | Códigos | Treinadores | | | | | | | |
|-------------------------|---|-------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | A | B | C | D | E | F | G | H |
| Preparação da Transição | Fundamental | x | | x | x | x | x | x | |
| | Antever o Momento Seguinte | | x | | x | x | | x | x |
| | Momentos Inseparáveis | x | | | | | | x | |
| | Não considera as Transições Momentos de Jogo | | | | | | | | x |
| | Transições como momentos indicadores da qualidade da equipa | | | x | | | | | |

No que toca à variável Preparação da Transição, os seis treinadores (A, C, D, E, F e G) consideraram a mesma, não só fundamental, como de carácter decisivo para as equipas. Com recurso às palavras do treinador A "... é absolutamente decisivo...", do treinador D corrobora dessa afirmação "... tento preparar muito bem esses momentos de transição porque acho que são fundamentais.", e do treinador G "Dou muito relevo e muita importância...", temos a confirmação da importância desta variável. Estas declarações são sustentadas pelos autores, uma vez que os mesmos aludem ao equilíbrio ofensivo como capaz de dar resposta ao momento de perda de bola, instante fundamental e que se caracteriza como mais importante no futebol atual (Carvalho, 2003, citado em Amieiro, 2003) e (Ferreira, 2003, citado em Amieiro, 2003).

Cinco treinadores salientaram a antevisão do momento seguinte, como relevante, enunciando "...se souber que no momento que está a arriscar e toda a gente souber, o que é que tem que fazer no momento em que a bola que é perdida... na transição defensiva, eles vão ter muito menos medo de arriscar..." (treinador E), e também "... esta perceção, de tu começares a antecipar aquilo que pode vir acontecer, tem a ver com o quê, tem a ver com a maneira como tu olhas para o jogo..." (treinador B). Estas afirmações são sustentadas com um dos principais fator de perigo: a impreparação das

equipas ao não estarem devidamente organizadas e equilibradas quando estão a atacar (Oliveira, 2006, citado em Almeida, 2006).

Os treinadores A e G também consideram os Momentos de Jogo como inseparáveis. O treinador A refere, "*... porque esses momentos de transição começam a ser preparados, nos de organização...*", isto leva à circunstância de não existir ataque e defesa, mas sim, ataque-defesa e defesa-ataque (Quinta, 2003, citado em Amieiro, 2003).

Existiu ainda um treinador, o treinador C, que considerou as transições como momentos indicadores da qualidade da equipa, "*... eu diria até que as transições indicam muito... indicam muito o nível... o nível em que se encontram as equipas e a qualidade das equipas...*", visão defendida de modo semelhante por Festa (2013) que considera os momentos de transição como momentos de teste à solidez coletiva de uma ideia de jogo.

Apesar da maioria dos treinadores defender as transições como Momentos de Jogo, um destacou-se pelo contrário, o treinador H, que não considera as Transições Momentos de Jogo, "*...eu não vejo o jogo, como a maior parte dos portugueses veem 4 momentos do jogo, não vejo nada, não vejo nada, porque a transição para mim, não é um momento do jogo...*", em certa medida esta afirmação acaba por se cruzar com a testemunho de Carvalhal (2014), que vê como mais oportuno falar na transição como um instante e não como um momento.

2.3 Bolas Paradas

Na tabela 22 o registo de respostas da variável bolas paradas e a sua distribuição por cada um dos treinadores.

Tabela 22. Bolas Paradas - registo de respostas

| Variável | Códigos | Treinadores | | | | | | | |
|---------------|---|-------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | A | B | C | D | E | F | G | H |
| Bolas Paradas | Decisores de Jogos | x | | x | x | x | x | x | x |
| | Grande Peso na Análise do Adversário | | | x | x | x | | | |
| | Trabalhadas de forma abrangente com outros Momentos de Jogo | | | | | x | | | |
| | Mesma importância que os outros Momentos de Jogo | x | | | | | x | | |
| | Momento de potencialização da Ideia de Jogo | | x | x | | | | | |
| | Requer uma abordagem diferenciada | | | | | | | | x |

Por observação do registo de respostas da variável bolas paradas, podemos assumir que as mesmas têm um carácter decisivo no resultado de um jogo, tal como defende Castelo (1999). O mesmo é igualmente reforçado por diversos autores através dos seus estudos quantitativos e qualitativos, nos quais assumem o papel fulcral dos lances de bola parada na determinação do resultado final (Loureiro et al., 2014; Maneiro et al., 2017; Santos et al., 2015; Silva, 2011; Teixeira, 2016). Reforçando isto mesmo, o treinador A refere que *"...hoje em dia e desde sempre ganhas e perdes jogos na bola parada sobretudo naqueles jogos mais equilibrados..."*, o treinador G afirma *"... é muito importante, é fundamental, desbloqueia jogos ..."* e o treinador E declara que *"...os jogos estão a ser muitas vezes resolvidos em momentos de bola parada..."*.

Os treinadores entrevistados confirmam a relevância da análise do adversário nas bolas paradas. O treinador E salienta *"...onde é que nós podemos aproveitar, (...), onde é que está o espaço, aonde é que eles são mais débeis e tentamos criar isso no treino..."*, tal como o treinador C, que tem em consideração aquilo que o adversário pode apresentar *"...nós tentamos trabalhar com afinco e organizar os jogadores da melhor forma para poder explorar em termos ofensivos isso nas equipas adversárias..."*. Esta visão é sustentada por Asensio (2015), que afirma que os treinadores devem ter em conta a dinâmica e os posicionamentos adversários para

melhor poderem modelar a sua equipa. Também Silva (2011) considera o conhecimento do adversário como um dos fatores a ponderar aquando da preparação estratégica da equipa nos momentos de bola parada, seja ela defensiva ou ofensiva.

Interessante o facto de dois treinadores mencionarem as bolas paradas como um momento potencializador da ideia de jogo da equipa, uma vez que consideram que é mais fácil para quem vê, “*identificar trabalho e preparação para o jogo, uma vez que é um momento estático*”. O treinador B diz mesmo “*...a bola parada para mim é logo um momento de afirmação, das minhas ideias...*”, também o treinador C olha para as Bolas Paradas como algo importante e catalisador do trabalho realizado, dizendo: “*...porque isso também gera confiança e gera uma perceção de maior segurança nos jogadores e julgo que é importante também.*”. Bessa (2009) confirma este pensamento, uma vez que defende que as bolas paradas são um momento bastante representativo no jogo, e faz todo o sentido potencializá-las ao máximo.

Outros treinadores, embora atribuam valor às Bolas Paradas, não as elevam ao patamar de outros momentos de jogo. Por exemplo, o treinador F diz “*A importância que tem as bolas paradas é igual à importância que tem os outros momentos do jogo...*”, ideia esta partilhada por Vio (2012), que não objetiva a sobreposição dos vários momentos de jogo, define antes a importância de todos na mesma medida. Deste modo, de acordo com Tobar (2018), o jogo deve ser visto como um Todo, uma vez que é através da ligação e harmonia de todos os momentos de jogo que se atinge um Jogar de qualidade e sustentado (Carvalho, 2014).

De realçar ainda uma referência do treinador H, que diferencia o trabalho e a preparação das bolas paradas, afirmando que “*... requer uma preparação específica, orientada para essas situações e, portanto, a importância.*”. Esta abordagem é corroborada por Asensio (2015), pois as situações de bola parada, por serem momentos de jogo estáticos, têm uma lógica diferente dos demais, já que em termos de regras se distinguem dos momentos de jogo dinâmicos.

2.4 Modelação das Bolas Paradas Ofensivas

Na tabela 23, as respostas obtidas para a variável modelação das bolas paradas ofensivas (BPO).

Tabela 23. Modelação das BPO - registo de respostas

| Variável | Códigos | Treinadores | | | | | | | |
|---------------------------------------|---|-------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | A | B | C | D | E | F | G | H |
| Modelação das Bolas Paradas Ofensivas | Análise do Adversário | | x | | x | x | | | x |
| | Relação entre a Ideia de Jogo da Equipa e do Adversário | | x | x | | x | x | x | x |
| | Características dos Jogadores | | | x | x | | x | | |
| | Jogo Posicional da Própria Equipa em Organização Ofensiva | | | | | | | | |
| | Preparação de uma possível perda | x | | | | | | | |
| | Executante da Bola Parada | | | | x | x | x | | |
| | Vivências Passadas | | | | | | x | | |

A larga maioria dos treinadores entrevistados (6), referiu como aspeto importante na modelação das BPO, a Relação entre a Ideia de Jogo da Equipa e do Adversário. O treinador B referiu "*... a minha abordagem é feita, partindo sempre do pressuposto, em que o adversário vai ter um determinado comportamento, em função do movimento da bola...*" e segundo o treinador H disse por exemplo "*... há 2 grandes conceitos para as bolas paradas na minha equipa, um é estabilidade, e outro é adaptabilidade...*". Este conceito foi enunciado por Pereira (2008), que alude à importância da diversidade e da adaptabilidade nos lances de bola parada (LBP), como forma de fazer evoluir a modelação existente, mas também para criar surpresa no oponente. O fator estratégico ganha relevância neste momento em específico, não denegando a importância de deter uma identidade própria (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009).

A análise do adversário é outro fator a considerar, e vai de encontro ao código acima discutido. Por exemplo, o treinador E, afirma "*... ofensivamente altera tudo, pode alterar tudo de um jogo para o outro, no sentido em que há um jogo em que eu acho que a bola tem que entrar mais no segundo poste, que é onde eles são mais débeis...*", assim como o treinador B que refere que "*... daquelas que estão ensaiadas, é pá são construídas no pressuposto, de um determinado comportamento do adversário...*".

Portanto, é possível afirmar que a análise do adversário tem algum peso na Modelação das BPO. Tanto que Low et al. (2002) evidenciam que se deve conhecer o adversário em profundidade, de forma a ser mais fácil anular os seus pontos mais fortes e explorar aqueles que podem ser os pontos mais débeis. A influência da análise do adversário para a modelação destes momentos ganha um peso significativo (Machado, 2009, citado em Bessa, 2009).

Novamente, as características dos jogadores foram referenciadas como notáveis para a Modelação das BPO, por exemplo, o treinador F, diz que "*... não é só a capacidade, morfológica, (...), mas também as capacidades físicas adequadas ao saltar...*", e Bessa (2009) concluiu isso mesmo, ou seja, os treinadores entrevistados pelo autor reforçam a importância que as características dos jogadores têm na criação do lance de bola parada, na sua disposição e forma de marcação.

O peso que o executante representa foi mencionado, por exemplo, pelo treinador F, "*... o mais determinante de tudo, é quem marca...*", também o treinador E refere que "*... já apanhei equipas que não tinham grande batedor de bolas paradas e dificultava-me imenso...*", ter um bom marcador de LBP na equipa, permite aproximar a mesma de lances de sucesso (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009).

Foi ainda referenciado pelos treinadores, a influência das vivências passadas para a modelação das BPO. O treinador F diz que "*... naturalmente tenho um... um modelo relativamente à parte das bolas paradas que me vem dos anos de experiência...*", o que acaba por ser consubstanciado por Castelo (1996) que aponta como decisivos a capacidade intelectual e a experiência para a toma de decisões ao nível da modelação. A preparação de uma possível perda também foi algo que um dos treinadores referenciou como importante, o treinador A aponta "*...posicionamentos e movimentos para tentar, no caso das ofensivas magoar o adversário e alguns posicionamentos para preparar a perda ou não finalização...*". O posicionamento de cada jogador é pensado, como forma de garantir sempre o equilíbrio ofensivo da equipa, a fim de estar o mais preparada possível para uma possível perda de bola (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009).

Por fim, salientar o jogo posicional da equipa em organização ofensiva como fator importante na modelação das BPO, não foi mencionado por nenhum dos treinadores, no entanto, segundo Hughes (1994) em termos ofensivos, os atacantes devem se posicionar mais perto da pequena área e os restantes mais atrás. Esta

afirmação vai de certa forma, de encontro ao defendido por Rego (2019), que defende que a equipa se deve estruturar de acordo com o jogo real (momentos dinâmicos), de maneira a que seja possível a criação de jogadas trabalhadas.

Como tal, apesar do código não ter sido mencionado, achamos por bem referi-lo uma vez que foi encontrada bibliografia alusiva, e tendo em conta o acima descrito, é possível inferir que um posicionamento em tudo semelhante ao de organização ofensiva, poderá permitir à equipa, aquando de uma situação de bola parada, adotar um posicionamento equilibrado e preparado para uma possível perda de bola.

2.5 Preparação da Transição Defensiva nas Bolas Paradas Ofensivas

Na tabela 24, o registo de respostas obtidas para a variável preparação da transição defensivas nas bolas paradas ofensivas.

Tabela 24. Preparação da TD nas BPO - registo de respostas

| Variável | Códigos | Treinadores | | | | | | | |
|--|---|-------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | A | B | C | D | E | F | G | H |
| Preparação das Transição Defensiva nas Bolas Paradas Ofensivas | Decisivo | x | | | x | x | x | x | x |
| | Manutenção do Equilíbrio | x | | | x | | | | x |
| | Difícil de Trabalhar em Treino | | | | | | | | x |
| | Foco em Permutas Posicionais | | x | | | x | x | | x |
| | Para Garantir o Jogo posicional da Equipa | | | x | | | | | |
| | Posicionamento ofensivo contempla o equilíbrio ofensivo | | | | | | | x | |
| | Foco na mudança de mentalidade | | | x | x | | | | |

De forma praticamente genérica os treinadores consideraram a preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas, como algo decisivo para as suas equipas, por exemplo, o treinador A afirma "... sim, sim é decisivo.", tal como o treinador G que considera este aspeto "Mais uma vez é fundamental...", este aspeto é um dos mais importantes na preparação de um jogo (Gomes, 2009, citado em Bessa, 2009).

Alguns dos treinadores, olham para esta forma específica de equilíbrio com o foco em permutas posicionais, ou seja, através da deslocação de jogadores para outros espaços, como meio de os aproveitar da melhor maneira possível, tendo em conta o

enquadramento da equipa e as suas valências. O treinador B, salienta este aspeto: "*... e esses 2 que estão à frente da área, também estão numa posição dupla, uma também para equilibrar se for preciso, e na outra, também de poder ganhar uma segunda bola...*", olhando para estas permutas de posição como algo que lhe possa garantir um equilíbrio ofensivo de maior qualidade. Esta conceção é igualmente reforçada pelo autor abaixo citado, onde abordando a questão da temática do equilíbrio ofensivo neste momento em particular, destaca a importância de deslocar jogadores para zonas consideradas vitais, com o objetivo de garantir a ocupação do espaço de modo equitativa e equilibrada (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009).

Sendo muitas vezes este termo utilizado como chavão, naquilo que é a modelação das ideias de jogo das equipas, três treinadores destacaram a manutenção de equilíbrio, como um fator a ter em conta. O treinador D afirma que "*... é muito importante, o equilíbrio, a forma como preparo os jogadores...*", esta é igualmente mencionada na seguinte afirmação: "*... estes equilíbrios passam por quando nós estamos a atacar num lance de bola parada...*" (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009). Existe, portanto, a necessidade da preparação estrutural e intencional da equipa nos momentos de organização a fim de antever uma possível perda (Oliveira, 2006, citado em Almeida, 2006). Não sendo um momento de organização, mas de bola parada, esta visão é transversal, ainda para mais tratando-se de um momento estático, que permite que os posicionamentos sejam totalmente de acordo com o pretendido pelo treinador.

No entanto, esta preparação da transição defensiva, vai muito para além da ação/reação motora, incide ainda sobre o nível cognitivo, em termos táticos e também sobre o nível volitivo. O treinador C afirma que "*... temos também que trabalhar, desenvolver, treinar aquilo que nós chamamos aquele "click", aquela mudança de "chip" ataque-defesa...*", assim como o treinador D que refere que "*...tirando o momento em que fazemos golo, todos os outros, são momentos que a equipa, tem que, tem que rapidamente reagir à perda de bola, como se fosse uma situação de jogada normal.*". A mudança de mentalidade é diversas vezes mencionada, pois evidencia a concentração num lance de bola parada, não só quando o raio de ação à bola é próximo, como também quando estão incumbidas tarefas de equilíbrio e preparação de uma possível transição (Mota, 2009, citado em Bessa, 2009).

Foram ainda destacadas como fatores a ter em conta, a preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas, de forma a garantir o jogo posicional da equipa, o que é descrito como decisivo por Novais (2019) que afirma que é “... *essencial também, colocar os jogadores tendo em conta a sua posição em campo, para melhor prepararmos o momento de jogo seguinte...*”, afirmação também reforçada pelo treinador C “*Nós podemos preparar ou começar a preparar essa bola logo em termos de um posicionamento inicial...*”. O treinador G destacou a importância do posicionamento ofensivo contemplar o equilíbrio ofensivo “... *porque o posicionamento na bola parada ofensiva, é fundamental, para não só impedirmos a transição ofensiva do adversário...*”, é importante a garantia de missões ofensivas que tenham também em conta a preparação de uma possível perda, estando assim o posicionamento ofensivo enquadrado com um possível subsequente momento defensivo (Mota, 2009, citado em Bessa, 2009).

O treinador H enfatizou a dificuldade de abordar este instante em particular nos momentos de treino, sobretudo devido a fatores de ordem fisiológica, referindo “... *isto é desafiante, não é, porque muitas vezes há os treinos de bolas paradas, no dia anterior ao jogo, e queremos que a carga do treino seja baixa...*”, aspeto este destacado por Puig (2018), uma vez que o autor salienta as dificuldades dos treinadores em simular situações de bola parada com possível transição defensiva, uma vez que na grande maioria das vezes, estes momentos são trabalhados em dias muito próximos da competição, e portanto, o estímulo fisiológico deve ser necessariamente mais cuidado. Este último aspeto poderá ser uma boa reflexão para os treinadores, ao nível da distribuição de conteúdos, pois por experiências empíricas, e por vivências anteriores, os treinadores tendem a abordar os momentos de bola parada nos dias antecedentes à competição, e aí, podendo querer incutir estímulos de preparação de uma possível transição, pode vir a ser mais difícil colocar os jogadores a percorrer maiores distâncias e a velocidades consideradas de alta intensidade.

2.6 Estratégias de Equilíbrio nas Bolas Paradas Ofensivas

Na tabela 25, as respostas obtidas para a variável estratégias de equilíbrio nas bolas paradas ofensivas.

Tabela 25. Estratégias de Equilíbrio nas BPO

| Variável | Códigos | Treinadores | | | | | | | |
|---|--|-------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | A | B | C | D | E | F | G | H |
| Estratégias de Equilíbrio nas Bolas Paradas Ofensivas | Posicionar jogadores em função das suas características | x | | | | | x | | x |
| | Abordagens e trajetórias diferentes | | x | | | | | | x |
| | Marcação Individual | | | | | x | | | |
| | Jogadores sobre a entrada de área | x | x | | x | x | x | | x |
| | Jogadores sobre a linha de meio-campo | x | x | | x | x | | | x |
| | Jogadores a meio de meio-campo | | | | | | x | | |
| | Equilíbrio como controlo do espaço | | x | | | | | | x |
| | Equilíbrio como controlo de superioridades numéricas | | | | | | | | |
| | Impedir a transição adversária o mais alto possível no campo | | | x | | | | | |
| | Diferentes linhas de cobertura | x | x | x | x | x | x | x | x |
| | Batedor como preparador da Transição Defensiva | | | | x | | x | | x |
| | Recorrer à falta | | | | | x | x | | |
| | Mantém a estrutura do momento de organização | | | | | x | | | |

De forma totalmente concordante, todos os treinadores destacaram a criação de diferentes linhas de cobertura, como uma das principais estratégias de equilíbrio, alicerçando a sua opinião com base no posicionamento dos seus jogadores nas diferentes zonas. O treinador C afirma que "*... a partir daí adotamos sempre posicionamentos de forma a estarmos com linhas de cobertura suficientes...*", o treinador H acrescenta que "*... eu tive 4 jogadores em equilíbrio sempre, e até era tipo quadrado...*", e o treinador B reforça "*... 2 jogadores que eu ponho atrás, (...) com 2 jogadores que eu ponho à frente da área...*". Macedo (2014) descreveu precisamente que, na modelação apresentada, relativa aos momentos de bola parada, a colocação de jogadores em diferentes zonas, em distintas referências à profundidade, ganha destaque, permitindo assim criar diferentes linhas de cobertura.

Outro aspeto bastante evidenciado pelos treinadores foi a colocação de jogadores sobre a entrada de área. Almeida (2014) reforça a importância da colocação de pelo menos um jogador na entrada de área, uma vez que este posicionamento permite ter uma panóplia de valências: permite ser uma solução válida para finalização após passe; permite que seja um dos recetores, caso exista um corte vindo do interior da área, e permite ser uma das principais barreiras (e mais próximas) para impedir uma possível saída em contra-ataque do adversário. Alguns treinadores corroboraram com este ponto de vista, o treinador B insinua que *"... tem a ver com 2 jogadores que eu ponho à frente da área..."*, tal com o treinador D que afirma *"... a zona frontal da grande área é logo uma primeira linha de pressão..."*, e tal como o treinador F que *"... coloco no mínimo 2 jogadores à entrada da área..."*.

A colocação de jogadores sobre a linha do meio-campo foi analisada e considerada por 5 dos 8 treinadores. O treinador A refere que *"... se reparares nós temos sempre quatro equilíbrios, três atrás..."*, o mesmo é dito por outras palavras pelo treinador H *"... 2 recuados logo a seguir à linha do meio campo..."*. Este tipo de posicionamento adotado também é referido por Vieira (2017), que dentro da sua modelação apresentada, no momento de bola parada ofensiva destaca o posicionamento de um jogador sobre a linha de meio-campo como forma de garantir o equilíbrio ofensivo da equipa.

A estipulação de tarefas de preparação da transição defensiva para o batedor do lance de bola parada entrou também em discussão por parte dos treinadores. Foi destacado por exemplo pelo treinador F *"... e que dá o primeiro toque e que provavelmente não entra na combinação, vai fazer o movimento (...) de ocupação na entrada da área ..."*, assim como pelo treinador D *"... o marcador da bola parada, também tem que reagir..."*. Muito possivelmente dada a especificidade da tarefa, não nos foi possível encontrar alguma referência acerca disso mesmo, no entanto, por reflexão é compreensível este tipo de dinâmica, uma vez que após a marcação do lance, o jogador que foi o executante poderá ser uma mais valia na preparação de um possível momento de transição defensiva, dado que, pela localização da bola e pela sua própria ocupação espacial, não tem vantagens em ficar no mesmo espaço de jogo, como tal a sua deslocação pode tornar-se essencial na garantia do equilíbrio posicional da equipa.

Os treinadores analisaram ainda a disposição dos jogadores. A organização dos jogadores deve ter em conta as suas características para o momento de bolas paradas,

sendo o seu posicionamento feito de acordo com isso mesmo, “... *exatamente pelas suas características.*” (Mota, 2009, citado em Bessa, 2009). Uma ótica igualmente defendida pelo treinador A, que refere “... *colocamos um jogador mais alto e mais forte na bola parada...*”, assim como pelo treinador F que assume a importância de “... *haver jogadores muito perspicazes (...) e que são normalmente muito rápidos...*”.

Salientar ainda o facto de dois treinadores terem referido como fator importante a abordagem a trajetórias diferentes, aludindo à necessidade de análise do possível movimento da bola, para enquadrar o seu equilíbrio. O treinador B refere “...*permite ganhar tempo, em função do tempo da transição, em função do trajeto da bola...*”, assim como o treinador H que afirma, “... *não pode estar demasiado alto, para não sair bola por cima, mas não pode estar demasiado, recuado, ao ponto de não poder pressionar...*”. Esta abordagem é interessante, porque relaciona o posicionamento com a trajetória da bola, influenciada pelo arco descrito, pela distância ao objetivo pretendido, entre outros aspetos, com as referências posicionais, tanto à profundidade como à largura. A estipulação de referências posicionais à profundidade e à largura é decisiva para uma ocupação do espaço de jogo ajustada, e isto é válido para os momentos de jogo dinâmicos, como também para os momentos de jogo estáticos. Segundo Pinto (2016) a escolha baseada na forma como pretendia a marcação do lance de bola parada, influenciava em larga medida os restantes posicionamentos, sejam eles em função do equilíbrio, ou em função das zonas de finalização determinadas.

O posicionamento em função do equilíbrio como controlo do espaço, é também relevante para os treinadores, e Novais (2019) aborda a sua importância no controlo das zonas espaciais consideradas mais relevantes. O treinador B destaca claramente a sua visão “...*o meu equilíbrio defensivo nas bolas paradas, não tem a ver com o número de adversários, tem a ver com o controle de espaço...*”.

Também o recorrer à falta, foi mencionado pelos treinadores, não como equilíbrio, mas sim como remedeio de uma possível falha posicional, ou de outro tipo. O treinador E afirma “... *para evitar este contra-ataque, com uma falta tática...*”, assim como o treinador D “...*se tivermos que fazer uma faltinha para matar o jogo, matamos o jogo...*”. A falta tática acaba por ser importante para impedir um contra-ataque adversário, após um lance de bola parada (Machado, 2009, citado em Bessa, 2009).

Esta ação acaba por estar muito ligada à necessidade de quebrar a transição ofensiva adversária, o mais alto possível no campo, pelo que o treinador C assume isso

mesmo "... jogadores posicionados em equilíbrio para podermos parar uma transição o mais longe possível...". Este aspeto não foi suportado em bibliografia, uma vez que não foi encontrada informação relacionada com o mesmo, no entanto, esta preocupação demonstrada alicerça-se na importância de travar o possível contra-ataque o mais alto possível no terreno de jogo, evitando grandes deslocamentos e normais desequilíbrios posicionais consequentes disso mesmo.

A marcação individual a possíveis jogadores adversários posicionados em zonas estratégicas de saída, foi mencionada pelo treinador E "... mas eu não deixava, eu deixava homem para homem...", forma de equilíbrio também defendida por Rego (2019), que adverte para a importância de existirem jogadores responsáveis pelo controlo próximo de adversários em zonas de possível solução de saída adversária.

A colocação de jogadores a meio de meio-campo, zona intermédia, considerada importante por Almeida (2014) e partilhada pelo treinador F, que afirma "... e depois então, um jogador cá mais atrás, a meio do meio-campo...".

Devemos ainda mencionar a referência do treinador E ao facto de manter a estruturação do momento de organização ofensiva, com o objetivo de contemplar o equilíbrio ofensivo de forma "mais natural". O treinador assume "... eu tento colocar também no esquema tático (...), mais ou menos dentro das posições...", e faz uma alusão clara à importância de ter os jogadores mais ou menos dentro das posições, para garantir um controlo dos espaços mais eficaz e para não existirem deslocamentos de lateralidade. Esta abordagem também é defendida por Rego (2019), que enfatiza a importância desta estruturação em conformidade com o momento de organização ofensiva para que seja possível a criação de jogadas "ensaiadas", mas também para equilibrar de forma mais natural a equipa.

Nota ainda para o facto do código equilíbrio, como controlo de superioridades numéricas não ter tido nenhum registo, mas ainda assim constar no estudo, uma vez que foram encontradas referências acerca disso. O autor abaixo citado posiciona os jogadores nos LBP de forma a garantir superioridades numéricas, não só em zonas de finalização, como também em zonas de equilíbrio (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009). Posto isto, poderá ser importante refletir acerca desta visão, sendo mais uma ferramenta que os treinadores poderão ter com conta na hora de modelar a sua equipa nestes tipos de lance.

2.7 Modelação das Bolas Paradas Ofensivas tendo em conta o resultado e tempo de jogo

Na tabela 26 é possível observar as respostas obtidas para a variável modelação das bolas paradas ofensivas tendo em conta o resultado e o tempo de jogo.

Tabela 26. Modelação das BPO tendo em conta o resultado e tempo de jogo - registo de respostas

| Variável | Códigos | Treinadores | | | | | | | |
|--|--|-------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | A | B | C | D | E | F | G | H |
| Modelação das Bolas Paradas Ofensivas tendo em conta o resultado e tempo de jogo | Em desvantagem no marcador | x | | | x | | | | |
| | Em vantagem no marcador | | x | | | | | | x |
| | Menos jogadores na área | | | | | | | x | |
| | Mais jogadores na área | | | | x | x | | | |
| | Alterar posicionamento de jogadores com advertências disciplinares | | | | | | | x | |
| | Manter a posse de bola | | x | | | | x | | x |
| | Não altera | | | x | | | | | |
| | Colocar mais jogadores em equilíbrio | | x | | | | | | |
| | Guarda-Redes sobe à área em desvantagem | | | | | | x | | |

Analisando as respostas relativas à variável modelação das BPO, tendo em conta o resultado e o tempo de jogo, é possível observar uma maior dispersão de respostas por parte dos treinadores. Ressalvar também o facto de não ter sido encontrada bibliografia relacionada com esta variável, pois, ao tratar-se de algo tão específico dentro do jogo, e por estar intimamente ligada com a visão do treinador, carece de ser estudada de forma mais aprofundada. Como tal, e tendo em conta este enquadramento a confrontação das respostas obtidas, será realizada em concordância com as definições por nós registadas anteriormente.

Tendo em consideração as respostas, denota-se uma tendência nos treinadores para alterarem posicionamentos e dinâmicas estando em vantagem ou em desvantagem, na mesma medida. O treinador D afirma, "...*existe uma alteração, (...) um pouco radical, talvez em momentos, em momentos de exigência máxima de busca pelo resultado.*", esta tentativa de alteração do rumo dos acontecimentos acontece igualmente em sentido inverso, o treinador B refere, "...*tenho um canto a meu favor, e estou a ganhar, e pá, não é, que eu vá com toda a gente (...) olha 1 central olha vai ficar aqui...*". Estas alterações são provocadas ora pela intenção de garantir mais

equilíbrio (em vantagem), ora para garantir uma presença mais considerável em zonas de finalização (em desvantagem).

O fator mais vezes referido foi a necessidade de manutenção da posse de bola, intimamente ligado com as situações de vantagem no marcador. O treinador B refere "*... começo a construir a partir do canto, e ando para trás outra vez, portanto vou chamá-los para depois começar a pô-los a correr para eu ter a bola...*", assim como o treinador H "*...fazer um canto curto, para manutenção de posse de bola...*". Este tipo de ponto de vista é relevante, pois a utilização de um lance de bola parada para iniciar a manutenção da posse de bola, permite um controlo efetivo do jogo, do adversário, e de segurança, uma vez que a equipa adversária é obrigada a deslocar-se espacialmente para defender a bola parada, e posteriormente é obrigada novamente a deslocar para entrar em organização defensiva e iniciar a sua dinâmica de pressão. Para quem está a atacar, o controlo dos tempos de jogo e do adversário torna-se facilitado.

Colocar mais jogadores no interior da área, em situações de desvantagem, foi referido por dois dos treinadores, o treinador D aludiu "*... possa colocar 1 ou 2 jogadores a mais...*", este tipo de opção prende-se com a importância que os treinadores atribuem à ocupação das zonas de finalização, ponderando que mais jogadores poderá garantir mais oportunidades de finalizar.

Contrariamente, em situações de vantagem, o treinador G afirma que "*... estamos a ganhar e só vai um central e fica cá outro...*". Apesar de ser uma situação inversa, a linha de pensamento é semelhante, o treinador G defende que mais jogadores em zonas de equilíbrio, poderá levar a que um possível contra-ataque adversário seja mais facilmente controlado. Na mesma ótica, o treinador B alude para a importância de colocar mais jogadores em equilíbrio em situações de vantagem, pelo que afirma "*... eu sinto que tem a necessidade de se potenciar mais o equilíbrio defensivo...*".

É interessante observar que um dos treinadores alerta para o facto de modificar o jogo posicional nas bolas paradas ofensivas, aquando da existência de jogadores advertidos disciplinarmente em zonas de equilíbrio. O treinador G afirma "*... às vezes um jogador tem cartão amarelo e trocamos porque às vezes pode ser preciso para parar um contra-ataque...*". Esta opção vai muito de encontro à observação retirada da variável anterior, da necessidade de recorrer à falta em caso de contra-ataque, como tal, a retirada de jogadores admoestados permite uma maior liberdade para cometer faltas táticas.

Em situações de desvantagem, a chegada do guarda-redes (GR) à área adversária para ser mais um elemento de ataque às zonas de finalização, também foi alvo de avaliação por parte dos treinadores. O treinador F refere "...casos em que os últimos momentos do jogo e pode haver até a possibilidade de o guarda-redes ir lá...". Este tipo de opção acaba por ser motivada por alguns aspetos físicos e morfológicos dos GR. Como por exemplo, o treinador F chama a atenção para a tendência destes jogadores possuírem uma envergadura superior à média, e normalmente apresentarem uma boa capacidade de leitura de trajetórias aéreas, e habitualmente são mais destemidos.

Por último destacar, o que foi afirmado pelo treinador C, onde o mesmo considerou que "... alterar só porque sim, eu acho que isso em vez de nos dar estabilidade, poderá ter um efeito completamente contrário, deixar-nos frágeis e ansiosos...", assim sendo, o treinador considera não alterar posicionalmente a equipa nos minutos finais do jogo, tendo em conta o resultado, sustentando que essas alterações em momentos de menor discernimento podem implicar menor sucesso para a própria equipa.

2.8 Modelação das Bolas Paradas Defensivas e preparação da Transição Ofensiva

Na tabela 27, as respostas obtidas para a variável modelação das bolas paradas defensivas e preparação da transição ofensiva.

Tabela 27. Modelação das BPD e preparação da TO

| Variável | Códigos | Treinadores | | | | | | | |
|---|---|-------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | A | B | C | D | E | F | G | H |
| Modelação das Bolas Paradas Defensivas e preparação da Transição Ofensiva | Não dá muita importância | | | | | x | | x | |
| | Colocar jogadores sobre a linha de meio-campo | | x | | | | | | |
| | Guarda-Redes a lançar rápido o contra-ataque | | x | | | | x | | x |
| | Tentativa de entrar em ataque posicional | | | x | | | | | |
| | 2ª linha zonal preparado para sair em contra-ataque | x | x | | | | x | | x |

Esta última variável pretendia levar os treinadores a refletir sobre uma das variáveis anteriormente referidas, mas no sentido inverso, ou seja, pensar sobre a forma como exploram as debilidades que o adversário eventualmente pode apresentar na preparação da transição defensiva nos lances de bola parada ofensivos.

A situação mais vezes destacada pelos treinadores, foi a colocação de uma 2ª linha zonal, não só preparada para defender, mas para sair em contra-ataque, caso exista recuperação da posse de bola. O treinador A afirma "*... À frente dessa linha temos três jogadores, cuja primeira tarefa é obviamente ajudar a defender, mas se a equipa resolver o lance são três jogadores que estão também colocados ali estrategicamente para saírem rapidamente para o contra-ataque...*", tal como o treinador B "*... e os outros 3 que estavam na segunda linha, os que tiverem mais perto, vão logo, apoiar...*". Esta abordagem vai de encontro ao defendido por Macedo (2014), que na modelação apresentada, destaca a importância da criação de uma subzona (2ª linha zonal), para controlar os espaços defensivamente, mas também para possíveis segundas bolas e eventuais saídas em contra-ataque.

Salientar também a importância atribuída ao GR neste momento específico, uma vez que acaba por ser quem melhor pode iniciar o contra-ataque, dada a sua possibilidade de reposição com maior critério. O treinador B refere que "*... se o meu guarda-redes ganhasse a bola, ele ia escolher um dos lados...*", e o treinador H enfatiza a necessidade de desenvolver as reposições mais longas do GR, "*... estamos neste momento, a trabalhar muito, são as reposições do guarda-redes...*". Este desenvolvimento também foi estudado por Simões (2018) que ressalva o papel do GR no lançamento de contra-ataque pós bola parada, uma vez que facilmente pode identificar o espaço livre provocado pela eventual desorganização adversária. O mesmo autor defende ainda a importância do GR realizar a leitura das soluções da frente para trás, isto é, "ver do longe para o perto".

Os treinadores apontaram ainda para a intenção de entrar em ataque posicional ao invés de acelerar para contra-ataque. O treinador C referencia "*... de forma natural entrar em organização de forma estável, fundamentalmente... é isso que procuramos!*". Este tipo de abordagem não foi mencionado na bibliografia encontrada, no entanto, é identificável a sua intenção, uma vez que um lance de bola parada obriga a um deslocamento de vários jogadores para zonas que não lhes são tão próximas dos seus espaços naturais, pelo que a entrada em ataque posicional permite "ganhar" algum tempo para que esse retorno às posições seja mais natural.

Possivelmente quando se pensa em lançar contra-ataques após lance de bola parada, pensa-se na colocação de jogadores sobre a linha de meio-campo, a fim de ter já alguns jogadores adiantados no terreno. No entanto, apenas um dos treinadores destacou

esse aspeto, o treinador B referiu que *"... punha 3 gajos a atacar, e porquê, lá está, com a questão da superioridade, para já, criava ali, um, um impacto diferente no adversário..."*, fundamentado pelo autor abaixo citado, que afirmou que à data, praticamente todas as equipas colocam 1 ou 2 jogadores sobre a linha de meio-campo (Carvalho, 2009, citado em Bessa, 2009). Logo, o número de jogadores sobre a linha de meio-campo pode variar em função das ideias de jogo de cada treinador, não só ofensivas, mas sobretudo defensivas, pois muitos treinadores optam por utilizar os 11 jogadores com tarefas meramente defensivas. Por exemplo, o treinador G afirmou que não atribui grande importância a esta preparação da transição ofensiva, dizendo *"... aí... é muito mais aberto do que fechado ... "*, assim como o treinador E refere que *"..., mas não é o momento que eu dê importância, para que uma unidade de treino, ou um exercício de treino..."*. Este tipo de abordagem mais aberta não foi referido na bibliografia encontrada acerca do tema, contudo a não modelação para preparação deste momento em particular pode conduzir a alguma desorganização coletiva na equipa, uma vez que as perceções individuais de cada um dos jogadores leva a que existam decisões díspares e, portanto, menos segurança nas ações tomadas.

3. Limitações do Estudo

Como qualquer estudo, apresenta algumas limitações relacionadas com o enquadramento teórico e com a metodologia adotada. Estes tipos de limitações tendem a ser difíceis de evitar uma vez que o estudo qualitativo tende a ser sujeito à interpretação de quem o executa e também à interpretação que o entrevistado pode ter das questões. Ao nível do enquadramento teórico, as limitações existentes prendem-se com o facto de não ser possível abranger todo o tipo de informação acerca dos assuntos estudados e utilizados como variáveis, uma vez que num desporto como no futebol, com uma diversificação de conceitos tão grande e com diferentes categorizações lexicais para conceitos semelhantes, pode existir alguma dubiedade.

Metodologicamente por uma possível incompreensão das questões formuladas, os entrevistados podem-se eventualmente desviar do cenário real pretendido, e cabe a quem guia a entrevista de direccionar a mesma para o objetivo pretendido. (Gomes, 2007)

Para além destes aspetos, aquando de um estudo qualitativo, a própria interpretação e o conhecimento do individuo acerca da temática recolhida, a perceção do discurso, o enquadramento profissional e as experiências anteriores podem influenciar o tratamento dos dados recolhidos. (Gonçalves et al., 2021)

Conclusões

O trabalho centrava-se no estudo da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas, como forma de reforçar a sua importância para o sucesso coletivo das equipas. Assim sendo, o estudo qualitativo revelou-se altamente pertinente, uma vez que desta forma foi possível recolher contributos de oito treinadores que competem e treinam ao mais alto nível nacional. Esta partilha de conteúdos poder-se-á considerar essencial para o desenvolvimento de outros treinadores a nível profissional, podendo incutir uma reflexão mais profunda ao nível da modelação deste momento de jogo em particular.

Acerca do estudo podemos concluir as principais ideias transmitidas pelos treinadores:

- A necessidade de o treinador recorrer à modelação da sua ideia de jogo para adequar o seu treino de acordo com aquilo que quer ver em jogo, revelando-se esse processo como determinante.

- É possível referir e destacar a importância da preparação da transição, seja de que tipo for, num momento de organização, assumindo-se assim como um dos fatores de equilíbrio das equipas tanto a nível ofensivo como defensivo.

- As bolas paradas assumem um papel importante naquilo que é a definição de um resultado, sendo nos dias de hoje uma das formas mais recorrentes de chegar ao golo.

- A forma como as bolas paradas são modeladas têm muito a ver com a relação entre a ideia de jogo da própria equipa, podendo, no entanto, ser influenciada por outros fatores, como a análise do adversário, as características dos jogadores, entre outras.

- A preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas foi destacada como decisiva pela larga maioria dos treinadores estudados, assumindo-se assim como um fator fundamental na modelação das equipas e revelador da qualidade das mesmas.

- Nas estratégias de equilíbrio nas bolas paradas ofensivas, os treinadores destacaram como fundamental a criação de diferentes linhas de cobertura, estando a sua localização dependente da ideia de cada treinador

- Relacionando a modelação nas BPO com o tempo de jogo e o resultado, os dados obtidos não foram claros, existem treinadores que optam por alterar, e fazem-no

com a colocação de mais ou menos jogadores na área adversária ou em equilíbrio, contudo, também existem treinadores que defendem a não alteração, justificando isso mesmo com uma possível destabilização da própria equipa.

- Quanto à modelação das bolas paradas defensivas e preparação de uma possível transição ofensiva, os treinadores destacam o duplo papel da sua 2ª linha zonal, tendo como primeira tarefa defender, mas atribuindo igualmente funções para a saída em contra-ataque.

Evidenciar também alguns aspetos referidos pelos treinadores, mas pouco comuns, tanto empiricamente, como na revisão bibliográfica encontrada. Referido por Rego (2019) na modelação apresentada, onde a manutenção do jogo posicional nos lances de bola parada em conformidade com o jogo posicional de organização ofensiva se revela importante, não só para o desenvolvimento de jogadas pré-preparadas para os lances de bola parada, mas também porque permite manter a equipa equilibrada para uma possível perda de bola. Foi ainda destacado este ponto, como uma forma de não levar a que os jogadores se desloquem para espaços distantes da sua “posição” sobretudo tendo em conta a lateralidade da mesma.

Estes aspetos esperam-se que sejam fomentadores da reflexão pessoal de cada um dos treinadores para um melhor desenvolvimento da sua ideia.

Como qualquer estudo, existiram algumas limitações que são comuns à sua tipificação, em primeira instância a amostra. A amostra constituída por oito treinadores, todos eles diferentes, com vivências e ideias diferentes, leva sempre os resultados obtidos para os aspetos que os mesmo consideram como mais importantes. Até a própria nomenclatura de cada treinador influencia o resultado, uma vez que no futebol, é comum que cada treinador tenha a sua, podendo as denominações ter o mesmo significado eventualmente.

Recorrendo-se à entrevista, as próprias questões estão sujeitas à interpretação do entrevistado, levando por vezes a desvios na resposta e a um possível não aprofundamento da mesma.

Posteriormente, as poucas referências bibliográficas num âmbito mais qualitativo das bolas paradas e do momento de transição defensiva também não facilitou uma melhor discussão de resultados e confrontação com os dados obtidos, aspeto esse

crucial para o enriquecimento do estudo e para promover uma maior reflexão acerca do tema.

Para estudos futuros recomendamos um enquadramento deste tema, mas tentando agora aprofundar o treino dos lances de bola parada e possível enquadramento com a transição defensiva, uma vez que diversos treinadores salientaram este aspeto na entrevista, levando alguns a destacar como algo “difícil” de colocar em prática. Como Carvalho (2014) defende, só um treino de qualidade pode levar a um jogo de qualidade, e o aprofundamento do treino deste momento em específico, poderá ser muito enriquecedor para os treinadores.

Por último, reforçar a singularidade do estudo, relacionando dois momentos de jogo e a sua interligação, algo complexo dada a lógica interna do jogo de Futebol, pretendendo com isso a reflexão e o desenvolvimento a nível conceptual, não só próprio, mas também de outros treinadores. Ressaltar também o contributo dado por treinadores que trabalham a alto nível, participação essa extremamente enriquecedora e que permitiu dar a conhecer algumas das suas ideias e conceções para o jogo e naturalmente para o tema estudado.

Bibliografia

Adhabi, E., & Anozie, C. (2017). Literature review for the type of interview in qualitative research. *International Journal of Education*, 9(3), 86-97. doi:10.5296/ije.v9i3.11483

Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação Educacional*. Acedido em 20 de setembro, 2018, em <http://hdl.handle.net/10400.2/2028>

Almeida, F. (2006). *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Almeida, R. (2014). “Da conceptualização dos métodos de treino à operacionalização prática no quadro do modelo de jogo adotado.” Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Faculdade de Educação Física e Desporto.

Amieiro, N. (2003) “Defesa à Zona no Futebol: A “(Des)Frankensteinização” de um conceito. Uma necessidade “inteireza inquebrantável” que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP

Asensio, J. (2015). *El Entrenador específico de acciones a balón parado*. Vigo: MCSports

Bangsbo, J., & Peitersen, B. (2000). *Soccer systems and strategies*.

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. (3ª Edição). Lisboa: Edições 70.

Bento, A. (2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dictomia ou complementariedade? *Revista JÁ (Associação Académica da Universidade da Madeira)*, nº 64, ano VII (pp. 40-43).

Bessa, P. (2009). *A singularidade dos Lances de Bola Parada – A sua importância no Futebol Moderno*. Dissertação de Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Boni, V., & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2 (1): 68-80.

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspetiva de treinadores de elite

Campos, C. (2011). *A justificação da Periodização Tática como uma fenomenotécnica*. (1ª Edição). Vigo: MCSports.

Cardoso, M. (2018, junho 11). *No banco com os misters*. *Tribuna Expresso*. Retirado de: <https://tribunaexpresso.pt/no-banco-com-os-misters/2018-06-11-Miguel-Cardoso-Nunca-mais-me-vou-esquecer-do-Tarantini-Mister-eh-pa-que-desfrute.-Jogamos-tanto-a-bola-minha-nossa-senhora>

Carling, C., Williams, R., & Reilly, T. (2005). *Handbook of soccer Match Analysis: A systematic approach to improving performance*: Routledge.

Carvalho, C. (2014). *Entre Linhas*. (1ª Edição). Estoril: Prime Books.

Carvalho, C., Lage, B., Oliveira, J. (2015). *Futebol – um saber sobre o saber fazer*. (1ª Edição). Lisboa: Prime Books

Carvalho, G. (2019). *Planeamento e Periodização, em equipas profissionais, na perspetiva do Treinador de elite*. Dissertação de Mestrado. Rio Maior: Escola Superior de Desporto de Rio Maior.

Casanova, M. (2009). *Eficácia defensiva nos lances de bola parada no futebol. Defesa à zonz versus defesa individual e mista: estudo realizado no Campeonato da Europa de 2008*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Casarin, R. V., Reverdito, R. S., de Lima Grebogy, D., Afonso, C. A., & Scaglia, A. J. (2011). Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. *Movimento*, 17(3), 133-152.

Castelo, J. (1996). *Futebol. A Organização do Jogo*. Lisboa: Edição de Autor

Castelo, J. (1999). *Fútbol. Estructura y dinámica del juego*. (1ª Edição). Barcelona: Inde

Cresswell, J. (2007). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. Thousand Oaks: SAGE publications.

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspetiva de treinadores de elite

Cruz, J., Silvério, J., Gomes, A., & Duarte, C. (eds.), *Actas da conferência internacional de psicologia do desporto e exercício* (pp. 100-115). Braga: Universidade do Minho.

Denzin, N. & Lincoln, Y. (2011). *Handbook of qualitative research* (4nd ed.). London: Sage.

Fernández, A. (2016). El Sentido de la Investigación Cualitativa. *Escuela Abierta*, 19, 33-48. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10637/8295>

Ferreira, R. (2017, setembro 25). Momentos e Sub-Momentos do jogo... uma proposta. *Lateral Esquerdo*. <https://www.lateralesquerdo.com/2017/09/25/momentos-e-sub-momentos-do-jogo-uma-proposta/>

Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. (1ª Edição). Lisboa: Monitor.

Flick, U. (2018). *Managing Quality in Qualitative Research*. Los Angeles: SAGE.

Foer, F. (2006). *Como o Futebol Explica o Mundo – Um olhar inesperado sobre a globalização* (Guerreiro, V., Trans. 1ª ed.). Lisboa: palavra.

Fonseca, J. (2012). *As ações ofensivas que resultaram em golo: Análise das variáveis associadas à eficácia da fase ofensiva na 1ª Liga na Época Desportiva 2010/2011*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra, Coimbra.

Frade, V. (2019). *Curar o Jogar*. (1ª Edição). Porto: Periodização Tática by Vítor Frade.

Garganta, J., & Gréhaigne, J. (1999). Abordagem sistémica do jogo de futebol: moda ou necessidade. *Movimento*, 40-50.

Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um Futebol com pés ... e cabeça. In D. Araújo (Ed.). *O contexto da decisão: a acção táctica no desporto*. Lisboa: Visão e Contextos, 179-90

Gomes, M. (2008) *O desenvolvimento do jogar segundo a Periodização Tática*. (1ª Edição) Vigo: MC Sports

- Gomes, R. (2007). Liderança e gestão de equipas desportivas: Desenvolvimento de um guião de entrevistas para treinadores. In Cruz, J., Silvério, J., Gomes, A., & Duarte, C. (eds.), *Actas da conferência internacional de psicologia do desporto e exercício* (pp. 100-115). Braga: Universidade do Minho.
- Gonçalves, S., Gonçalves, J., & Marques, C. (2021). *Manual de Investigação Qualitativa*. Lisboa: Pactor
- Heinemann, K. (2003). *Introducción a la metodología de la investigación empírica en las ciencias del deporte* (Vol. 75). Editorial Paidotribo.
- Herrera, C. D. (2018). Investigación cualitativa y análisis de contenido temático. Orientación intelectual de revista Universum. *Revista general de información y documentación*, 28(1), 119.
- Hughes, C. (1994). *The Football Association Coaching Book of Soccer Tactics and Skills*. London: British Broadcasting – Corporation and Queen Anne Press.
- Jiménez, C., Díaz, R., & Rodríguez, D. (2016). Análisis observacional de los saques de esquina y tiros libres indirectos en el fútbol femenino de alto nivel. *Revista Kronos*. 15 (2), em <http://hdl.handle.net/11268/6147>.
- Jónatas, R. (2020). *Descodificando o Treinador e o Jogo*. (1ª Edição). Prime Books
- Lage, B. (2017). *Formação – da Iniciação à equipa B*. (1ª Edição) Lisboa: Prime Books
- Lobo, L. F. (2002). *Os Magos do Futebol*. (1ª Edição) Lisboa: Bertrand Editora.
- Lopes, M. (2005). *A construção de um futebol. Que preocupações na relação treino-hábito dentro de uma lógica de Periodização Tática/Modelização Sistémica?* Monografia de Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Loureiro, N., Teixeira, E., Costa, J. P., Prudente, J., & Sequeira, P. (2014). A Importância Das Bolas Paradas No Futebol, A Opinião Dos Treinadores. *Revista da UIIPS*, 3(2).
- Low, D., Taylor, S. e Williams, M. (2002). A quantitative analysis of successful and unsuccessful teams (World Cup 2002 Korea/Japan). *Insight*, 4 (5), 32-34

Macedo, N. (2014). *Relatório de Estágio Profissionalizante na equipa profissional do Moreirense Futebol Clube-Futebol, SAD-Observação e Análise das Ações de Bola Parada Ofensivas e Defensivas do Moreirense Futebol Clube, em contexto de Treino e de Competição*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Maciel, J. (2011). *Não o Deixes Matar: o bom Futebol e quem o joga*. (1ª Edição). Porto: Chiado Editora.

Maneiro, R., Ardá, T., Rial, A., Losada, J.L., Casal, C.A., & López-García, S. (2017). Análisis descriptivo y comparativo de los saques de esquina. UEFA Euro 2012. Revista Andaluza de Medicina del Deporte, 10(3), 95-99

Mourinho, J. (2001). Planificação da Época Desportiva. Livro de Comunicações da Ação de Formação – Futebol na ESDRM, Escola Superior de Desporto de Rio Maior. Almeirim, 21 de maio.

Morais, R. (2018). *Relatório Final de Estágio no Sporting Clube de Portugal Sub-19 Feminino, Época 2017/2018*. Relatório de Estágio, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Faculdade de Educação Física e Desporto.

Moreno, O. (2009). *El Modelo de Juego del FCBarcelona*. (1ª Edição). Vigo: MCSports

Novais, J. (2019). *A Importância das Ações de Bola Parada e das 2as bolas nos sub-16 do Clube Desportivo Trofense*. Porto: Relatório de estágio, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Oliveira, J. (2003). Organização do jogo de uma equipa de Futebol. Aspetos metodológicos na abordagem da sua organização estrutural e funcional. Documento de apoio das II Jornadas técnicas de Futebol da U.T.A.D.

Parada, S., & Vargas, M. (2020). Diseño y validación de un instrumento observacional para la valoración de acciones tácticas ofensivas en fútbol-vatof (Design and validation of an observational instrument for the evaluation of offensive tactical actions in football-vatof). Retos, 38(38), 306-311.

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspetiva de treinadores de elite

Pereira, B. (2008). *Eficácia da ação ofensiva nos pontapés de canto em futebol – Análise comparativa entre padrões estáticos e padrões dinâmicos, no Campeonato do Mundo de Futebol da Alemanha 2006*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Pinto, D. (2016). *Do modelo de jogo idealizado ao jogo praticado pela equipa: Estágio profissionalizante realizado no Leixões Sport Clube*. Relatório de Estágio, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Puig, D. S. (2018). *El Segon Entrenador de Futbol: Dos àmbits diferents: Futbol professional I Futbol base*. (1ª Edição). Barcelona: Wanceulen Editorial.

Rego, J. (2019). *Relatório de Estágio Profissionalizante na equipa de futebol Juvenil B do Rayo Vallecano de Madrid SAD*. Relatório de Estágio, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Resende, R. (2016). Técnica de investigação qualitativa: ETCI. *Journal of Sport Pedagogy & Research*, 2(1), 50-57.

Saldaña, J. (2009). *The coding Manual for qualitative researchers*. Acedido em 6 de junho, 2021, em http://stevescollection.weebly.com/uploads/1/3/8/6/13866629/saldana_2009_the-coding-manual-for-qualitative-researchers.pdf

Santos, F., Mendes, B., Maurício, N., Furtado, B., Malico Sousa, P., & Pinheiro, V. (2016). Estudo Original Análise do Golo em Equipas de Elite de Futebol na Época 2013-2014. *Revista de Desporto e Actividade Física*, 8(1), 11-22.

Santos, V., Soares, I., Silva, A., Gonçalves, T., & Sarmento, H. (2015). Análise dos esquemas táticos do mundial 2014. *E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte*, 11(4), 99-100.

Sarmiento, H., Anguera, M. T., Pereira, A., Marques, A., Campaniço, J., & Leitão, J. (2014). Patterns of play in the counterattack of elite football teams-A mixed method approach. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 14(2), 411-427.

Seirul-lo, F. (2009). Una línea de trabajo distinta. *Revista de Entrenamiento Deportivo*, 23(4): 13-18.

Sérgio, M. (2017, março 20). *Entrevistas Tribuna. Tribuna Expresso*. Retirado de: <https://tribunaexpresso.pt/entrevistas-tribuna/2017-03-20-Manuel-Sergio-o-filosofo-desportivo-Alguem-no-futebol-sabia-quem-era-o-Descartes--Nao-jogava-no-Benfica-o-gajo>

Silva, D. (2011). *Praxis de las acciones a balón parado en fútbol. Revisión conceptual bajo las teorías de la praxiología motriz*. Doctoral dissertation, Universitat Rovira i Virgili, Tarragona.

Silva, D. (2018). *El segundo entrenador de Fútbol. Dos ámbitos diferentes: Fútbol profesional y Fútbol base*. Sevilla: Wanceulen S.L.

Silva, E. (2013). As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. *Revista Angolana de Sociologia*, 12, 77-79.

Simões, G. (2018). *Relatório final de estágio na equipa de futebol iniciados A do Sporting CP-2016/2017: o treino de guarda-redes*. Relatório de Estágio, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Faculdade de Educação Física e Desporto.

Souto, S. (2004). Futebol: Entre o Simbólico e o Mercado. In Garganta, J., Oliveira, J. & Murad, M. (Eds), *Futebol de muitas cores e sabores – Reflexões em torno do desporto mais popular do Mundo* (1ª ed., pp. 119 – 135). Porto: CAMPOS DAS LETRAS.

Tamarit, X. (2007). *Qué es la "Periodization Táctica"?* (1ª Edição). Vigo: MCSports

Tamarit, X. (2013). *Periodización táctica vs Periodización táctica*. (1ª Edição). Valencia: MB football.

Taylor, S. J. y Bogdan, R. (2010). *Introducción a los métodos cualitativos*. Nueva York: Book Print (edición original, 1992).

Teixeira, P. (2016). *A Importância das Ações de Bola Parada no Contexto do Alto Rendimento – Estudo de Caso no Moreirense Futebol Clube na Época 2015/2016*. Porto: P. Teixeira. Relatório de estágio, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Tobar, J. (2018). *Periodização Táctica*. (1ª Edição). Lisboa: Prime Books

A importância da preparação da transição defensiva nas bolas paradas ofensivas: Um estudo qualitativo sobre a perspectiva de treinadores de elite

Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação*. (1ª Edição). Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian

Vieira, B. (2017). *Relatório Final de Estágio Santa Clara Açores – Futebol, SAD Época Desportiva 2015/2016*. Relatório de Estágio, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Faculdade de Educação Física e Desporto.

Vio, G. (2012). *Palla Inattiva: Un attaccante da 15 reti*. Itália: Allenatore

Vogelbein, M., Nopp, S., & Hökelmann, A. (2014). Defensive transition in soccer—are prompt possession regains a measure of success? A quantitative analysis of German Fußball-Bundesliga 2010/2011. *Journal of sports sciences*, 32(11), 1076-1083.

Anexos

Anexo I – Consentimento Informado



CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____ (nome), concordo em participar no estudo de Mestrado no âmbito da **Importância da Preparação da Transição Defensiva nas Bolas Paradas Ofensivas**, mais concretamente através da colaboração na realização de uma entrevista, realizada à distância através de uma plataforma de comunicação vídeo e áudio online, acerca do tema acima mencionado.

- . Informaram-me que a entrevista seria gravada em áudio e permito que seja;
- . Informaram-me acerca dos objetivos do estudo e do caso específico da entrevista;
- . Compreendo que tenho o direito de colocar agora ou durante o desenvolvimento do estudo, qualquer questão acerca do mesmo;
- . Aceito que as minhas perspetivas sejam incorporadas nos resultados do estudo e possam ser publicadas ou apresentadas pelo investigador para fins académicos;
- . Compreendi que o meu anonimato será sempre protegido e que nenhum nome ou outros detalhes identificativos serão divulgados;
- . Compreendi que sou livre de desistir do estudo a qualquer momento;
- . Compreendi que terei acesso à transcrição integral da entrevista e que a mesma só será tratada depois de minha autorização.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Investigador: _____

Rúben Rodrigues Pinheiro

Anexo II – Guião da Entrevista

A importância da preparação da transição defensiva nas Bolas Paradas Ofensivas

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do mesmo?
2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?
3. Que importância têm as Bolas Paradas no seu modelo de jogo? Justifique.
4. Olhando para a generalidade das Bolas Paradas existentes, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas Bolas Paradas Ofensivas são realizados de acordo com que fatores?
5. Tendo em conta a sua perspectiva acha relevante pensar / preparar a transição defensiva em situações de Bola Parada Ofensiva? E porquê?
6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de Bola Parada Ofensiva?
7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de Bola Parada Ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?
8. Olhando para uma situação inversa, aquando de um Bola Parada Defensiva, como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

Anexo III – Entrevista Treinador A

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do modelo?

Determinante para teres sucesso essa é a minha opinião. Portanto é muito importante... os pressupostos resultam de um combinar daquilo que são as ideias do treinador, mas também das características dos jogadores que transmitem à disposição.

Ou seja é impossível na minha opinião impossível a menos que estejas no City... é impossível teres o modelo de jogo que tu queres porque os jogadores... nunca terás os 11 ou os 20 jogadores exatamente... tal e qual tu idealiza para que possa ser só teu, sem ter em conta as tais características dos jogadores, ou seja, tu preferes jogar partindo de um sistema de 4-3-3, mas não tens nenhum “gajo” que seja forte na posição 6, estás logo condicionado... e portanto o melhor modelo de jogo tem sempre em conta aquilo que são,

as características dos seus jogadores e tu tens de andar a tentar encaixá-las... por exemplo, não vais usar os nomes por isso posso te dizer... aqui no “clube X” temos por um lado o “jogador A” que é claramente um “10”, tem muito mais rendimento ou poderá ter muito mais rendimento a jogar com “10”, mas tens um “jogador B” que não joga num duplo pivô que só joga como 6... e portanto o alguém para aproveitar o “Jogador B ou o Jogador A” já está a haver um conflito... então tens de andar aqui à procura de soluções para teres os dois a render e os dois felizes mas significa sempre que um deles não vai estar na posição onde se sente mais confortável... e são os dois tão melhores que os colegas que não podes deixar um deles de fora para jogar um outro qualquer, só porque o teu modelo de jogo diz que “ah meu modelo de jogo é um 6 e dois interiores então vamos tirar o “Jogador A” já porque o “Jogador A” não rende bem em nenhuma dessas três posições.”... Não claro, que não... é o melhor jogador da equipa tem que ser aproveitado só que tem de ser aproveitado de outra maneira e não da forma como tu querias... ou seja, logo a partir daí... a partir das individualidades já te desvirtua aquilo que seria o teu modelo de jogo ideal se tivesses... se pudesse escolher os onze jogadores com dinheiro ilimitado... portanto, o modelo de jogo é muito importante mas vem muito mais... ou vem muito mais esse rendimento na minha opinião... é que tem que vir muito mais as características e qualidades dos jogadores do que propriamente da influência do treinador.

2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?

Sim é... epá... e é absolutamente decisivo... eu não tenho dados de estudos mas já li algumas coisas por alto e tenho ideia que uma grande percentagem dos golos nos dias de hoje são nos momentos de transição, quer na transição, quer na bola parada são os momentos onde hoje em dia há mais golos há onde tem mais por um lado podes ter sucesso porque ataca com espaço e por outro lado podes perder jogos se se der esse espaço para transitar ao adversário e portanto, cada vez mais... se calhar são as transições são os dois momentos mais importantes do jogo... ou melhor... eu não diria que são os dois momentos mais importantes, por uma razão... porque esses momentos de transição começam a ser preparados nos de organização. Portanto é difícil estabelecer aqui uma hierarquia sobre qual é mais importante ou menos importante, se calhar a palavra mais correta... é notoriedade, os de transição trazem mais notoriedade porque é onde estão a aparecer os golos... mas esses momentos têm que ser preparados no momento da organização, e não é depois de perder a bola é que vais perceber onde eles estão para começar a defender... tens... quando perdes a bola já tem que saber onde é que os seus jogadores estão para poderem defender ou ao contrário para poder atacar, e portanto, muitas das decisões do modelo de jogo passam por essa questão das transições e posso te voltar a dar um exemplo concreto neste ano... “a equipa X” defende o 4-3-3 na maior parte dos jogos... defende 4-3-3 não defendem em 4-1-4-1 como fazem a maior parte das equipas e deixa os dois alas mais projetados, não vêm fechar na linha média baixa... e em termos defensivos a equipa fica menos segura do que aquilo que ficaria se fechasse 4-1-4-1 porque têm alas mais projetados, muitas vezes há situações em que o lateral adversário aparece em 2 contra 1 contra o nosso lateral e a equipa tem que ajustar... mas isso não é que nós não saibamos que a equipa fica mais exposta defensivamente é porque nós queremos é defender com menos para poder... quando recuperar a bola ter ali 3... 3 jogadores em posição de saída para podermos ser rápidos no contra ataque e portanto, é muito importante... mas é nos momentos de organização que se começou a preparar os de transição.

3. Que importância têm as bolas paradas no seu modelo de jogo? Justifique

Olha tem tanta importância como tem os outros momentos, ou seja hoje em dia... ganhas e perdes jogos na bola... hoje em dia e desde sempre ganha e perdes jogos na bola parada

sobretudo naqueles jogos mais equilibrados, muitas vezes é a bola parada que faz a diferença e portanto, obviamente é muito importante e trabalhamos com o mesmo afincamento e determinação que trabalhamos nos outros momentos do jogo. Nem mais nem menos. Mas com a mesma... com o mesmo grau de compromisso quer no planeamento quer no trabalho de campo.

4. Olhando para a generalidade das bolas paradas, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas bolas paradas ofensivas são realizados de acordo com que fatores?

Olha há algo em comum... posicionamentos e movimentos para tentar, no caso das ofensivas magoar o adversário e alguns posicionamentos para preparar a perda ou não finalização e termos de defender essa bola parada, ou seja, nas defensivas o contrário... vários posicionamentos preparados exclusivamente para defender a nossa baliza e depois outros que também estão a defender nossa baliza mas que já estão preparados para saltar rápido na frente para seguirmos em contra ataque se conseguirmos ganhar... ganhar essa bola parada, ou seja, quer nas ofensivas quer nas defensivas temos preocupações ofensivas e defensivas na bola... ou seja na bola parada ofensiva, estamos também não só à procura de fazer golo mas preocupados com um eventual contra ataque adversário e nas defensivas o contrário... estamos principalmente preocupados em não sofrer golo mas também com algumas decisões tomadas com o intuito de podermos chegar à frente rápido e poder fazer golo depois de uma bola parada defensiva.

5. Tendo em conta a sua perspectiva acha relevante pensar/preparar a transição defensiva em situações de bola parada ofensiva? E porquê?

Sim, sim é decisivo. A verdade é que não temos visto muitos... muitos golos após transições de bola parada, mas não temos porque acho que de uma forma geral todas as equipas já têm essa preocupação de estar equilibradas mesmo no momento em que tem uma bola parada ofensiva.

6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de bola parada ofensiva?

Na bola parada ofensiva... se reparares nós temos sempre quatro equilíbrios, três atrás e um na entrada da área, ou seja, não somos das equipas que levam mais gente à grande área adversária na bola parada tem sempre quatro equilíbrios. Naturalmente que dependendo do resultado ou do momento da equipa ou o momento da equipa em termos classificativos poderemos abdicar de um dos equilíbrios e ir só com três ou dependendo até dos jogadores que estão em campo... por exemplo ontem... ontem nós jogamos com um central a defesa direito porque a “Equipa Y” joga... como joga com muito muita bola por cima e tem 70 por cento dos golos que a “Equipa Y” fez na Liga foram de bola parada... então colocamos um jogador mais alto e mais forte na bola parada já que lá estava, nos livres ofensivos em vez dos quatro equilíbrios ficamos só com três e aproveitámos alguém que era forte na área e na bola aérea para tentar ser um bocadinho mais ofensivos. Ou seja, regra geral temos a nossa base dos tais 4 equilíbrios o 3 +1 que é algo que fazemos também em organização ofensiva ter sempre esses... esses quatro equilíbrios dependendo dos jogadores e do resultado às vezes pode mudar alguma coisa... foi o que aconteceu quando não estávamos em vantagem porque tínhamos mais um elemento forte no ar abdicamos do equilíbrio, quando ficámos em vantagem deixámos de abdicar desse equilíbrio.

7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de bola parada ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?

Sim... sim... claramente... claramente que se... mas creio que isso deve ser... acredito eu... que deve ser transversal a toda a gente, à medida que o jogo se aproxima do fim estamos a perder e de alguma forma temos de ir atrás do resultado.

8. Olhando para uma situação inversa, aquando de uma bola parada defensiva como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

Olha eu vou dar um exemplo concreto da... sobretudo do nosso campo defensivo. Toda a gente está em primeira instância, está tentar trabalhar para não sofrer golo... mas depois daquela zona que está colocada ao longo da linha da pequena área nós temos 3

jogadores que...raramente marcou individual... só marcou individual se... se os adversários forem muito fortes, por exemplo, contra “a Equipa Z” marcamos o “Jogador C” individual e ontem com a “Equipa Y” estava... estava planeado marcamos um dos jogadores do Portimonense individual mas ele nem jogou e depois nem marcamos, acabou por entrar mais tarde. À frente dessa linha temos três jogadores, cuja primeira tarefa é obviamente ajudar a defender, mas se a equipa resolver o lance são três jogadores que estão também

colocados ali estrategicamente para saírem rapidamente para o contra-ataque, ou seja, não estão ali, os três jogadores só para defender mas a própria... a própria definição de quem fica ali já está relacionado com o facto de serem jogadores mais ofensivos ou mais velozes, a poderem caso a gente ganhar a bola saltarem os três na frente. Isto habitualmente quando a gente acrescenta uma marcação individual aí já estamos menos preocupados com a tal saída para o contra-ataque, estamos mais preocupados com a defesa da nossa baliza... quando, por exemplo, quando decidimos marcar individual quem ficou naquela zona foi o “Jogador B” e ele habitualmente fica na linha, e os três da frente é que ficam nessas tais três posições para sairmos rápidos para o contra ataque porque também depende de jogo para jogo, embora regra geral... sejam depois... dessa linha fiquem três jogadores que possam...que possam saltar e que possam ser eficazes na saída para o contra ataque.

Anexo IV - Entrevista Treinador B

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do modelo?

Eu por acaso é curioso e sabes que nós muitas vezes falamos na questão da ideia do jogo, e naquilo que é o modelo de jogo e para mim são coisas diferentes e... porque a ideia de jogo para mim vem primeiro, não é e depois em função da, daquilo que tu defendes como aquilo que tu gostas e vai depois construindo o modelo, e portanto depois é o conjunto de pressupostos e até de conceitos, para poderes depois pôr em prática aquilo que são as tuas ideias, e não há dúvida nenhuma que toda a gente no fundo, está preparado, para duas coisas, nós agora temos mais momentos, não é, agora somos 4 elementos, mas eu costumo dizer sempre, ou tens bola ou não tens bola, não é, em qualquer situação, ou tens bola, ou não tens bola, é lógico que a passagem de um momento para o outro, portanto nós transitamos não é, claro porque é normal, e eu acredito que nós estamos sempre preparados, ou pelo menos temos sempre que prever, sempre no nosso modelo, não é, a maneira como estamos organizados, e portanto aquilo que eu sinto, efetivamente pela minha experiência, e há bocado acabei de falar nesse exemplo, é que há equipas que estão precisamente preparadas para, por exemplo, darem o domínio ao adversário, e depois no momento de, de, investirem mais na, nas transições rápidas, e então nós dizemos assim, é pá investimos nisto que era para aproveitar a desorganização do adversário, que no fundo era aquilo que me estavas a dizer, e eu entendo que a nível de organização, as equipas evoluíram muito, as equipas evoluíram muito da organização defensiva, e hoje quase toda a gente, prepara esses momentos, e portanto eu às vezes digo assim, é pá, hoje fala-se em transição rápida, que é ganhas bola, e procuras logo o avançado, ou procurar, meter a bola logo no espaço, para ver se tiramos partido dessa... antigamente era para ir para a frente, agora é transição rápida, e porquê, porque é o momento, em que, se reparares, 90% das vezes perde-se a bola e porquê, porque a transição não é sustentada, não é, agora quando me falas, no meu modelo e se eu estou preparado, para isso, claro que eu estou preparado para isso, e aqui quero deixar uma ideia, pronto, que depois vocês também (impercetível) é quando me levantas a questão das bolas paradas, que tem a ver com a questão do equilíbrio, não é, e eu olho para o jogo, independentemente do adversário e jogo sempre e olho sempre de uma maneira, que é o que é que eu tenho que fazer para a

minha equipa estar equilibrada, e este processo de quando eu estou, em posse, e estou a atacar, ou estou a construir uma situação de bola parada no adversário, não tem

a ver por exemplo, com a quantidade de jogadores que o adversário põe por exemplo, no meu meio campo, vou dar-te um exemplo, por exemplo se eles puserem só, porque normalmente as equipas é pá, deixam só um avançado, na frente, não é, naquela situação, a minha, a minha preparação, o meu modelo, a minha ideia, para esse momento, não é pôr 2 jogadores, porque tenho superioridade numérica, por causa do avançado, eu vou dar-te um exemplo muito claro, situações de bola parada contra mim, cantos, eu tenho 2 jogadores á entrada da área e 2 jogadores e 2 jogadores atrás, não me importa saber, é pá, se os gajos não tem lá ninguém, estás a perceber? E porquê, porque eu construo a minha organização ofensiva, numa determinada dinâmica e organização, em que os 6 jogadores que estão envolvidos no processo de construção, 4 estão, estão numa posição quase só de equilíbrio, não é, e esses 6 jogadores chegam-me para eu poder, tentar no fundo enganar e tentar ter sucesso nessa ação defensiva. Portanto o meu modelo de jogo, portanto é importante na perspectiva de dizer assim, independentemente do adversário, e independentemente não é, daquilo que ele possa vir a fazer, há sempre uma base, que eu deixo como, como, equilíbrio da minha equipa, e agora tu dizes-me assim, como às vezes acontece, uma situação e eu já fiz isso, e portanto era uma das coisas que, que entretanto eu também, eu por exemplo, já houve um período que nos meus cantos, não é, eu metia.... Nos meus cantos defensivos, portanto, eu a defender, eu metia 3 avançados lá. não é, e às vezes tem adversário que metem 2, mas eu normalmente metia 3, e porquê, porque era uma questão de superioridade, e eu ao mesmo tempo já queria também criar alguma surpresa no adversário, se eu ganhasse a bola, porque já havia ali uma dinâmica e depois iremos falar sobre isso, para eu poder aproveitar logo esses momentos, para quebrar, quebrar o adversário, mas o primeiro impacto era esse, o primeiro impacto, é que os gajos vinham todos para o canto, e eu por exemplo na China, diverti-me para caralho, eles vinham todos para o campo, e quando se apercebiam, estavam 3 gajos lá, e eles começavam a olhar uns para os outros e a dizer, foda-se o que é que se passa aqui, estes gajos vieram de onde? E tu aí já estavas a desmontar a organização do adversário e portanto e voltando outra vez ao modelo, o modelo para mim é importante, porque tu... independentemente do adversário tens as bases que te permitam equilibrar sempre a equipa, em todas as situações, agora e depois dentro do modelo, depois vais encontrar determinados detalhes

determinados pormenores, não é, tanto defensivos, como ofensivos, que te vão permitindo, de certa maneira, colocar os teus jogadores numa posição de vantagem, que vão permitindo de certa maneira, fazer entender aos teus jogadores, que tem que estar preparados para saber interpretar não é, aquilo que se está a

passar no jogo, e isto é uma coisa, que eu depois vou apertar contigo, portanto a construção do modelo, é feita depois passo a passo, em função daquilo que nós vamos sentindo, treino a treino, para irmos entrando no... no detalhe, há uma ideia geral, sobre aquilo que é o equilíbrio, sobre aquilo que é a organização ofensiva e defensiva, e depois entramos em detalhes que tem muito a ver com a perceção que eu vou tendo, da evolução do jogadores em relação aquilo que o jogo lhes vai dando, aos problemas que o jogo lhes vai apresentando, eu não sei se isto está a fazer sentido para ti?

2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?

Olha eu vou já falar-te disto que é para depois também te lançarmos a ti, para tu depois também ires investir breve, eu, eu, tenho sido muito, muito influenciado, e agora nos últimos meses foi publicado em abril, em maio, do ano que passou, um livro chamado Espaço de fase, não sei se já ouviste falar, portanto do Agustin Peiraita? Ó pá, muito, muito, focado portanto na visão do Paco Seirul-lo e tu como estudante sabes que... daquilo que estamos a falar e porquê, porque me entusiasmou essa visão, e eu, já a tinha portanto, porque já tinha ido à procura de algumas coisas, do Paco Seirul-lo começamos a Periodização Tática na... em Portugal é a bíblia, e entretanto, na, na em Espanha, portanto o Paco Seirul-lo com o treino estruturado.

Mas quando eu tenho algumas palestras do Paco Seirul-lo, quando ele avança nessa questão do espaço fase, isso vem um bocado ao encontro daquilo que tu me ouviste falar, na palestra, naquilo que era a influência que o Carlos Queirós teve na minha visão de jogo, no início da minha carreira, quando ele fala na simplificação da estrutura complexa do jogo, e porquê? Porque o Carlos Queirós diz que o jogo decide-se no sítio onde está a bola, em ações de 2 para 1, 2 para 2, 3 para 2, não é, que coincide ao mesmo tempo também com a minha vivência de redução, e portanto eu transportei muito e ainda hoje, do que é, o futsal para o meu futebol, e porquê, porque, para mim o que conta, é efetivamente, o sítio aonde está a bola, e esse livro do Espaço fase, vem

reforçar muito disso, mas vem reforçar com uma abordagem mais profunda e sistematizada de uma maneira diferente e até com outro tipo de vocabulário, mas que no fundo vem de encontro, aquilo que eu já defendia há muito tempo, e aquilo onde eu passo o meu, a minha metodologia a minhas ideias, são focadas nisso. E portanto eu não olho, e portanto vais-

me perguntar isto também na questão dos sistemas, que eu sei, a minha visão não é, não é se estamos a jogar em 4-3-3 ou 4-4-2 ou e portanto toda a gente sabe que eu normalmente falo no 4-4-2, mas não é por ser o 4-4-2, é porque é assim, no sítio aonde está a bola e esse Agustin Peraita, é pá, dá nomes a isso, há um espaço de intervenção, que é, eu tenho a bola e tu não tens, não é e portanto nós temos uma intervenção direta no sítio onde está a bola por exemplo, e depois há um espaço à volta da bola, em que tu, por exemplo, tu tens bola, e são as tuas linhas de passe, não é, e então o que é que tu queres no teu jogo, uma linha de passe para a direita, uma linha de passe para a esquerda, e precisamente uma linha de passe para a frente e depois até pode ser para trás, mas eu costumo dar... e eu o que eu quero, não tendo a bola, eu vou reajustar o meu posicionamento, em função do sítio onde está a bola, em função das linhas de passe que tu estás a tentar criar, faz sentido ou não? ...

E portanto depois é assim e eu costumo dar estes exemplos, o teu lateral direito tem bola, ó pá se ele estiver um bocadinho dentro, é capaz de ter, ou passa para a direita, talvez o ala, o extremo aberto, para a frente é capaz de ter o ponta, lá dentro, é capaz de ter o médio, e de trás é capaz de ter um central, tu tens 5 jogadores, envolvidos nisto, e os outros 5, o que é que estão a fazer? e tu sem olhares para estes sistemas, dizes assim, ó pá, estes 5... deixa ver, 2 estão para aí. no processo... a equilibrar defensivamente, outros 2 estão ali numa posição intermédia, talvez... a equilibrar defensivamente ou a apoiar o ataque, e tens 1 outro, o último, que é capaz de estar, é pá vai ser o extremo do lado contrário, ou até um segundo (impercetível) que está a apoiar o ataque, faz sentido para ti ou não?

Bem, e eu agora pergunto-te assim, em que sistema é que estás a jogar? Tu não... não é importante o sistema, porque ou num ou noutro, à volta da bola, estão ali... e tu agora diz-me assim, não, mas eu no meu 4-3-3 é o meu extremo que lá está, e é o meu interior, e eu digo-lhe, assim no meu 4-4-2 é o ala que está aberto e é o ponta na frente, o meu médio, um dos médios, está e por detrás está o central e eu digo-te assim, sim, mas corta

as caras aos gajos que andas nas camisolas, e o que tu queres é que os jogadores estejam posicionados, dessa maneira e relacionados

E relacionados dessa maneira. E isto para mim, Rúben, ó pá, isto para mim esclarece tudo, e então eles chamam-lhe o quê? Eles chamam-lhe a minha ação direta contigo, no espaço de intervenção, aquilo que está à volta das tuas linhas de passe, é um espaço de ajuda mútua, não é, portanto estão a procurar ajudar-se, uns a defender e os outros a atacar, e

tem os outros, à volta e que é um espaço de cooperação, não é, até essa terminologia, para mim, faz sentido, é um espaço de cooperação, ó pá que é, que está organizado em função de quê, das 2 balizas, está organizado de uma... do teu lado ofensivo, para equilibrares, para protegeres a tua baliza se há alguma coisa, a acontecer mal, e está ao mesmo tempo, orientado para a baliza adversária, porque no fundo aquilo que tu queres é teres a bola e marcares o golo do outro lado, e isto... mudas a bola, de sítio, e as reações aparecem em função disso.

Estás a perceber e portanto tu dizes-me assim, é pá, como é que eu estou organizado, e que importância é que dou, e a minha visão é esta, a minha visão é esta, e tu sabes, que quando falamos em organização defensiva por exemplo, ó pá, eu costumo dizer assim aos meus jogadores, perdemos bola, onde é que está a bola, onde é que está a bola, quem é o portador da bola, contenção ao portador da bola, e os outros só tem que dizer assim, onde é que estão os meus colegas? Onde é que estão os meus colegas e para quê, para eu me relacionar com eles, e porquê, para criarmos entre a bola e a minha baliza, se não for mais, duas linhas de 4, não é, agora posso criar linhas de 5 ou 6 e posso criar... mas a relação é... a relação é esta, portanto e nós muitas vezes criamos aqui não é uma série de conceitos, daqui e dali, quando no fundo, a mim, e eu agora digo-te assim e eu entretanto ganhei a bola, e eu digo ao meu portador da bola, primeira coisa, onde é que estão os meus colegas, porque alguns pegam na bola, e na transição rápida da bola, e bom, bom, bom e foda-se, é isto que tu vez no futebol hoje em dia, Rúben, o que tu vez, é... repara, bola pelo ar, 90% das vezes perde-se, e o gajo está lá, grande passe, o gajo está lá sozinho, contra 3 e 4 e o que é que vai acontecer, a maior parte das vezes, perde a bola... eu quero uma abordagem diferente, portanto respondendo à tua pergunta, eu ando à volta disso, eu ando à volta disto, percebes, portanto ando à volta de perceber, que o equilíbrio é sempre feito, em função daquilo que os jogadores veem e aquilo que

eu te estava a dizer, era isto, aqueles 5 jogadores que estão fora, e eu costumo dizer, ao meu lado, ou do lado contrário, quando tu olhas para o jogo, o que é que tu estás a ver? Porque o que se passa muita das vezes, no futebol é isto, por exemplo e ainda agora, quando tu vês, laterais projetados, não é, que é uma das coisas que eu... agora também tenho que e é pá, sais do lado direito e o lateral do lado esquerdo, não é, está lá, muitas das vezes está a olhar e está a pensar assim, foda-se, estes filhos da puta, ainda vão perder a bola, é ou não é.

E esta visão, esta perceção, de tu começares a antecipar aquilo que pode vir acontecer, tem a ver com o quê, tem a ver com a maneira como tu olhas para o jogo, com aquilo que

está à tua volta, não é? Vou-te dar outro exemplo simples, quando estamos por exemplo numa situação de cruzamento, a bola está num corredor, do lado direito, o lateral do outro lado, que está a defender, é o gajo que tem a visão, daquilo que se está a passar, à frente dele, não é, o que é que tu estás a ver? O que tu estás a ver é muito importante para quê, porque tu dás um feedback aos teus colegas da frente, para perceberes o que é que se está a passar fora da área, tu tens que entender que não é só a tua posição, que estás bem posicionado, mas aquilo que se passa à volta, porque tu tens necessidade, de passares mensagem de comunicar, se alguma coisa estiver mal. Estamos numa transição do contra ataque, por exemplo, eu digo ao...uma das coisas que eu digo sempre, portanto e isto é básico, é pá esqueçam a bola, se a bola está no corredor, esqueçam a bola, olhem mas é para a frente da baliza, o que é que vocês veem em frente à baliza, então estão lá 2 gajos sozinhos do adversário e vocês e vocês não dão ao canelo, para ir, para ir atrás dos gajos, antes que a bola lá caia. Isto para mim é que é o entendimento daquilo que se está a passar no jogo e isto é feito através de quê, através desse tal processo simples, que devemos entender, que à volta da bola, acontecem algumas coisas, mas há um outro espaço, há um outro jogo, não é, que tu tens que entender para poderes equilibrar a equipa, para poderes resolver o problema, que o adversário te está a causar, com uma equipa, se te focas só na tua ação, nunca vais entender, o que é que os outros andam lá a fazer.

3. Que importância têm as bolas paradas no seu modelo de jogo? Justifique

Ora ainda bem que perguntas isso porque é assim, eu às vezes fico a pensar nisto, porque a bola parada, a mim é pá fascina-me as bolas paradas, e eu digo-te eu tenho

uma regra muito grande, as primeiras duas situações de bolas paradas, são sempre ensaiadas, não é, e eu vou-te explicar porquê, porque eu digo assim, foda-se, caralho, se eu tenho às vezes aberta e estamos a filmar, e às vezes até se filma os jogos, esteja ou não esteja, eu vou tentar surpreender o adversário e saber que mesmo agora, que toda a gente tem acesso aos jogos anteriores, eu vou sempre 2 vezes, as 2 primeiras bolas paradas são sempre ensaiadas com coisas diferentes, com coisas novas, e porquê? Então se eu tenho oportunidade de mostrar que há ali um trabalho, um dos momentos do jogo, onde um gajo se pode valorizar, como treinador, não é, e até com uma equipa que tem ideias, e depois andamos ali a jogar a trocar de qualquer maneira, não sei, a enganar os gajos, e um gajo vai tentar que a bola, se não for golo, tínhamos de andar lá perto, porque quem olha para aquilo diz assim: - é pá foda-se estes gajos é pá está gira esta merda, é ou não é, portanto a bola parada para mim é, logo um momento de afirmação, das minhas ideias, daquilo

que eu digo aos meus jogadores, ó malta, para mim é simples, levanta os braços e ponho a puta lá em cima, pronto siga, foda-se, caralho toda a gente faz essa merda, é pá vamos tentar enganar os gajos e isso a mim desafia-me, portanto porque é pá, porque eu não consigo viver sem a criatividade, e portanto esta minha busca constante pela diferença e não aceitar tudo, é não, eu faço é pá, mas não quero fazer como os outros, quer as mesmas coisas, mas vou por caminhos diferentes. Portanto a bola parada para mim tem muita importância, muito sentido de, de ser uma oportunidade, para eu também valorizar, o meu trabalho, e ao mesmo tempo de, de surpreender o adversário não é e depois numa segunda fase, entro no campo e daquilo que o Treinador X porque uma vez falei com ele, e nunca mais me esqueci, da otimização e quanto ali ao Treinador X, ele disse, não... eu acredito mais na otimização e se for... e eu disse otimização, como é que é esta merda, e fiquei ali um bocado curioso, e ele disse uma coisa, que é pá, fez todo o sentido, porque é assim, se eu trabalho sempre os meus, cantos a ir ao primeiro poste, não é, e repito isso, os meus cantos, são sempre ao primeiro poste, o Treinador X dizia-me isto, não é, eu que vou jogar contra o Treinador X, sei que ele vai investir nos cantos ao primeiro poste, e então eu vou ter cuidado, não é, mas vais treinar isso, quanto tempo? Tu vais treinar isso, durante um treino ou 2, é pá cuidado que o Treinador X nos cantos, o gajo, vem ao primeiro poste, eu que sou o Treinador X, ando a treinar isso há meses, quem é que tem vantagem, sou eu, ou és tu? É pá... filha da puta, faz sentido, não é. e depois um gajo diz assim caralho, nós sabíamos que eles iam ao primeiro poste.

Eu não avisei que eles iam ao primeiro poste, e sofremos um golo no primeiro poste? Pois sofremos, nós fizemos aquilo num treino só, e só 2 ou 3 vezes, para avisar, e os gajos fazem aquilo todos os dias. Portanto 2 situações, 1 preparada sempre com processos diferentes, portanto de combinações, portanto para tentar enganar o adversário, algumas até muito giras e que eu já marquei golo também, e outras depois, baseadas também sim senhor malta vamos bater, mas que tipo de batimento é que vamos fazer, pronto e aí normalmente e eu até uso muito e gosto muito daquela bola cortada que sabes, vai ao segundo poste, que não é aquela que vai bombeada, é aquela que vai assim a crescer e sabes, mas digo-te mais crio mais perigo, com as ensaiadas, do que com as outras, com as outras, olha, de vez em quando, alguma há-de acertar na cabeça de alguém, sabes, é aquilo que eu digo muitas vezes, sabes o que é, ó Rúben, quando estamos a fazer, e agora falando na parte defensiva 95% dos gajos, que estão no campo ofensivo, estão a olhar para a bola e a dizer assim, foda-se quem me dera que a puta não venha para mim, é ou não é? Eu costumo dizer assim, olhem, há 2 maneiras de ver esta merda, os gajos medricas, estão a olhar e dizem, foda-se se calhar que a puta não venha

para mim, eu estou aqui não é, a outra visão que é aquela em que eu acredito, que é aquela que marca a diferença é 90% dos gajos, olharem para aquela merda e dizerem assim foda-se venha a puta que ela hoje vai ser minha, esta atitude mental, esta visão, não é, é aquilo que pode marcar pela diferença, e marcando à zona e marcando individual, foda-se é sempre um duelo, que ali olha, seja o que Deus quiser, se a puta acertar, em cheio em alguém, ela vai entrar, é pá normalmente acerta mais nos defesas, porque os defesas, só tem que desviar e os avançados tem que dar direção, não é, e às vezes nós temos ali, ali alguma vantagem, porque nós acertamos nela, e os gajos, às vezes mesmo acertam nela, mas ela vai para fora e vai por cima, por isso, por isso... Rúben, é um bocadinho esta a minha visão.

4. Olhando para a generalidade das bolas paradas, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas bolas paradas ofensivas são realizados de acordo com que fatores?

Numa primeira, numa primeira, eu sou muito franco em relação a isso. Numa primeira abordagem daquelas que estão ensaiadas, é pá são construídas no pressuposto, de um determinado comportamento do adversário e vou dar-te um exemplo, quando eu falo em

cantos curtos, em cantos ensaiados, falo sempre de que eu vou ter sempre 2 jogadores junto à bola, e quer dizer o quê? Quer dizer, que eu de certeza vou ter 2 adversários ali. Pronto e eu começo aí, pronto e o que eu quero logo é enganar estes 2 adversários, para mim é mais fácil enganar estes 2 adversários e atacar a baliza, do que estar a meter lá e tentar enganar os outros todos, portanto é uma questão de sorte. Portanto a minha, a minha abordagem é feita, partindo sempre do pressuposto, em que o adversário vai ter um determinado comportamento, em função do movimento da bola, por exemplo às vezes tenho 2, tenho um dos cantos por exemplo, um jogador que passa ao outro, e depois fazemos um atraso, ao nosso lateral que está posicionado, numa posição de equilíbrio, e o que é que nós queremos, queremos que a linha defensiva deles suba, não é, para depois o lateral vir por aí abaixo, em situações ensaiadas, portanto de 3 para 1, e que de um momento para o outro, ele aparece na linha de fundo, em vantagem, e porquê, porque aproveitou o deslocamento da defensiva para exatamente tirar partido disso... Às vezes e de uma maneira mais direta, o que é que eu quero, passo para trás na mesma, o que é que eu quero, que a linha defensiva suba, e no momento em que ela vai subir, eu vou fazer um cruzamento, talvez de segunda linha, para depois apanhar, em contra pé... pronto, portanto a minha montagem tem a ver com aquilo que se me fizerem a mim, o

comportamento que eu vou ter, e, portanto, eu antecipo o comportamento do adversário em função daquilo que vou fazer com a bola, para depois poder atacar, e tirar vantagem sobre, sobre esses movimentos, não é, portanto é um bocadinho em função disso.

5. Tendo em conta a sua perspectiva acha relevante pensar/preparar a transição defensiva em situações de bola parada ofensiva? E porquê?

6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de bola parada ofensiva?

Claro considero porque é assim, a questão do, e como eu já te disse, a questão por exemplo do meu equilíbrio, tem sempre a ver, é pá a não ser que o adversário me meta lá 3 jogadores, é verdade e pronto se meterem 3 jogadores, num ataque, numa posição de canto, eu digo-te assim, é pá eu vou ter com certeza 3 jogadores não é, a fazer vigilância, àqueles jogadores, mas o meu 4º jogador não vai estar a fazer cobertura, lá atrás, vai estar à frente e portanto eu uso ali uma posição intermédia, e às vezes até depende do que eu quero, porque depois é uma luta pessoal, não é, porque eu posso

meter 2 jogadores a marcar 3, porque a bola só vai para um dos lados, e a bola ao ir, no movimento para um dos lados, eu crio sempre ali um determinada meia distância, ou uma meia dinâmica, por assim dizer, que me permite ganhar tempo, em função do tempo da transição, em função do trajeto da bola, estás a perceber, portanto do trajeto da bola, portanto para te dizer que a minha, a minha, a minha organização defensiva, portanto o período de transição, em termos de equilíbrio não tem... numa situação normal, não tem a ver, se o adversário me deixa lá alguém ou não, tem a ver com 2 jogadores que eu ponho atrás, e tem a ver com 2 jogadores que eu ponho à frente da área, 4 jogadores estão sempre numa posição de equilíbrio, é verdade que 2, estão mais atrás, numa situação de controlar o espaço, e esses 2 que estão à frente da área, também estão numa posição dupla, uma também para equilibrar se for preciso, e na outra, também de poder ganhar uma segunda bola, e poder também, e a partir daí, não é, criarmos, criarmos mais, alguma situação de perigo para o adversário ok, portanto resumindo e concluindo, o meu equilíbrio defensivo nas bolas paradas, não tem a ver com o número de adversários, tem a ver com o controle de espaço, pressupondo sempre, onde é que a bola poderá cair e eu poder ter alguém que controla o espaço e depois o adversário claro que aí nesse espaço.

7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de bola parada ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?

Boa pergunta, basicamente não, basicamente não, o que não quer dizer, que, portanto, se eu estou a 10 minutos do fim, ou 5 minutos, e é pá até tenho um canto a meu favor, e estou a ganhar, e ó pá, não é, que eu vá com toda a gente, para ali, não e sou capaz de dizer assim, é pá, vai lá, e vão ficar... olha 1 central olha vai ficar aqui, ou coisa que pareça. Portanto dizer-te o quê? A minha organização não depende, não depende, maioritariamente do resultado do momento do jogo, não tem a ver com isso, ou da situação em que o jogo está, tem a ver com princípios, pronto, que eu tenho que desenvolver, mas não quer dizer, que em situações pontuais quando eu sinto que tem a necessidade de se, de, de, potenciar mais o equilíbrio defensivo ou dizer aos meus jogadores, ó pá... vamos agora gerir, porque estamos agora num período que não vale a pena lá ir, portanto e nomeadamente, às vezes é feito em função disso, não é, e portanto normalmente, não altero, altero em situações pontuais, quando eu sinto, que o meu ...

diz-me, é pá não vale a pena lá ir, olha mete-te (impercetível) ou coisa que se pareça, estás a perceber? ... ahh ... Como também às vezes uso o contrário, às vezes por exemplo, quando vou para bolas paradas, em vez de andar num atalho e bombear, não... aí utilizo a saída jogada, não é, vou ao canto, pego na bola, e como normalmente as minhas equipas, é pá, sabem ter bola, não é, não meto a bola lá para cima, para eles ganharem e para virem, não, começo a construir a partir do canto, e ando para trás outra vez, portanto vou chamá-los para depois começar a pô-los a correr para eu ter a bola, o mais tempo possível, para controlar, portanto também faço às vezes esse tipo de gestão.

8. Olhando para uma situação inversa, aquando de uma bola parada defensiva como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

Olha eu por norma marco, marco à zona, não é, normalmente marco à zona, mas houve um período, houve um período em que eu quis mudar, é pá, em alguns casos, porque eu quis modelar um bocado, a minha organização e então investimos na marcação ao homem, quando eu sentia que os jogadores se sentiam mais confortáveis, na homem a homem, então eu dizia assim, então sim senhor, vamos marcar homem a homem, mas eu vou pôr 3 gajos a atacar, e pronto, e punha 3 gajos a atacar, e porquê, lá está, com a questão da superioridade, para já, criava ali, um, um impacto diferente no adversário,

porque eu digo assim, 3 gajos a atacar e quantos gajos é que o adversário, vai lá meter? Pelo menos 4, é ou, não é? ... Com mais 1 gajo a marcar o canto, 5, portanto eu tenho... ele gasta 5 jogadores com 3 jogadores meus, quer dizer que eu tenho lá 3 e sobra-me, mais 1 ou 3, e sobra-me 8, enquanto ele tem 5, tem 6, portanto eu quebro logo ali uma...uma superioridade, portanto por um lado, por outro lado, eu já tinha também, preparado com o meu guarda-redes, portanto uma situação em que, se o meu guarda-redes ganhasse a bola, ele ia escolher um dos lados, portanto vou ver se eu consigo explicar, o meu guarda-redes ganha a bola e no momento em que ganha a bola, um dos alas, para o lado em que a orientação corporal do guarda-redes, não é, ou onde ele estivesse, onde fosse mais fácil, ele, ele acionar, uma possível transição rápida, o ala desse lado, dos 3, baixava, e ao baixar ele ia atrair logo, um defesa não é.

E no momento em que baixava o meu ponta de lança caía...para o lado onde ele baixou, não é, para o espaço vazio, e aquilo que eu treinava, é que o meu jogador ia receber a bola, no pé, e portanto isso era treinado, e ia fazer um movimento de transporte de bola,

para dentro, a fugir com a bola para dentro, ao adversário que vinha atrás, e o que é que acontecia, acontecia que já estávamos com a bola e ao meio, e na situação de orientar-se para um lado e orientar-se para outro, e normalmente aí, criava logo uma situação de contra ataque, ó pá, muito difícil, às vezes de parar. Portanto para te dizer, que, nessas alturas eu fazia isso, mas neste momento, pá...neste momento, tenho só uma situação pensada, invisto muito mais, em resolver a situação do equilíbrio defensivo para tentar resolver a bola parada e portanto o meu foco, é mais na organização defensiva, para tentar anular aquela ação, mas se o meu guarda-redes ganhar, eu normalmente defendo com... é pá, tenho um jogador no poste e tenho 4 jogadores a fazer uma linha, tenho 1 outro, entre o jogador do poste, que é o meu ponta de lança, e o jogador do poste, e o primeiro dessa linha, portanto que é a tal zona que eu protejo muito o primeiro poste e deixo o meu guarda-redes a controlar do meio para trás, não é, portanto do primeiro poste, e depois tenho 1 linha de 3, portanto tenho 4, 5, 6, 1 linha de 3, a fazer bloqueio, não é, e tenho 1 gajo, normalmente é um gajo rápido, e às vezes até nem é 1 gajo, que está a controlar aquela zona do penalti, estás a perceber, para a entrada da área. Mas se o nosso guarda-redes, ganhar a bola, ele olha para o gajo que decide logo, para que lado é que vai fugir, percebes, e porquê, porque ele vai fugir para um lado, vai procurar conter a bola e os outros 3 que estavam na segunda linha, os que tiverem mais perto, vão logo, apoiar, mas sou-te franco, é pá, não tenho investido muito, não tenho, tenho isso previsto, mas não

tem muita, não tenho, não tenho tirado grande partido disso, divertia-me mais quando era com os outros 3, porque chocava mais, só que agora a malta, pronto, ... mas um dia qualquer, quando me passar a... vamos trabalhar homem a homem e eu então meto, porque às vezes a mim, a mim, desafia-me muito mais essa questão, e eu às vezes chegava e os gajos chegavam ali, havia gajos, que nem... só quando o gajo de trás começava a berrar é que os gajos vinham para trás, e depois criava ali, uma instabilidade, e eu às vezes divertia-me um bocado com essa merda porque ninguém estava à espera.

Anexo V – Entrevista Treinador C

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do modelo?

Hmm... nós consideramos que o modelo... é... o modelo e a nossa ideia é de extrema importância... Olha eu não citei, mas é de extrema importância quando falei em modelo falo do modelo de jogo e da nossa ideia. Eu considero que a nossa ideia é extremamente importante. Considero inclusive que podemos olhar para ela como no ponto de partida para nos orientar todo o processo e eu quando digo isto refiro-me num contexto ideal diria... refiro-me desde a escolha dos jogadores... passando pelo modelo de treino, as escolhas... as escolhas dos exercícios e a própria intervenção do treinador nos mesmos, porque depois é essa operacionalização e os estímulos dos exercícios que implementam e desenvolvem determinado Jogar... e eu julgo que cada partida a nossa ideia de jogo como disse inicialmente, é um ponto de partida que pode ser considerado um ponto de partida de extrema importância para desenvolver e desenrolar de todo o processo. Esses dois exemplos desde a escolha dos jogadores à criação do próprio modelo de treino e as formas de intervenção e operacionalização de todo o processo, portanto julgo que é extremamente importante ter que ter bem definido o modelo e uma ideia coerente e equilibrada.

E para construir esse modelo suportou-se em quê?

Eu diria... e isso é sempre, é sempre, sempre, gera sempre alguma... alguma discussão e por vezes alguma discórdia entre treinadores mas eu diria que nós... nós partimos do pressuposto que temos uma... uma visão de termos uma forma de olhar para o jogo e em virtude das nossas experiências daquilo que nós gostamos... ahh... de dizer que gostamos de alguém que consideramos, ou uma equipa gostamos ou que já vimos anteriormente e que nos atraiu e que nos prendia e também tem naturalmente... também bebemos dessas influências e depois de termos a nossa ideia daquilo que nós sonhamos que nós ambicionamos ver a nossa equipa fazer, e isso é a base... isso é a base de tudo e é ao início de tudo e depois naturalmente em função do contexto onde estamos inseridos. Podemos adaptar aqui ali para podermos ser mais equilibrados e mais coerentes em função da cultura do clube, da cultura dos

jogadores... objetivos... objetivos que temos propostos, etc... mas basicamente a nossa ideia vai muito ao encontro daquilo que nós sonhamos ver a nossa equipa fazer e aquilo que nós queremos pelo qual nós desfrutamos... uma equipa jogar dessa forma naturalmente é isso que nos apaixona. Se isso... se isso nos faz sonhar e nos faz ambicionar, naturalmente que vai ser por aí, o nosso objetivo e a nossa intenção.

2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?

Sim naturalmente... ahh... esses instantes são de extrema importância... e quanto mais... quanto mais estivermos equilibrados nesses precisos momentos mais possibilidade temos não só de nos mantermos equilibrados e coesos e estáveis como também de no instante seguinte conseguirmos destabilizar e desequilibrar a estrutura ou as estruturas adversárias... portanto eu julgo que é extremamente importante e até porque até porque são momentos... são instantes que geram naturalmente por si só maiores desequilíbrios nas estruturas e quanto mais desenvolvida tiver... mais desenvolvido tiver nesse momento e quanto mais afinado estiver equipa para esse o momento mais... aliás eu diria até que as transições indicam muito... indicou muito o nível... o nível em que se encontram as equipas e a qualidade das equipas, portanto damos sempre importância a esses momentos/instantes e julgamos qualquer extremamente importante.

3. Que importância têm as bolas paradas no seu modelo de jogo? Justifique

Ahhh... Bola parada é... julgo também para qualquer equipa é sempre importante... trabalhar... seja em termos defensivos seja em termos ofensivos e são momentos que podem decidir podem decidir e que geram sempre maior ou menor tranquilidade e segurança e essa perceção de jogo para qualquer jogador que é importante ter no caso de se sentir seguro e confiante nesse preciso momento e eu que cada vez mais e também atendendo ao nível que muitas equipas cada vez mais apresentam, as equipas são cada vez são melhores, os treinadores são cada vez melhores, introduzem melhor as suas ideias e sabem melhor o que querem... os jogadores naturalmente também vão evoluir com isso, vão sendo mais conhecedores do jogo e atendendo a essa melhoria

que vai gerar, muitas das vezes, os jogos naturalmente são mais equilibrados e essas equipas são melhores, os jogadores são melhores e se isso acontece nas equipas de uma forma geral, os jogos naturalmente podem ser mais equilibrados e só esses momentos de bola parada que por vezes podem... podem desequilibrar e podem e podem decidir, então são sempre momentos que podem ser decisivos e nós tentamos trabalhar com afinco e organizar os jogadores da melhor forma para poder explorar em termos ofensivos isso nas equipas adversárias e nos momentos ofensivos... esquemas táticos ofensivos no caso, e é para não sermos para não sermos surpreendidos quando passamos a defender e como disse inicialmente... porque isso também gera também gera confiança e gera uma perceção maior segurança nos jogadores e julgo que é importante também.

4. Olhando para a generalidade das bolas paradas, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas bolas paradas ofensivas são realizados de acordo com que fatores?

Primeiro e antes de mais julgo que... julgo que é muito em função... de... nós percebermos tendo em conta... antes de mais termos uma ideia... uma ideia base também nesses momentos e depois naturalmente temos... temos... são momentos que temos de ter também muito em conta os nossos pontos fortes e as características que podemos e o que podemos retirar das características e das mais valias dos nossos jogadores e obviamente também assentamos isso um bocadinho naquilo... que nós conhecemos do adversário nos pontos mais fortes... mais débeis que podemos e podemos explorar mais determinados momentos... basicamente é por aí... nós temos uma ideia geral... por exemplo em termos defensivos posso se referir... defesa zona... nossa ideia geral, temos os nossos posicionamentos de uma forma... de uma forma geral temos os nossos posicionamentos claros e depois a partir daí podemos mexer aqui ou ali em função de onde sentimos que podemos tirar partido e onde sentimos que temos... que temos de reforçar mais uma zona outra mas de uma forma geral está claro e está estabelecido pois em função das características dos jogadores e do que retiramos do adversário ajustamos para sermos o mais eficazes possível.

5. Tendo em conta a sua perspetiva acha relevante pensar/preparar a transição defensiva em situações de bola parada ofensiva? E porquê?

Sim claro. Nós podemos preparar ou começar a preparar essa bola logo em termos de um posicionamento... de um posicionamento inicial. Podemos logo adotar posicionamentos que nos possam facilitar o momento seguinte. Depois a partir daí e a partir dessa ideia... é esse posicionamento que nos dará essa segurança maior... temos também que trabalhar, desenvolver, treinar aquilo que nós chamamos aquele “click”, aquela mudança de “chip” ataque-defesa, ou seja, o timing, a velocidade a que reagimos e que passamos para o momento seguinte... basicamente esses são os fatores mais importantes para essa transição defensiva neste caso.

6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de bola parada ofensiva?

Em termos de posicionamento... primeiro e antes de mais e como somos ambiciosos a nossa... a nossa primeira ideia é estarmos posicionados naturalmente para ferir e para desestabilizar a estrutura adversária, a partir daí julgo que dependendo do lado, da zona, do livre, se é um canto... dependendo da zona que estamos a cobrar o respetivo esquema tático, depois a partir daí adotamos sempre posicionamentos de forma a estarmos com linhas de cobertura suficientes e de forma equilibrada com jogadores posicionados em equilíbrio para podermos parar uma transição o mais longe possível... e sempre com a ideia de ser o mais longe possível da nossa baliza e o mais perto possível da baliza adversária.

7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de bola parada ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?

Se acontecer... será... depende muito e em momentos muito específicos e particulares... admito que possa acontecer mas de uma forma geral não! Diria que... porque... possivelmente... uma coisa é o segredo pode estar aí, nós temos isso treinado e trabalhado para no caso de ocorrer nós conseguirmos colocar em prática... agora alterar só porque sim, eu acho que isso em vez de nos dar estabilidade, poderá ter um efeito completamente contrário, deixar-nos frágeis e ansiosos, ainda para mais em momentos tão específicos e difíceis como esses.

8. Olhando para uma situação inversa, aquando de uma bola parada defensiva como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

Mais ou menos ao encontro daquilo que falamos na situação em que transitamos para a defesa, a lógica é a mesma, é temos que ter os jogadores posicionados e disponíveis para podermos acelerar o jogo, para progredir em direção da baliza adversária e conseguir ligar em combinações ou conseguirmos em condução queimar linhas atuais e chegar o mais rápido possível ao alvo... à baliza adversária, agora... basicamente é ter jogadores posicionados e ter jogadores disponíveis para podermos... para podermos realizar essa mesma transição em progressão e da forma mais rápida possível não permitindo isto de uma forma geral... ou seja, fazê-lo sem permitir que o nosso adversário recupere a tempo de nos impedir a finalização. O objetivo é posicionar e desenvolver um estímulo que nos permita acelerar no sentido de chegar à baliza adversária da forma mais rápida possível, isto de uma forma geral eu julgo que é muito por aqui e acho que é um princípio que qualquer treinador e qualquer equipa tem em mente é um jogo de uma forma geral e muito por aqui. Agora não sei como é que eu posso especificar mais isso não sei se pretende falar de posicionamentos concreto.

Sim, pode entrar por aí, a ideia é essa.

É interessante porque nem sempre se consegue ferir o adversário nesse momento, é necessário que estejam reunidas algumas condições... e... hmm a definição de um posicionamento defensivo na bola parada, permitir-te-á ... mais facilmente alcançar o espaço livre do adversário, e de forma natural entrar em organização de forma estável, fundamentalmente... é isso que procuramos!

Anexo VI – Entrevista Treinador D

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do modelo?

Então ó Rúben, então o jogo é fundamental não é, é a base, é a base de partida, para, para o estabelecimento de regras coletivas, individuais, para que... para que a gente, se consiga estruturar, na busca pelos objetivos e acho que nós, que nós temos que ir, nós temos que ir moldando e ajustando, o nosso modelo de jogo à realidade, que nós estamos e às circunstâncias do clube, dos jogadores, e portanto temos que ir ajustando os pequenos pormenores, não é, mas a base, os grandes pormenores, os grandes princípios, quer individuais, quer coletivos, nós temos, e eu pelo menos, tento não abdicar deles, mas tenho que ter alguma flexibilidade, no sentido sempre de, de ajustar tudo aquilo que são as características dos nossos jogadores as características do clube, as características de determinadas características da dinâmica de trabalho, ajustar... aquilo que, que é o meu modelo de jogo, se pegar só no meu modelo de jogo, e tentar aplicar os contextos e todos os clubes por igual, certamente vai, vai, não vou obter resultados diferentes, é isso que eu tenho sentido, e então é fundamental esse ajuste, mas... a base, não é, a base, a base do meu modelo de jogo é fundamental e é isso que tenho levado, para todos os clubes que tenho, que tenho ido, essa base, esses princípios individuais e coletivos que servem como ponto de partida, para depois, para a estruturação de dinâmicas que, que possibilitem ir buscar os objetivos.

E tem em conta que pressupostos?

Isso é relevante, porque são vários, são muitos pontos, mas o principal para mim, são as questões financeiras, porque são as questões financeiras que possibilitam tudo o resto, felizmente, felizmente nos últimos, nas últimas 3 épocas, que eu iniciei, tive clubes que portanto no Clube X como as duas épocas aqui no Clube Y, e tive clubes que me possibilitaram, pela questão financeira, que me possibilitaram não de uma forma tão, tão... digamos, não é esbanjar, não é uma liberdade total, nesse aspeto, mas no aspeto financeiro, mas tinha alguma flexibilidade, não é... para... tinha alguma margem para, para poder investir quer em recursos materiais, quer em recursos humanos e dentro desses recursos humanos, vem os jogadores, não tive a capacidade, que outros clubes da primeira liga, tem por exemplo de comprar jogadores, e mesmo clubes do mesmo nível,

do mesmo nível que às vezes podem investir num ou noutra jogador, nós não tivemos essa

capacidade, mas tínhamos, pelo menos, ao nível tivemos, ao nível, ao nível de financeiro, desculpe ao nível dos ordenados de poder elevar, num nível de competição e que os nossos adversários também, também, praticavam e então esse aspeto financeiro, para mim é fundamental, infelizmente a sociedade em que vivemos e o futebol em que vivemos, todos nós, treinadores, jogadores, staff técnico ou qualquer profissão, vivem também em função também disso, não é só de, do prazer que lhe dá em termos técnicos a profissão, é também o retorno financeiro, que nos dá, depois para a sustentabilidade, nas nossas vidas pessoais.

E nesse sentido, a parte financeira para mim, é fundamental perceber, qual é a capacidade, que o clube tem, não é, de uma forma resumida agora, a capacidade que o clube tem, em termos financeiros, para fazer face aos objetivos e à implementação do meu modelo de jogo, porque a questão do meu modelo de jogo, não tem a ver só com questões técnicas, questões táticas, tem a ver com questões físicas e as questões físicas eu preciso ver se tem, se tem um ginásio para trabalho complementar, se tem determinados recursos materiais para o que eu quero em termos de táticos e técnicos se tem os recursos dos campos de treino, próximos do estádio, para eu poder fazer, uma apresentação, antes de ir para o campo, para poder reunir com os jogadores, seja... eu acho que está tudo, interligado. A parte financeira permite, desenvolver, ou permite criar e desenvolver esses recursos, não só técnicos, táticos, físicos, humanos, materiais, tudo, na minha opinião a parte financeira é determinante. Depois em relação ao modelo do jogo, a questão da capacidade, de com quem estou a lidar não é, a capacidade dos dirigentes, para mim também é fundamental e eu por exemplo, não tinha tido a possibilidade, ainda devido à minha curta carreira, de ter este posicionamento, mas desde que saí do Clube X, depois de um trabalho relativamente positivo, por ter deixado a equipa no segundo lugar e ter andado o ano todo, nessa posição, em posições informais entre o segundo e o primeiro, mas foi mais segundo lugar, atrás do Clube Z, e eu tive a possibilidade de escolher, ou seja, eu tive vários convites, e tive a possibilidade de escolher, dentro da segunda liga, naquele ano, e dentro da segunda liga, tive, tive a possibilidade de escolher, e para isso tive... foi, foi... fui investigando um pouco, foi-se sentindo o perfil também de quem, com quem estava, com quem ia estabelecer este, este

contrato de gestão digamos, eu ia celebrar um contrato, para atingir os objetivos, mas também, com quem é que eu... quem é que vai fazer parte da minha equipa de trabalho, quem é que vai ser o meu diretor desportivo, quem é que são os meus diretores, o meu presidente, porque para mim também faz... também faz a diferença, depois em nós conseguirmos ter sucesso ou não, a parte

financeira, a parte de quem, de quem lida connosco, e eu acho que é isso depois, dentro da parte final, os recursos, não é, mas acho que está diretamente ligado, a esta questão, também financeira, porque se não se tem, pode vir-se a desenvolver, o mínimo, o mínimo, o mínimo não é, mas os recursos da equipa são, são fundamentais, se nós fizermos, se nós quisermos também entrar por outros aspetos, a base dos jogadores que já tem, porque normalmente, é difícil, é difícil mudar, chegarmos e mudarmos 25 jogadores, ou 26, 28, então a base dos jogadores que já temos, quem são os 15, e os 18 e os 20, ou quem são os 10 ou os 5, depende, mas quem são os jogadores que ficam, que transitam de uma época para a outra, qual é o seu perfil humano, qual é o seu nível de maturidade, qual é o... a capacidade técnica que eles tem, qual é... fazer esse tipo de análise, os recursos materiais, são muitos aspetos mas eu acho que sim, dos mais importantes são esses, pronto a capacidade, que o clube tem também em possibilitar o levar a minha equipa técnica também, porque hoje em dia, o treinador, os clubes, muitas vezes leva o treinador e o adjunto, o treinador e um adjunto, e um preparador físico, depende das culturas, dos países e depois depende, da cultura interna do clube, mas para mim é fundamental eu poder levar, um elemento de cada área, no mínimo, e tem acontecido isso felizmente, tive essa possibilidade, e depois também, também o próprio, o próprio grau de desenvolvimento interno do clube, face à dinâmica que eu quero estabelecer, e se eu explicar, existem clubes que os treinadores vão para estruturar, e há outros que os treinadores vão... são clubes já estruturados. Eu...o Clube F, e o Clube E, são dois grandes clubes atualmente com capacidade financeira, com recursos e preparados para objetivos muito interessantes, tal como aconteceu por exemplo, com o Clube P ou com o que está a acontecer com o Clube P, mas eu apanhei o clube 24 anos, que não estava na primeira liga e o outro há 18 anos, que não estava. Vinha do CNS, vinha de dinâmicas de trabalho, os dois clubes vinham de dinâmicas de trabalho muito simples, muito rudimentares e pouco profissionais, e eu, pessoalmente, já vinha de vivências, vivências de balneários e de clubes, de Liga Europa, de Liga dos Campeões, de lutar pelo título, de clubes pequenos de primeira liga, de clubes médios da primeira

liga, e de clubes federados da primeira liga, e também no Brasil, passei essa experiência, clubes pequenos, clubes com poucas dificuldades, e clubes com tudo, com as melhores condições do mundo, como foi o caso do Clube H e isto para te dizer o quê? Se eu quando vou para um clube, se eu puder, escolher um clube em que eu tenho que ir para estruturar, para implementar, para comprar, muitas vezes até ter que comprar recursos materiais que faltam ao clube, ou ir para um clube que tem tudo, nós quando, nós quando fomos a Clube Z, por exemplo, há 3 anos,

na subida de divisão, o Clube Z na segunda liga, gere um clube de primeira liga, gere este clube e o Vítor, o meu amigo Vítor, que Deus o tenha no céu, fez um excelente trabalho, uma pessoa fantástica, um grande treinador, um grande homem, mas aquele clube que ele treinou, era um clube com tudo, era um clube de primeira liga, na segunda liga. Portanto treina com ginásio, com refeitório, com dormitórios, com relvados de primeira linha de relvados naturais, houve outros que o Vítor treinou, já que estamos a falar, o modo como por exemplo, o Clube K, em que ele teve que superar tudo isso, foi um grande treinador, um grande guerreiro, porque acho que essa palavra que eu, que eu aplico quando nós temos, além de obter resultados, ter que treinar em diferentes campos, em sintéticos, em fazer viagens todos os dias para ir treinar, não ter pequeno almoço, o departamento médico, muito limitado, muitas lesões, e portanto nós temos que ser muito guerreiros, e certamente que no Clube K, naquele ano da subida, o Vítor passou por isso. Aqui tanto no Clube X, como aqui, posso afirmar que também passei por isso, tive que ajudar o clube a crescer, eu e a minha equipa técnica e o próprio clube, o Presidente as pessoas que estavam, mas que tivemos, dentro dos objetivos, de, de, subir de divisão, tivemos também os objetivos de ir fazendo a estrutura crescer, porque é muito difícil, é muito difícil ...

E pronto e eu digo-te isto porque eu superei, eu ajudei na formação do Clube N, trabalhei no Clube N em 2 momentos distintos da história, um no momento mais alto da sua história, no vice campeonato e no final da liga Europa, e voltei lá com o professor Treinador J em 2014 e vi o crescimento do clube, e é diferente entrar num clube, que está a crescer e que precisa de desenvolver a área de... a área médica, a área estrutural, a área logística, a área da análise, ou a área da psicologia, que ainda não tem e é diferente trabalhar num clube assim, de um clube, que tem tudo e são poucos os clubes que tem tudo, infelizmente em Portugal são poucos, mas há uns mais completos do que

outros, e talvez agora depois de dar esta volta toda, ainda à tua pergunta, esse aspeto, também é um aspeto, que eu acho que é importante e quando nós queremos ir para um clube para implementar o modelo de jogo, ao nível do que eu estou a falar, porque depois quando estamos a falar em nível de Sub-23 e depois vês a segunda liga, CNS, e por aí abaixo é pá os requisitos, é pá, tem que se ir baixando os requisitos, porque os clubes aí, tem menos, tem que ser proporcional à realidade.

2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?

Isso para mim é fundamental as transições, são pequenos momentos que existem quer dizer são pontos no tempo que existem entre, entre, o processo ofensivo e defensivo a fase, defensiva e ofensiva, dependendo do autor, mas para mim são momentos, muito curtos, que nós temos que estar extremamente estruturados, para esse desequilíbrios que acontecem na nossa equipa, poderão acontecer na nossa equipa, quer em termos defensivos, quer os desequilíbrios que nós poderemos criar, no adversário através das nossas, nos nossos processo de contra ataque, de ataque rápido, mas eu preparo, tento preparar muito bem esses momentos de transição porque acho que são fundamentais. Mas que são fundamentais, são mais do que momentos, que as equipas podem, por, por segundos, e às vezes até nem é por segundos. Se calhar milésimas de segundo, mas às vezes, às vezes gostam de um olhar para o lado errado, o jogador, e estamos a falar de bolas paradas. Falamos de bolas paradas também por exemplo. Os jogadores ficam na entrada da área no equilíbrio, no momento de uma disputa, basta não estar a olhar para o espaço certo, que não para de fazer a leitura certa que perde, se calhar um segundo ou milésimas que não permite enfim agir mais tarde, que o adversário, mas para mim são momentos extremamente rápidos, que em poucos segundos, podem ser fatais para a nossa equipa, e isso para mim é fundamental equilibrar a equipa, quer num momento em que nós temos a posse de bola, e estamos a atacar, ter processos de equilíbrio, processos que permitem reagir à perda, ser, ser pressionante, na zona da perda, sobre o adversário com bola e as linhas do próximo, as linhas de passe próximas... ah... Estava-te a dizer, que, que, nos permite então ter essa reação de pressionar o portador da bola, efetuar logo uma pressão imediata na zona da perda, pressionar linhas de passe ou pelo menos estar preparado para pressionar linhas de passe próximas, fechar os espaços,

preparar, preparar a equipa, para retirar a profundidade, caso o adversário consiga, sair dessa pressão, e voltar rapidamente para reorganizar rapidamente a equipa, e esse, e essa situação, da nossa transição defensiva, em termos ofensivos acontece um pouco da mesma forma, que é, quando nós estamos a defender, nós temos a capacidade de estruturar o nosso processo defensivo, no sentido de quando ganharmos e quando ganharmos a bola, podermos aproveitar espaços relações numéricas que o adversário possa nos permitir e chegar rapidamente à baliza, do adversário.

3. Que importância têm as bolas paradas no seu modelo de jogo? Justifique

É assim as bolas paradas, para mim é são momento também, eu, eu habituei-me depois até de passar pela faculdade, pela faculdade não, por Rio Maior, pela escola, e depois de muitos processos dos cursos de formação e de formador habituei-me também a atribuir bolas paradas ofensivas e defensivas para mim como um momento do jogo, e para aqueles autores que dizem que existem 4 mais as bolas paradas a minha lógica, é que existem 4 e mais 2 momentos de bola parada, porque estruturalmente a bola parada ofensiva, é diferente ou completamente diferente da bola parada defensiva, ou seja a forma como é que eu estruture a minha equipa ofensivamente, não tem nada a ver, com a forma como eu a estruture defensivamente, por isso e a esse nível conceitual, para mim, são momentos distintos, e existem 2 momentos, a bola parada ofensiva e a bola parada defensiva, que para mim é fundamental, é muito importante, porque são momentos que, que, podem definir, definir um jogo, e definem os jogos, e são, e tem que ser preparados na minha opinião, com muito, muito rigor, muito detalhe, quer a bola de saída, quer os lançamentos de linha lateral... quer... quer os livres semi diretos, os livres diretos, os cantos, para mim são, são, pequenos, aqueles pequenos momentos, que vem, depois de uma paragem, de uma intervenção do outro árbitro, no caso da bola de saída, nem sei se será englobado, em termos conceituais isso será integrado nas bolas paradas, mas como vem... é o início seja ele do jogo, ou o início após um golo é o início do jogo, e eu englobo, no meu conceito eu englobo também como uma parte estratégica, dentro das bolas paradas, eu para mim é fundamental, são momentos em que o trabalho, e temos que trabalhar com muito, com muito detalhe de uma forma muito específica, com missões individuais e coletivas, bem, bem definidas dentro, dentro do modelo de jogo e dentro do processo de treino, e é um processo que nós que nós acompanhamos constantemente, todas as semanas, que nós não abdicamos mas também

e mais uma vez está diretamente ligada às características dos jogadores e que nós temos que ajustar no modelo de jogo, pequenas dinâmicas individuais ou coletivas às características dos jogadores que temos e isso para mim também é fundamental.

4. Olhando para a generalidade das bolas paradas, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas bolas paradas ofensivas são realizados de acordo com que fatores?

É assim no que diz respeito à minha equipa, naturalmente e tem a ver com, com o executante, não é, porque quem executa tem que ter uma grande capacidade, de colocar a bola, no lugar que nós queremos, e felizmente este ano tivemos, neste caso bem, o Jogador X tinha essa capacidade, o Jogador Y, o Jogador Z, e o Jogador H são jogadores que metiam, batiam muito bem, e para mim o bater muito bem é o cruzamento, ser um

cruzamento, rápidos, forte, a forma como a bola chega em zona de finalização, tem a ver com a velocidade, e com a precisão, do local aonde nós queremos que ela vá, depois no que diz respeito, às características dos nossos jogadores, de quem vai atacar, tem que haver a capacidade, de, de, finalizar, de cabeça, porque nós às vezes temos jogadores, com um, com um...com altura, com estatura, com estatura, só que, são jogadores que não tem, em termos biomecânicos, em termos de... não é, não é para eles aquela... eu digo arte, de finalizar de cabeça, mas talvez talento, gesto técnico, paixão biomecânica, como deve ser para finalizar de cabeça, e isso eu às vezes, não é preciso, ter um jogador de um metro e 90, para fazeres esses golos de cabeça, mas se tivermos 1 jogador de 1 metro e,75, ou 1 metro e 77, mas que é destemido, que é agressivo, que, que, executa o gesto técnico com a cabeça, de uma forma muito rigorosa, e permite que a bola ganhe velocidade no momento do cabeceamento, ou que coloque bem a cabeça no momento de finalizar, para mim, isso, isso, já é o suficiente. Por isso além do jogador, que marca, também os jogadores que vão finalizar, tem que ter essa capacidade, e esse à vontade, no gesto técnico de finalização de cabeça, normalmente eu, eu e no atual momento, de eu achar que pronto, que as bolas paradas mais do que combinações curtas, cada vez mais os equilíbrios para mim são, são os mais vantajosos são em termos estruturais no posicionamento dentro da, da, da, zona frontal da baliza, e para mim, eu normalmente eu coloco, no mínimo sempre 5, 5 a 6 jogadores, 5 a 6 ultimamente até quase sempre 6, e depois uma estrutura, de equilíbrio na entrada da área e para o nosso meio campo. Em

relação aquilo que estavas a perguntar, do que é que eu observo, naturalmente, a forma e a estrutura comum que o meu adversário se posiciona, o espaço onde se posiciona, os, os detalhes, os detalhes individuais são importantes, os pontos fortes de cada adversário, mas também as, as lacunas, e muitas vezes as lacunas nesses momentos, não são, muito perceptíveis, não é, às vezes é aspetos de concentração, dos jogadores estarem extremamente ativos, ou relativamente relaxados, porque um canto, um livre, o lançamento é um pouco mais... demora um pouquinho mais, mas são lances que, são muito rápidos, e estamos a falar de 2 ou 3 segundos talvez, um jogador que bata muito forte entre a bola ser batida, e chegar um jogador para a finalizar, talvez demore, 3 segundos no máximo, depende da potência do cruzamento, do quadro, de 2, nunca vi, nunca li sobre isso até, mas acho que de uma forma lógica, será dentro do que disse, e então jogadores adversários, que não estejam extremamente concentrados, ou que a gente, possa criar mecanismos para os perturbar, é um fator que eu também procuro, o posicionamento deles, as lacunas que eles possam ter, os pontos negativos que eles possam ter, depois o lado estratégico também, o lado do posicionamento dos nossos jogadores, dentro dessas zonas de finalização e a forma como eles se vão movimentar nesses, durante esses 2 a 3 segundos, como é que eles se vão movimentar, sei que é uma ação muito rápida, quer um canto, quer um livre, é uma ação muito rápida, mas há um lado estratégico, que nós podemos montar, e é isso que eu tenho tentado fazer.

5. Tendo em conta a sua perspectiva acha relevante pensar/preparar a transição defensiva em situações de bola parada ofensiva? E porquê?

E é extremamente importante, nós não podemos, nós não podemos permitir que um lance ofensivo da nossa equipa, em que nós objetivamos chegar ao golo, não só, não o conseguirmos, como ainda sofrer o golo, ou seja, não faz sentido e se não faz sentido, e se não faz sentido nos momentos do jogo, não é durante o processo ofensivo para o processo, defensivo, nas situações de reação à perda, as transições, também não é lógico, nos momentos de bola parada, nem nos momentos dos esquemas táticos, e nesse sentido, para mim é muito importante, o equilíbrio, a forma como preparo os jogadores, para que, caso a gente não consiga, concretizar, fazer o golo, caso a gente não consiga finalizar, e a bola... ir para fora, e muitas vezes, há adversários que mesmo... por exemplo num canto, ou num livre, sempre finaliza a bola para fora, a bola sai pela linha final, e mesmo assim, são equipas muito perigosas, nos contra ataques... Porque não dá

tempo suficiente, da equipa toda, se estruturar na sua organização defensiva, e então mesmo finalizando, nós temos que, e a bola indo para fora, muitas vezes os apanha bolas, repõe bola logo ali, e o guarda-redes já bate logo, e a equipa ainda está desequilibrada, por isso e em todos os momentos, tirando, tirando o momento em que fazemos golo, todos os outros, são momentos que a equipa, tem que, tem que rapidamente reagir à perda de bola, como se fosse uma situação de jogada normal.

6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de bola parada ofensiva?

É assim, em primeiro lugar, as estratégias que, as estratégias começam ainda no, na parte ofensiva do esquema tático, ou seja quando nós estamos a defender a parte ofensiva, talvez seja a forma como nós vamos buscar o golo, temos que ter ponderação, analisar muito bem aquilo que nos pode trazer mais vantagens e não nos expor a situações de transição, ou seja, dar indicações da forma, da velocidade, e do local onde queremos que a bola vá, os jogadores que nós queremos que, que ataquem nas determinadas zonas, por

exemplo eu não tenho necessariamente que atacar o primeiro poste, na zona do penalti, a zona do segundo, não tenho que ter jogadores, na minha opinião, não tenho que ter jogadores em todas as zonas, se eu tiver, se eu tiver e colocar 6 jogadores atrás e colocar 3 no primeiro poste, e 3 no segundo, e se eu tiver um jogador que cruze muito bem, que bata cruzamentos muito bem, com precisão e com potência, e se lhe pedir olha, o primeiro é no segundo e o segundo, canto que nós vamos marcar, independentemente do lado é no primeiro poste, eu sei que aqueles 3 jogadores, que vão atacar aquela zona, por uma questão, por uma questão lógica tem umas grande possibilidade, dependendo também do adversário, da forma como o adversário defende a... porque nós devemos jogar uns contra o Clube P e o Clube P, marca individual e jogamos, contra outras equipas que marcam zona, aliás até um lance polémico que foi a mão do Jogador C, nasce de um lance estratégico nosso, e nós pela marcação individual que o Jogador P realizou, realizou, nós fizemos com que todos os jogadores se movimentassem.

Todos, para a zona do primeiro e que entrasse um jogador de entrada da área na zona do segundo. O Jogador C já se... apercebeu-se, apercebeu-se, a bola está...o cruzamento foi batido, um pouco junto à baliza, porque foi, porque naquela caso foi o Jogador A, o francês que bate também, que bate o Jogador J, que penso que estava no banco, e o

Jogador I e naquele caso era o Jogador L e já teve que ir finalizar quase por trás da pequena área, mas de qualquer forma foi um lance que o Jogador C só conseguiu anular de uma forma até ilegal, embora ele estivesse, ele estava lá, mas tivemos um canto parecido, contra o Clube F e o meu jogador, na altura, na subida, há 2 anos atrás, na altura no Clube L, e o jogador finaliza, finalizou por cima, não acertou, mas estava sozinho, frente a frente com o guarda-redes, e neste caso, são estratégias posicionais, de onde a gente quer que o jogador esteja, numa posição inicial, e uma posição final, de exprimirem o seu movimento, e que cria desequilíbrios, desequilíbrios, para, para a estrutura, e a forma e o método defensivo, neste caso, o método defensivo, do adversário porque era marcação individual, quando é a zona, também depende, nós, este lado estratégico para mim, nas bolas paradas ofensiva tem uma preponderância muito grande, porque permite nós ajustarmos, ajustarmos constantemente às características do adversário, alguns pequenos detalhes, que facilmente, facilmente ajustáveis permitem criar esses desequilíbrios nas equipas do adversário e como eu, como eu, como me estavas a perguntar, em relação ao equilíbrio, ou melhor, à... como é que prevenimos essas perdas e os contra ataques, para mim ainda é na fase ofensiva, nós temos muito cuidado, onde

queremos colocar a bola, o espaço, e o número de jogadores que colocamos a atacar, isto no plano teórico, porque depois na prática, nós podemos realizar tudo direitinho, e dar errado e dar um contra ataque, que deu golo, pronto, mas no plano teórico, pelo menos, ser bem estabelecido, e com uma grande percentagem de probabilidade de êxito e depois realmente no momento de, de, de disputa, em caso de perda, uma forte reação coletiva, não é individual, só de quem está na zona da bola, é coletivo, é mesmo de quem bate a bola, mesmo no canto, não fica lá no canto, quem bate a bola na linha lateral não fica, quando sai, já ganha 2 ou 3 metros para ir já a caminhar, ou em sprint já para, para uma zona mais próxima da bola e isso foi algo que eu Rúben, foi algo que eu também fui desenvolvendo, há coisas que eu vou vendo, de outros treinadores, e tenho que ser muito grato, ao professor Treinador J, ao Mister D e ao Treinador M, dos vários treinadores com quem trabalhei, mas esse aspeto da reação à perda do equilíbrio defensivo nas bolas paradas, a reação à perda, nos pequenos pormenores, eu acho que, e não é só nas bolas paradas, é em todos os momentos do jogo, em todos os passos do jogo, mas as bolas paradas, acho que é um aspeto, é um momento do jogo muito importante, e essa reação, essa continuidade das ações, em termos coletivos, não são

individuais, mas em termos coletivos, para mim, é fundamental, então o batedor também reage, quem vai marcar, também, o marcador da bola parada, também tem que reagir, e depois o equilíbrio, o equilíbrio, porque uma equipa preparada, para reagir na zona frontal, por exemplo, no caso dos cantos, a zona frontal da grande área é logo uma primeira linha de pressão, normalmente pode ser de 1, 2, ou 3 jogadores, normalmente, normalmente até no mínimo são 2 a 3 jogadores, e às vezes numa situação de maior risco, poderá ficar apenas 1, mas uma primeira, uma primeira linha de pressão, de, de 2 ou 3 jogadores, e depois tem que ter alguém na cobertura a essa linha de pressão, que normalmente e aí sim, é sempre um jogador e a maior parte das vezes, é sempre 1 jogador, poderá em casos excepcionais, serem 2, mas normalmente é 1 jogador que fica na cobertura, a essa primeira linha.

7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de bola parada ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?

É assim, naturalmente que existe, existe uma alteração, uma alteração um pouco radical, talvez em momentos, em momentos de exigência máxima de busca pelo resultado, momentos de exigência máxima de busca de resultado, e esses momentos para mim, são, são os últimos minutos de um jogo, os últimos minutos, já e quando aí o jogo está a terminar, ainda ontem, ainda vi ontem o Clube B vs Clube M, o guarda-redes foi para assinar a ir lá, no último canto penso eu, e o golo, e o Clube M, numa bola ofensiva, penso que tinha 8 jogadores, ou 7 jogadores, em zonas de... dentro da área.

E pronto e o Jogador F, o médio deles acabou por finalizar ao lado e poderiam ter feito golo, poderiam ter feito o golo do empate. Mas é nesses momentos, de extrema exigências na busca pelo resultado, que eu poderei permitir que, que a gente possa colocar 1 ou 2 jogadores a mais, porque eu já e desde o primeiro lance do jogo, desde o primeiro minuto, ou melhor, desde o primeiro canto, desde o primeiro esquema tático ofensivo que eu tenha, o meu objetivo já é buscar o resultado, já é buscar o objetivo do jogo, que é ganhar, que é fazer golo, e aliás às vezes nós vemos em determinados adversários, que e colegas meus, que estimulam publicamente, ou passam a mensagem pública que são ofensivos e que buscam, é o resultado... e que vão para ganhar, só que depois, vê-se um canto, e eles colocam 4 jogadores lá dentro, e o primeiro canto e o segundo canto, para mim essa lógica não funciona, para mim, desde o primeiro canto, e

seja no Estádio da Luz, em Braga, em Alvalade, nós sempre... e eu sempre defini praticamente, e posso estar aqui a... não me lembrar de algum, de algum jogo, mas penso que em Alvalade fizemos isso, desde o primeiro canto, o primeiro livre lateral, sempre com o, aquilo que eu acho, acima do normal, que são sempre 6 jogadores, há equipas que colocam 4, há equipas que colocam 5, a maior parte coloca 5 jogadores, e há equipas que colocam até 6, eu normalmente coloco sempre 6 jogadores, mas às vezes pode haver um canto estratégico, depende da quantidade de jogadores que eu tenho dentro do campo, que às vezes tenham essa capacidade de finalização, porque não vale a pena colocar lá 6 jogadores, se, se eu só tenho, 5 com aquela estatura e desses 5, só 4 é que realmente são perigosos na bola, em disputar, em realizar o gesto, a ação de finalização de cabeça, porque tem a ver com várias coisas, tem a ver com composição corporal, tem a ver com agressividade, tem a ver com o ser destemido, nos duelos aéreos, tem a ver com muitas características e por exemplo ontem, na, na, nessa parte do Clube M eu reparei que eles já tinham, tinham muitos jogadores ofensivos, tinha... colocou o Jogador L, o ponta de lança, o ponta de lança que veio do Clube C também, tinha também... Tinha o Jogador R, tinha para aí, 3 pontas de lança, além do Jogador W que jogou como avançado, e que também estava em campo, e colocou os médios e os centrais, ou seja, justificava porque os jogadores tem essas características, agora colocar jogadores por colocar não, agora se eu puder, olha se eu te puder ter 8 jogadores e coloca-los dentro da área e ficar com 2 no equilíbrio, mas esses 8

jogadores, forem altos destemidos, agressivos e muito fortes a finalizar, ah... talvez eu vá colocar esses 8 ou 7, se eu tiver 7 ou 8 tepes, ou o Jogador R por exemplo, jogadores agressivos nas bolas paradas, muito agressivos e destemidos, talvez vá ponderar e em vez de 6, vou começar a colocar 7 ou 8 e ficar com 2 jogadores rápidos na, na entrada da área, para a questão do equilíbrio, e vou correr um pouco mais de risco, mas, mas para mim, a bola parada ofensiva, eu em primeiro lugar, quero realmente, o meu primeiro objetivo é fazer golo, e eu perdi-me aqui um pouco, a tua pergunta foi em relação ao número de jogadores, não?

Não, era acerca de possíveis alterações, eu acho que o Mister não se perdeu...

Ah... sim, sim, desculpa, desculpa, exatamente, mas as únicas alterações são essas, são, em relação ao número de jogadores, no momento final já de busca, pelo, pelo... porque

se não desde o primeiro momento que eu, não faço essas alterações, durante o jogo, é o que me estás a dizer?

Exatamente...

Durante o jogo, já está previamente definido e preparado, treinado, como é que poderá ser o primeiro canto, o segundo canto, o terceiro canto, normalmente é o primeiro e o segundo canto, mais do que isso já são os jogadores que de jogo para jogo, de semana, para semana, criar uma dinâmica, que envolve 10 jogadores, porque o guarda-redes normalmente não... preocupa-se mais com o controle de profundidade, e não está muito envolvido estruturalmente no processo, no processo, das bolas paradas ofensivas, mas normalmente, preparar 10 jogadores, de semana para semana, ajustando esta parte estratégica, e fazendo mais 2 bolas paradas, 2 cantos, 2 livres, lançamento... acho que já é muito, é muita informação, para ser assimilada, e para criar uma dinâmica consistente em 4 ou 5 dias, e então se não houver paragem, se houver por exemplo, como agora, neste caso em que o Clube F está a jogar, de 3 em 3 dias ou de 4 em 4 dias, é muito difícil, com semanas completas, são 5 treinos, 6 treinos, depende da semana, acho muito difícil mais do que 2 cantos estratégicos, tenho alguns cantos rotinados, alguns que já são rotina que já fazem parte do modelo de jogo, e outros que são estratégicos que, que vão mudando, que vão sendo conforme o adversário e isso vai mudando de semana para semana, mas dentro do próprio jogo, não faço grandes alterações, naquilo que é as dinâmicas, desses pequenos momentos do jogo, cantos livres, e lançamentos, não faço grandes alterações, as únicas alterações, são realmente na parte final do jogo que às vezes vai mais 1 ou 2

jogadores e numa situação extrema às vezes até o guarda-redes pode ir dependendo da estatura, e se também for forte ou não, nesse momento.

8. Olhando para uma situação inversa, aquando de uma bola parada defensiva como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

É assim, em primeiro lugar, lá está... o processo, a transição ofensiva, ou seja o processo permite levar a transição e começa ainda, começa ainda na, na estruturação, do momento defensivo, da forma como eu me vou estruturar, no momento defensivo, para poder ganhar a bola, porque sem o ganho da bola, não vai haver transição, não vai haver

contra ataque, não vai haver esse momento com bola, para podermos chegar ao golo, e então começa no momento de estruturação defensiva, começa com a forma como nós, nos vamos posicionar, nas zonas de finalização, e que o adversário quer, quer explorar, e quer os cantos, quer os livres laterais ou... lançamentos de linha lateral, longos e que o adversário possa fazer, normalmente é estruturar a zona frontal à baliza, ou seja, a zona frontal à pequena área, seja uma zona frontal, da grande área, dependendo, se for um livre lateral, por exemplo, mas normalmente entre, entre a zona frontal da grande área, penalti, pequena área, normalmente essa zona aí que, que nós temos que estruturar muito bem, que nós temos que estruturar muito bem, para parecermos eficazes no ganho da bola e depois, os comportamentos individuais que temos que ter, e coletivos também quer temos que ter, no momento do ganho, e o momento do ganho, pode ser, um duelo de cabeça, nós ganharmos um duelo e tirarmos a bola da entrada da área, ou da entrada, da zona de penalti, para a entrada da área, nós temos um comportamento de termos um posicionamento que permite ganhar essa segunda bola, não só o primeiro duelo, como o segundo duelo e a primeira bola, como a segunda bola...acho que, que, de uma forma, de uma forma geral, acho que passa por isto, os comportamentos individuais e coletivos, a reação que nós temos que ter, a atitude que temos que ter, o posicionamento, é isto Rúben.

Anexo VII - Entrevista Treinador E

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do modelo?

O que me apaixonou é o tipo de jogo que eu joguei toda a minha vida, e é um jogo que eu gosto de ver e gostei de ver e de sentir e tudo pago por mim, por mim e pela minha equipa técnica, eu formei uma equipa técnica, tentei encontrar pessoas, a maioria nem estavam, eram miúdos que estavam em escalões... secundários, ou bastante secundários, o Treinador D estava na, na associação de Futebol de Vila Real, o... Treinador J, que é um dos meus adjuntos, que é o observador, já tinha trabalhado no futebol como observador, mas de talentos de jogadores e entretanto estava a trabalhar num supermercado, outro era... ou seja, fui procurando através de vários contatos, pessoas que se identificassem comigo e com a minha ideia de jogo, não comigo, mas com a minha ideia de jogo, era o principal que todos nós acreditássemos naquilo, todos nós víssemos o jogo e que acreditássemos no jogo e tivéssemos ideias para aportar conhecimento dentro do que a ideia de jogo que eu gosto, e rodeei-me sempre de pessoas por aí, e daí eu estar-lhe a dizer que vai logo de mim, porque eu fui sempre buscar pessoas que também acreditam nesse tipo de jogo, uns um mais um bocadinho para aqui, outro mais um bocadinho para ali, mas isso é bom para haver discussão e para nós crescermos, é o jogo que me apaixonou, se me disserem se eu posso trabalhar uma equipa de outra forma, que não seja a de construir desde trás, com o jogo de posse, jogo associativo, jogo, a jogar bonito, e ter mais bola para conseguir ganhar, acredito que tendo mais bola, estamos mais perto de vencer, eu também o consigo fazer, trabalhar uma ideia mais simples, digamos assim, na minha maneira de ver, mas não o faria da mesma forma, porque não faria com paixão, não faria com sentimento, e com a vontade, e com o conhecimento que eu tenho, ou seja no futebol existe sempre, é um chavão mas é verdade, há várias ideias, há várias formas de se vencer e de se conseguir resultados, e cada um acredita, numa forma e já está. Eu acredito nesta, que é um jogo neste sentido, uma ideia, criar uma identidade da própria equipa, criar uma ideia, que as pessoas olhem e que as minhas equipas as 4 equipas que eu treinei, tirando agora o Clube M, que com bola, não tive tanto tempo para implementar o que eu queria, mas as outras 3, qualquer pessoa olhava para aquilo e dizia assim, esta equipa é deste treinador. E acho que isso é importante, as pessoas associarem e perceberem que, ao contratarem-me a

mim e à minha equipa técnica, contratam a ideia de jogo associativa, de posse, de tentar valorizar o espetáculo, tentar valorizar os jogadores, sem problema

nenhum de apostar em jovens, sem, sem medos de jogar, o jogo pelo jogo, seja contra quem for não baseada na estratégia, como eu tenho alguma coisa de estratégia para os jogos, mas sobretudo, acreditar muito na nossa ideia de jogo. O que é que pode influenciar, eu acho que, que, eu enquanto jogador, os treinadores que eu segui mais e de uma forma mais fiel digamos assim, foi aqueles treinadores que me apresentaram, enquanto trabalharam a ideia clara, e eu não tinha dúvidas do que queria, ele seja qual fosse a ideia, ou seja, mas tinha uma ideia, um identidade e era para ali que queria, não era hoje queria uma coisa, e amanhã queria outra e para jogar contra o A, era de uma maneira, e para jogar contra o C, era de outra, e isso e os que apanhei que tinham isto, aquilo considerava-me dúvidas e numa me considerei aquele chavão também, do tipo de jogador da bola que, que precipita o jogo, e eu sempre fui pressionante, sempre fui percebendo, e sempre fui muito inteligente taticamente e disso não tenho dúvida nenhuma, enquanto jogador, e então isso era o que me criava dúvida, e eu acho que, que nós tendo uma ideia segura, o que eu consigo ter esta minha ideia, consegue influenciar o jogador a acreditar e a ir, a ir de encontro, aquilo, ou seja, já aconteceu, por exemplo de termos, por exemplo, houve uma fase no Clube S, em que nós chegamos, nos primeiros 4 jogos, 2 vitórias, 2 empates e encurtamos muito a distância, nós tínhamos chegado... e eles estavam a 14 e a 12 da subida e já era muito difícil, mas de um momento para o outro nós conseguimos encurtar uma distância tão grande que nós tivemos um jogo em casa, com o Clube N, em que nós se vencêssemos ficávamos a 3 pontos, e se empatássemos, ficávamos a 6...a 6 ou a 5, ou qualquer coisa assim do género, o que é que acontece, acabamos por perder e a equipa levou um baque muito grande, e voltou a ficar afetada, digamos assim, psicologicamente, foi-se abaixo outra vez. E quando eu lá cheguei a equipa estava muito em baixo, porque via o objetivo claro e o Clube S é a equipa que mais investe, quase na liga para subir, e o objetivo estava perdido e de repente tiveram, nós tivemos ali uma subida, muito grande de rendimento, e as outras equipas perderam e nós podíamos ter chegado logo, ali perto outra vez, e aquilo criou-nos ali uma motivação enorme, que naquele jogo foi tudo abaixo, foi como se alguém lhes tirasse o chão, como se alguém lhes tirou o chão, mas a verdade é que, eu continuei a trabalhar, a minha ideia, da mesma forma, exatamente igual e nunca senti, em momento nenhum que os jogadores deixaram de acreditar em mim, na minha

ideia, no meu trabalho, e pelo contrário, cada vez mais acreditavam e ele diziam e a gente sentia, que a equipa cada passo que davam, era a melhorar e eles gostavam do que estavam a fazer, e acreditavam naquilo, e nunca deu aquilo que poderia ter acontecido, que era a desmotivação, que era o desleixo, já não

vamos lá chegar, e a verdade é que isso não aconteceu, e porquê? Porque nós temos uma ideia clara, e eu acho que nisto, nós com isto, nós podemos influenciar, depois é no pormenor, da receção e do posicionamento, o nosso tipo de ideia de jogo, baseia-se muito nos cruzamentos corretos, para haver ligação de jogo, nos cruzamentos, dos apoios também, para as receções orientadas e para o tipo de jogo que nós queremos mas sobretudo, nós temos uma ideia clara, e uma identidade, e de eles sentirem que da parte do treinador neste caso, da minha parte, independentemente de estar a ganhar ou não, ele acredita naquilo, eu acredito naquilo, e faço com que eles acreditem e percebem que, seja contra quem for, esteja a ganhar ou a perder, não vou abdicar da ideia, não vou abdicar da minha identidade, porque as coisas não estão a correr bem, porque é por ali o caminho, e isso não cria dúvidas, e eu quando apanhava treinadores que às vezes quando as coisas correram bem, era tudo muito fácil, quando começaram a correr mal, começavam ali a abanar, a abanar, a abanar e a mexer e a trocar, e não sei o quê, e a malta falava logo uns com os outros no balneário e pronto, já está tudo desculpem o termo, mas é um termo do futebol, está tudo borrado e já está a mudar tudo, e já tem medo de jogar ao ataque e de sair a jogar um pontapé de baliza, já manda jogar diretos, já manda não sei o quê e não, isso eu não faço, eu não faço e agora e eu acho que isso faz com isso, influencie e mude também a perspetiva do jogador em relação a ver o jogo também e perceber que há uma forma de tentar lá ganhar e é aquela forma, que nós vamos potenciar, até lá chegarmos, é assim que nós vamos querer trabalhar, e depois outra coisa que eu faço enquanto treinador, muito, eu uso muito o vídeo, eu filmo os treinos todos, eu pico os jogos no final dos jogos, e no primeiro dia da semana, é apresentado o que fizeram bem e o que não fizeram, o que fizeram menos bem e explicado de uma forma proativa e de uma forma de crescimento, quando não fizeram bem, como é que deveriam fazer, para aquilo ter acontecido, e porquê, porque eu acho que os jogadores connosco passam a conhecer, passam a ter um conhecimento maior do jogo, e passam a conseguir decidir melhor, dentro do próprio jogo, ou seja, se tu conheceres o jogo, se conheceres o porquê dos exercícios, o que faz o treino, o porquê de ter errado naquele jogo, e se isso foi-lhe explicado ao pormenor, e exemplificar, eles

vão entender, a seguir, o jogo é uma tomada de decisões muito rápida, a seguir a tomada de decisão dele vai ser... vai errar menos, vai tomar uma decisão, se calhar melhor, porque conhece o jogo, e já lhe foi explicado, foi vivenciado no treino e depois vai acontecer no jogo, agora não acredito também que nós temos que transformar os jogadores em robots. Eu acho que os jogadores têm que ter o potencial deles e nós temos que o potencializar, e depois dar-lhes a liberdade, de eles se

expressarem, dentro do campo e meter para fora todo o talento e nós temos é que lhe dar os caminhos e depois aí, principalmente no último terço, então aí, tem que ser a criatividade individual dos jogadores a vir ao de cima, porque isso é que é o bonito do futebol, na minha opinião.

2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?

Sim e eu acho que é extremamente importante e eu apesar de ser um treinador e das minhas equipas demonstram isso, não sou daqueles que falo o que são e que depois não são, não é porque toda a gente diz quer gosta de jogar, mas chega ao fim e não gostam, gostam de arriscar e depois não arriscam, eu arrisco, e aliás, eu na segunda da liga, foi o torneio mais... e já cheguei a ter problemas em encontrar clube, porque diziam que eu era romântico demais, mas eu não vou mudar por causa disso, é assim que eu acredito e é assim que eu vou chegar aonde eu quero, ah... mas mesmo assim, há uma coisa que eu acho, e trabalho sempre nesta direção. Se entrar de início numa equipa, o que é que eu faço, começo por trabalhar principalmente, primeiramente é a organização defensiva, porque eu acredito, eu acredito que, se os meus jogadores, se a minha equipa, se sentir segura defensivamente ok, se souber que no momento que está a arriscar e toda a gente souber, o que é que tem que fazer no momento em que a bola que é perdida... na transição defensiva, eles vão ter muito menos medo de arriscar, e aqui, eu vou-lhes dar a segurança para eles não terem medo de arriscar, ok., e então eu trabalho sempre a organização defensiva, e a transição defensiva, vem logo a seguir ok., e depois é que parto para... ou seja, não passo 2 semanas a treinar a organização defensiva o que eu quero dizer, é que dou logo, semeio-lhes logo um feedback logo defensivo, um treino logo de organização, de postura, a posição, coiso, perdemos, como é que fazemos, como é que não fazemos, e depois começo a trabalhar com bola, com bola, e se me

perguntares, depois daquilo, no andamento da semana e a meio e a equipa já a rolar normalmente, faço um dia de defensivo e o resto é tudo... mas mesmo o defensivo é com bola, ok, e o resto é tudo bola, bola, bola, bola, bola, mas quando eu sinto que a equipa já está bem dentro do processo do que é a organização defensiva, e transição defensiva, e porquê? Porque como eu tenho por base, pontapés de baliza, se sair a jogar, seja dentro da grande área, seja por fora, seja por dentro, seja mais curto, seja mais longo, aqui picado pela primeira fase, de pressão, quando eles nos pressionam logo alto, seja projetar a equipa, abrir bem a equipa, estar

bem abertos nos espaços, seja para termos amplitude, de movimentos e de largura para a bola circular, a equipa tem que se sentir segura, para sustentar a bola e toda a gente faz “voooo” e sabe o que é que tem que fazer, ok., por isso eu trabalho, de forma essa situação até se calhar primeiro que depois à volta dá muito mais trabalho, a parte de construção, é muito mais trabalhosa, demora mais tempo do que se calhar a organização defensiva, e a transição defensiva, é importante, e depois faço transição defensiva, em inferioridade, como é que se comporta a equipa em inferioridade, se estamos em igualdade, se fazemos penetração defensiva, até chegar um médio, ou um lateral, ou se estamos em superioridade, se reagimos para a frente, se estamos em inferioridade reagimos para trás a dar temporização, ou seja, há várias premissas que tem que ser trabalhadas, para eu depois, dar a tal confiança, e sentir da equipa, que e eles sentirem de mim, e do trabalho que está a ser feito, que eu posso arriscar aquele passe ali, e se eu perder, eu não vou sofrer golos, e se perder e se sofrer golo também, o meu treinador não me vai crucificar porque é aquilo que ele me pede, está a fazer o que eu treino, ok., e eu começo muito por aqui. Na transição ofensiva, o que é que eu acho, também o trabalho, acho que é um momento importante, mas não é para mim, o momento mais importante, do jogo, ok., eu acho que o importante no jogo, para mim é o jogador, ou os jogadores ou a equipa, entenderem os momentos de jogo, quando é o momento de acelerar e quando é o momento de ter bola, há muitas equipas independentemente se tem muita inferioridade ou não, vão para a frente à maluca, fazer uma transição, e isso a mim não me faz sentido nenhum, é uma bola que vai ser perdida e vai haver um desgaste desnecessário, se temos ali inferioridade, se estamos em superioridade, ou igualdade, porque temos ali um buraco e podemos aproveitar, aí sim... é o fazer entender que há exercícios que façam entender à minha equipa esse aspeto, que considera importante, mas se a equipa, se os jogadores individualmente e a equipa

coletivamente, não entender o momento, acho que esse momento, pode ser até contra... pode ser até contraproducente, no sentido em que não vamos estar a sair e a equipa está a abrir e perdemos a bola, não temos ligação, perdemos a bola, e levamos uma contra, uma contra, como é que se diz, uma contra transição e a equipa está a se abrir no tempo para se fechar, ok., agora são aspetos que eu trabalho, principalmente, eu penso que a organização defensiva e a transição defensiva, são extremamente importantes para a minha ideia de jogo, no sentido em que eu arrisco e então eu quero que a minha equipa se sinta confortável, mesmo estando com poucos atrás consegue defender bem na mesma, e consegue arriscar porque nós vamos resolver o problema que nos pode acontecer, se nós perdermos a bola, ofensivamente faço-os

entender se é o momento ou não, faço-os criar, crio exercícios no sentido em que, há ligação, há probabilidade de sucesso, vamos, não há, estamos sozinhos, estamos 2 contra 4, 1 contra... se me ter a bola no avançado, muito rapidamente, não vou ter sucesso, então vamos valorizar a bola, valorizar a bola, a equipa abrir e subir, e esperar, esperar pelo momento certo, e aí sim, é o momento de acelerar e aceleramos o jogo, ok., mas acho que a transição, há muito golos, principalmente onde eu trabalho mais, e acho que valorizo, eu estou a pensar lá, agora aqui desta forma, estou a falar, mais cá atrás, mas mais cá à frente, quando nós pressionarmos alto não é, um pontapé de baliza, uma equipa sai a jogar curto, e nós estamos a pressionar alto, lá em cima, como sempre fazemos, e ganhamos bola, aí, e aí ganhamos bola e a equipa está muito aberta e é o momento de ser rápido e de acelerar o jogo e aí sim, é trabalhar para nós, aí, é o momento de acelerar, estamos perto da baliza, e individualmente um pode correr para a bola e chutar na baliza e fazer golo, ou fazer um passe, e isola um avançado, e está lá. aí são coisas diferentes. Se for cá atrás, eu acho que tem que ser entendido, mais uma vez, é uma questão de entendimento de jogo, uma questão de nós, fazer com que os jogadores entendam os momentos do jogo, e perceber qual é a probabilidade de ter sucesso ou não, qual é a probabilidade de nós conseguirmos ferir o adversário, senão é guardar a bola. Lá na frente, sim aí, acho que, que, se há oportunidade, aí nós temos que, temos que trabalhar esse aspeto, porque aí podemos ferir o adversário, embora muita das vezes, também temos que regular o jogo, mas aí sim, eu penso que na primeira fase de pressão, digamos assim, lá em cima, se roubarmos bola aí, sim. acho que é importante a transição ser muito rápida, e nós decidirmos rapidamente, uma tomada de decisão, que às vezes por exemplo, na segunda liga, nas equipas que eu

trabalhei, que é onde eu tenho mais problemas normalmente, que é na tomada de decisão, na última fase, e que também é a mais difícil, mas é aí a trabalhar que dou valor, dou valor.

3. Que importância têm as bolas paradas no seu modelo de jogo? Justifique

Primeiro eu trabalho de forma a que a abranger todos os momentos de jogo, e ir ao pormenor, sempre, sempre, nós trabalhamos, os meus adjuntos estão tramados comigo, porque entram no clube a maioria das vezes á 8 e às vezes saio às 8 da noite, vamos almoçar e depois vamos para lá à tarde outra vez, ver o treino, e debater o treino no dia seguinte, criar ideias, ver o adversário e ver muita coisa mesmo, por isso vamos mesmo ao pormenor, para olharmos, mas não é um dia é a semana toda quase toda assim, trabalhamos muito ao pormenor, é verdade que hoje em dia cada vez mais, os jogos estão

a ser muitas vezes resolvidos em momentos de bola parada, se me disseres a mim, se é o momento que eu mais gosto, não é, ok., eu gosto de ver a equipa a jogar e gosto de ver o jogo em si, mas tenho como treinador, e precisamente um treinador de alto rendimento, eu tenho que dar importância, a um momento de bola parada, seja defensivo seja ofensivo, porque muitas das vezes, pode decidir um jogo, seja de uma forma ofensiva, como seja defensiva para não sofrer golo, ou seja, eu no mínimo, um dia por semana, trabalho bola parada e normalmente é no dia anterior ao jogo, ok., no dia anterior ao jogo eu trabalho, tenho uma pessoa em que estudo ao pormenor o adversário e que me apresenta a mim, e apresentamos à equipa, imaginemos que o jogo é domingo, no sábado de manhã, eles na sexta, já me apresentam a mim à tarde, e depois no sábado de manhã, apresentamos à equipa, e depois vamos para o treino e vamos trabalhar, onde é que eles são fortes ofensivamente, seja em livres, seja em cantos, seja em livres laterais, também e muitas vezes ele lançam diretos lá para cima, algumas equipas e criam ali, dificuldade, seja defensivamente, onde é que nós podemos aproveitar, onde é que está o buraco, onde é que está o espaço, aonde é que eles são mais débeis e tentamos criar isso no treino, em função do que nós acharmos, que, que, vai ser importante para o jogo. Normalmente defendemos a zona, ok em que depois temos 2 homens por exemplo, nos cantos, e temos 1, 1, 2, 3, assim na frente, ou seja isto, 1, 3, 3, 4, somos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, à zona, ok., e depois 2 ali mais na frente, em que há um jogo ou outro, em que eu posso, àqueles 2 digo sempre para bloquear, ok., para bloquear, para eles não virem a

correm embalados, e depois 1 ou outro que eu acho que tem um jogador, ali muito forte e que ele se direciona muito para ali, a zona não se desfaz e um desses jogadores pode estar mais ali preocupado, ali quase que um bocado, um homem a homem, eu não sou fã do homem a homem, mas ali até pode bloquear outra coisa, e deixar o homem lá fora. Depois também analisamos no sentido em que a equipa adversária, tem jogadas ensaiadas, por exemplo, cantos ensaiados, por exemplo, uma ... ahh... em 2, quem é que sai, quem não sai, ou seja, programamos a equipa através do estudo que fazemos do adversário, para todas as situações que podem, que possam aparecer no dia do jogo, nos livres laterais, exatamente a mesma coisa neste sentido em que, se, se fazem combinados se não se fazem, como é que fazem, quem é que sai, se foi combinado de uma maneira ou de outra, a zona exatamente igual, sou muito rigoroso na forma, na altura em que, a equipa tem de baixar para encurtar o espaço, entre o guarda-redes e o coiso, quando é que é e no momento em que está para sair, normalmente nomeio um dos jogadores, um dos centrais, se eu estou a ver qual é que tem mais expressão de líder, para dar o sinal, ou a voz, dar a voz de

comando, digamos para quando a equipa, para a equipa mexer toda certinha, nos cantos quando a bola, imaginemos, passa sobrevoa o primeiro poste e obrigo os homens do primeiro poste, a rodar rapidamente, a rodar os apoios para ir para a linha da bola, para deixar os outros ir para fora de jogo, ou seja, há muitas situações ali que são trabalhadas, e dentro das bolas paradas nós temos uma forma de trabalhar, muito específica e muito pormenorizada em que basta um falhar e pode-me cair tudo em causa, e meter tudo em jogo, e acaba por valorizar, ofensivamente a mesma coisa, ou seja, nós procuramos como eu disse há pouco, onde é que está o espaço, onde é que não está, onde é que estão os homens mais baixos, os homens mais baixinhos, onde é que eles são mais débeis, onde é que eles são mais frágeis, digamos assim, e tentamos criar, ou o direto, ou combinações, ou jogadas ensaiadas, o que for, para, para, para conseguir vencer. Por exemplo este ano com o Clube M, vim aqui jogar ao Clube C, e nós estudamos a equipa e vimos que ele defendia homem a homem, as bolas paradas nos cantos, e então nós criamos situações 3 ou 4 situações, para atraí-los ao segundo poste e abrir o primeiro poste e atacar rápido, como atrair todos ao primeiro, e ficar só 1 ao segundo, é pá coisas diferentes, e chegamos ao fim, e a verdade é que esse trabalho, resultou e nós fizemos 3 golos nesse jogo, de bola parada ou seja, damos importância a isso e se calhar, é o momento em que nós temos mais estratégia, até para o jogo, porque

o resto é muito da nossa ideia, muito da nossa ideia de jogo, mas aí é o momento onde nós, vamos ao pormenor da estratégia, de ver onde é que nós podemos ferir onde é que não podemos, onde é que eles são fortes, e como é que nós podemos compensar, em função de onde eles batem normalmente, e depois eu também tenho, e eu não tenho problema e digo tudo, não há problema nenhum...

Eu tento pôr os jogadores nos cantos, de forma a que, quando a bola sai, e eles metem a primeira bola, e nós tiramos a bola, quando nós saímos, pelo menos, o quarteto, que esteja mais ou menos dentro das posições que não esteja a defender do lado direito, e o defesa direito do lado esquerdo, e o defesa esquerdo do lado direito e o defesa central, no avançado, ou seja eu tento colocar também o esquema tático e defensivo dos cantos, mais ou menos dentro das posições, para defender, e para a reação, para a transição, a tal transição a seguir a tirarmos a bola, e a equipa ficar logo compacta, e equilibrada, é aquilo que eu dizia há bocado, que é importante que eles sintam logo, confortáveis, no momento em, que tiram a bola, e não andam à procura onde é que está o lugar deles, não, porque eles sabem que tem que ir para ali, e depois se vier a segunda bola, pelo menos os 4 defesas tem que estabilizar a equipa ali na linha da grande área, e se der para sair da linha

da grande área, e se não é até a bola chegar ao adversário, e esses 4 no mínimo, tem que estabilizar para uma segunda bola, não é, porque a bola ao sair, podes levar logo com, com, uma segunda bola, exatamente num cruzamento, e esses 4 no mínimo, tem que estabilizar a equipa, ou seja, dou-lhes sempre, estas seguranças e estas diretrizes, para eles depois no jogo fazerem aquilo, quase como por instinto, e a equipa estar sempre, mais ou menos estável, não só preparamos o momento em que defendemos, ali na bola parada em si, mas também no segundo momento, é tão importante, como o primeiro, porque às vezes o primeiro, as pessoas, hoje em dia, as equipas já defendem bem, mas depois na saída, um sai mais à frente, e outro mais atrás, e outro mais não sei o quê, e há uma segunda bola, e são apanhados despercebidos, e não para no momento certo, e acaba por haver golo e é nesse aspeto, que eu vou trabalhando.

4. Olhando para a generalidade das bolas paradas, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas bolas paradas ofensivas são realizados de acordo com que fatores?

Sim por exemplo, na organização defensiva, há ali a nossa estrutura é como a nossa identidade, não altera, ok., defensivamente não altera, só aquilo que eu estava a dizer, um ou outro, aqueles 2 homens da frente podem marcar mais individual ali, eles, os outros não, não vale a pena. Enquanto que ofensivamente, altera, ok., ofensivamente altera tudo, pode alterar tudo de um jogo para o outro, no sentido em que há um jogo em que eu acho que a bola tem que entrar mais no segundo poste, que é onde eles são mais débeis, e eu meto se calhar, os homens mais fortes, ao segundo poste, e no jogo a seguir, se calhar já meto no primeiro, num jogo bato os livres ou os cantos sub diretos, num jogo a seguir, porque nós estudamos a equipa adversária e já caiu ali umas jogadas ensaiadas, para poder desorganizar, a equipa adversária para fazer golo, ou seja, defensivamente é uma coisa mais estanque, ok., defensivamente é estanque, e onde tem muitas regras, que tem que ser cumpridas, ofensivamente, é a criatividade, é tentarmos ser criativos, de forma a conseguirmos aproveitar as fraquezas do adversário e manipulá-los, muitas vezes é manipulá-los, é onde está o segredo, é tu tentares, manipulá-los e conseguires, ver à frente, no sentido em que, e é o que eu estava a dizer há bocado, eles aqui estão bem organizados, mas atenção, neste jogo, ali ... a bola veio para trás e eles ficaram ali todos, desorganizados, e então como é que nós vamos criar aqui uma situação, que os vai fazer abanar e vai fazer ficar a... fiquem desorganizados, e nós vamos aqui aproveitar, para fazer golo, ou para criar perigo, e é ali que queremos meter a bola, ou seja, são 2

momentos diferentes, nós no mesmo treino, treinamos imaginemos meia hora, eu vou dar um tempo, porque não sei ao certo, mas imaginemos meia hora defensivo, e a seguir ofensivo, ok., seja livres laterais, livres... seja cantos, ensaiados a 2 ou a 3, diretos, o que for, dependendo muito do que nós formos ver, e que nós acharmos que somos capazes, às vezes também e temos que ter em conta, por exemplo, e já apanhei equipas que não tinham grande batedor de bolas paradas e dificultava-me imenso, essa parte de organização ofensiva em termos de bolas paradas, tínhamos que nos adaptar e não podíamos ser tão criativos, tinha que ser uma coisa mais rudimentar, digamos assim, no sentido em que, não tínhamos nenhum, nenhum jogador com a característica forte para o fazer, e então tínhamos que, não podíamos exigir muito, tínhamos que nos enquadrar no contexto, e agora volto a dizer, não é o momento em que eu diga, é pá, sou apaixonado e adoro fazer e...os jogadores, é o momento mais chato, para eles da semana, estar a treinar a bola parada, e que eu detestava quando eu era jogador, e enquanto treinador

também detesto fazê-lo, digo-te já. A organização defensiva sou eu que a faço, e a ofensiva é um dos meus adjuntos, eu só estou lá a ver, e vou dando um feedback ou outro, eu partilho muito o trabalho que faço, os meus jogadores, os meus adjuntos, todos tem um voto na matéria, não quero nenhum adjunto que seja um “yes man”, ou seja, cada um tem a sua função, se não concordarem comigo, tem a obrigação de me dizer que não concordam e fundamentar, argumentar, e depois cada um, apresenta a equipa adversária, e o outro apresenta as bolas paradas e depois um treina a bola parada ofensiva, e o outro treina sei lá... uma vai para um e... e outro vai para... e eu distribuo muito as tarefas e não acho que eu tenho que fazer tudo, ok., se são meus adjuntos tenho que confiar neles, e que tem competência, e gosto que eles façam parte do processo, e eles estão completamente integrados e normalmente a organização defensiva, sou mais eu que faço, no bal... e os cantos defensivos, também sou eu que faço mais, porque eu acho que aí é, é mais o cunho pessoal no sentido de, de, de, também acho que aí, estou mais...mais confortável, que eles próprios, também a fazê-lo, e tenho mais experiência e consigo, como é que eu hei-de dizer, eu acho que a organização defensiva, é o único momento em que nós quase que podemos mecanizar, os jogadores, ok., mecanizar, mas a obra entra ali, e tu sabes, que entras aqui, a bola tu entras, tu é que fazes a compensação, tu coisa, a bola coisa e...sobes mais um bocado, a bola vai para trás nas subidas e para, e não coiso, ou seja, e acho que tem mais peso aí, como é uma coisa mais mecânica, ser a voz do treinador principal do que ser a voz de um adjunto, acho que isso entra, entra, mais rapidamente e com mais firmeza digamos assim, do que, do que, se for um dos meus adjuntos, no resto, eles estão

lá comigo como é óbvio, participam e um manipula a equipa adversária e outro manipula a equipa que estou a treinar, mas participam em tudo, participam em tudo, e isto para te dizer que, na bola parada ofensiva, principalmente, nós temos que nos adaptar um pouco ao que vemos do adversário e sobretudo ao que nós temos na nossa equipa, se temos gente com características, para aproveitar ou não, se temos gente, de cabeça também não é só o batedor, mas o batedor, para mim é meio caminho andado, para ter sucesso, e se nós aproveitarmos ou não, não sou adepto de lançamentos longos para a área, e isso dificilmente que a minha equipa faz, ou nunca, acho que nunca fez, porque eu não deixo, livres a meio do meio campo, logo direto na área, também não deixo fazer, e não deixo fazer, ok., é mais só mais aqueles livres mais perto da área, e os cantos, que é o que nós trabalhamos, o resto ali, já não trabalhamos mais nada,

lançamentos também trabalhamos, defensivo porque, por incrível que possa parecer, por exemplo, no Clube C, a equipa era muito estável, nas bolas paradas, só que sofri 3 golos de lançamentos laterais a meio do meu meio campo, uma coisa estúpida e tivemos que fazer um estudo, da nossa equipa quando saímos, não é, porque aquilo acabou por causa da pandemia, e percebemos que, imagine, nós sofremos 10 golos ou 9, 4 acho eu acho que foram de lançamentos laterais a meio do meu campo, e eu acho que isso não faz sentido nenhum, e depois percebemos que havia ali um mau posicionamento, dos nossos 2 homens, do meio campo, havia ali um mau posicionamento, e o que fazia que abrisse ali um bocado um buraco maior, em que nos aproveitavam ali, e corrigimos e nunca mais aconteceu, são pormenores que depois nós vamos estudando aqui, é o que nós fazemos, nós não estudamos só o adversário e vamos estudando a nossa equipa, e vamos trabalhando, e criamos uma coisa ou outra também de lançamento lateral, mais perto da área, mais perto da área, o resto que nós criamos é para jogar, é para jogar, é para jogar,

5. Tendo em conta a sua perspetiva acha relevante pensar/preparar a transição defensiva em situações de bola parada ofensiva? E porquê?

6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de bola parada ofensiva?

Sim, sim... sim eu também sofri um golo, e foi contra o Clube M e com o Clube C e estávamos muito por cima, e normalmente eu deixo sempre 2 homens à entrada da área, não é e depois está lá um homem atrás, que estão ali para preparar a transição defensiva, ou seja, quando eles ganham a bola, nós estarmos ali, e normalmente o que eu faço, é meter ali 2 homens, para conseguirmos ter ali, logo 2 homens para estancar logo a transição, e depois peço para, se tem que ser agressivos, tem que...

Sim, sim de serem agressivos e muitas vezes digo-lhes mesmo aqui, este é o momento em que nós não podemos facilitar, e que se tivermos que fazer uma faltinha para matar o jogo, matamos o jogo, mas normalmente quando preparo ofensivamente, esta parte aqui que estou a estabilizar, aqui atrás também de forma que não... mas depende por exemplo, vou dar outro exemplo, o jogo do Cova da Piedade, tinha um jogo engraçado, tinha coisas engraçadas, neste jogo, o treinador deles deixava às vezes 2 e 3 na frente, nos cantos ofensivos, e a ver se eu deixava 4, mas eu não deixava, eu deixava homem

para homem, lá atrás e eram as pessoas do meu clube, que na altura era aqui do Clube M, ó Mister mas estão homem a homem e eu, deixa estar, e eu... deixa estar, porque ele quer que eu traga, mas eu não trago, eu vou atacar, eu estou com bola eu vou atacar, e às tantas os jogadores começaram para o banco Mister...

Porque ninguém vinha ter com eles...

Mister... então mas eles estão ali e tal sozinho...e às tantas andavam ali a meio, e quem subia, eram onde eles subiam, e coisa ou seja eu tenho a coragem de não ceder neste caso também, e arrisco, ok., dependendo muito do que eu, do que eu vir no jogo, mas eu sabia que ali, se ele sentisse que... eu meto aqui ou seja, há treinadores que fazem isso, para quê, para me pressionar, porque normalmente, os treinadores, quase todos pensam na mesma, no momento de transição e ... e portanto pensam mais e pensam mais em defender do que em atacar. Eu como penso mais em atacar, e aí. Como é que se diz, arrisquei, e arrisquei e tanto é que fiz 3 golos de canto, e um ou o outro, o primeiro golo, estava com uma superioridade, lá dentro, porque ele meteu-os lá no e os meus jogadores eram assim, Mister mas eles estão a... sigam lá para a frente, e acabamos por arriscar, mas damos muita importância, à estabilidade ali, porque já sofremos golos assim também, mas isso é o que é, mas ali os jogadores, é uma estabilidade que não tem muito segredo, aquilo é tu consegues, normalmente o que se faz, é criar superioridade, sempre atrás, não é, os homens vão lá à frente, e tu crias sempre aqui, superioridade, se está 1 lá frente, metes 2 lá atrás com ele, e 1 à entrada da área, se não está ninguém, deixa-se estar, se não está ninguém, deixam lá atrás e metes 2 aqui à frente, dependendo um bocado do que o jogo vai ditar também, mas não faço, não elaboro nada, do outro mundo, e há momentos em que arrisco também, como estava a contar, apercebo que eles deixam, e eu como quero ganhar, e quero fazer golo e arrisco, e deixo ficar de homem para homem, e o meus

jogadores ... e ficam ali um bocado intimidados, mas o cenário é assim é assim e pronto, e não me tenho dado mal com isso, mas sim, é aquilo que eu dizia, é aquilo que eu digo e comecei por dizer isto, eu sou ofensivo, eu sou um treinador que arrisca, que cria que tenta fazer, que os jogadores, mas primeiro, tento lhes dar um conforto da estabilidade de eles perceberem que tanto no momento da organização defensiva, como no momento de transição defensiva eles sabem o que tem que fazer para que a equipa continue estável, e por isso, seja num momento depois da bola parada, seja na

organização defensiva normal, eu tento-lhes fazer perceber, que se nós estivermos assim, estamos estáveis, se nós fizermos isto, estamos seguros, porque o jogo é domingo e no sábado, nós mostramos os cantos ofensivos e defensivos e assim trabalhamos já com a equipa que vai jogar, já com a equipa que vai jogar, ok, já com o 11 inicial, para depois no dia jogo, aquilo seja uma coisa mais defensiva e eles já estarem seguros dos posicionamentos deles, e estarem seguros seja na organização, dos cantos e também dos livres, como no momento da transição e toda a gente saber aonde é que tem que estar e não falha ninguém, porque se esqueceu, e foi lá para a frente, e então eu dou-lhes essa segurança, e depois no balneário temos lá os papelinhos, que toda a gente deve ter, lá com os números e com os posicionamentos, e não sei o quê, mas eu utilizo sempre o vídeo, e falado, tenho no campo, o papel e depois é jogo, ou seja, eles tem várias formas de, nós temos várias formas de, comunicar, de entrar em comunicação, com o jogador, de entrar dentro da cabeça dele, seja visual, seja falado, seja praticado no campo, no treino, para depois eles no jogo, se sentirem confortáveis e fazerem tudo, e a transição defensiva, acho que é um momento importante para quem tem um jogo de posse, e ter uma forte reação à perda da bola, e ter uma forte transição defensiva, é crucial.

7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de bola parada ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?

Normalmente sou adepto de, de num jogo se fazer o que correu mal, eu na regra não sou muito do improvisado, mas às vezes tem que ser e nesse momento pode acontecer mas normalmente as minhas equipas, tudo o que apresentam no campo, são coisas que trabalharam, e não são coisas, que eu hoje acordei de manhã e me lembrei, ai hoje eu vou fazer isto, ai isso eu não o faço, sei lá se tivermos a terminar, por exemplo, uma vez, eu não acredito naquela história do guarda-redes ir lá na frente, eu não acredito nisso, um guarda-redes está a pedir para ir porque estamos empatados e ah... posso ir eu, mas eu,

tu fica aí, para mim, não me faz sentido, porque a bola... ser o guarda-redes que faça o golo lá, é pá eu acho que é jogar no Euromilhões, na minha opinião, eu acho que não, não me faz sentido, e posso, sei lá, se num momento ou outro, o homem que fica, e tenho 2 aqui à entrada da área, e estamos a perder, e olha ficas só tu e... vais, e vais, e entra mais um homem, sei lá, ao intervalo, tivemos 2 ou 3 cantos, na, na primeira parte,

e percebemos que a equipa deles se preparou, se preparou e achou que nós íamos aproveitar o primeiro poste, porque eles nos outros jogos tiveram problemas no primeiro poste, e então protegeram mais o primeiro poste para o jogo contra nós, e libertaram, ao contrário do que nós estávamos à espera, normalmente bate certo, mas às vezes, o adversário se for inteligente, também vai entender que nós estudamos a equipa adversária e vai também tentar contrariar ali de alguma forma e nós chegamos se calhar ao intervalo e ó pá eles fecharam aqui é melhor nós aproveitarmos desta forma porque eles estavam a contar que nós íamos fazer isto e fizemos, mas não acontece muitas vezes, ok., porque a maioria dos treinadores como eu faço também, nós tentamos, eu pelo menos tento, não ter um lado fraco, na bola parada não é, eu tento equilibrar as alturas, os mais agressivos e os mais fortes, no jogo aéreo e os mais agressivos e os mais fracos, o mais agressivo, o mais fraco, para tentar equilibrar as forças digamos assim de forma a não ter um primeiro poste, ou uma zona de segundo poste, ou até numa zona central, mais débil, muito mais débil que a outra, então normalmente nós fazemos sempre mais ou menos o que trabalhamos, e tentamos manipular ali de forma a fazer sentido, e o que é que eu faço também, recrio uma jogada ensaiada, fizemos uma vez na primeira parte, a seguir já lhe digo que não voltei a fazer, porque fomos apanhados e já não vale a pena fazer, mais vale bater direto ou faço a outra que trabalhamos, uma coisa, assim pontuais, agora não sou, normalmente o que é feito, é o que é trabalhado, não é nada, a acreditar porque o Nosso Senhor do Divino Espírito Santo, deu-me uma luz, e uma ideia e agora, vais fazer isto, e vai fazer golo, não sou muito apologista disso, apenas só acredito no trabalho, na paixão e no que nós fazemos, e na minha equipa técnica, e tento, e tentamos ver ali, ir preparados o máximo que pudermos, e depois vamos vendo o jogo e vamos percebendo o que é que equipa adversária também preparou para nós, não é, e onde é que se protegeu, e se nós virmos que é uma coisa muito evidente, ok, sim... mas se for uma coisa, que a diferença não irá fazer muito, nós normalmente damos completamente por banco e dizemos que, que levamos aquilo ao pormenor, e dificilmente escapa geralmente aos jogadores, das minhas equipas, vão para os jogos, só falta saber os boxers deles, eu tenho 2 pessoas para observação do adversário, e quem me apresenta a mim um clip maior não é de 20 ou 30

minutos, ou o jogadores, nunca fazemos mais de 11 ou 12 minutos, é uma coisa muito curta, mas durante a semana gravamos normalmente os feedbacks e depois apresentamos o que eles são de bons e maus, ofensiva e defensivamente, e as bolas

paradas, ou seja, eles sabem perfeitamente tudo o que tem que fazer, e depois também fazemos e criamos, imaginemos, o nosso defesa direito, bater o terreno esquerdo, 2 ou 3 minutos e depois mandamos para o lado certo, da nossa linha defensiva, coisas individuais do adversário, criamos imaginemos, criamos...ofensivamente jogadas para os livres e de cantos e no treino criamos para o jogo, estamos a filmar picamos, e antes do jogo, e no dia do...e vamos para estágio, e à noite, ou de manhã, mostramos as 2 ou 3 jogadas, as que saíram melhor no treino, para eles se identificarem e para além de eles terem trabalhado, veem e visualizam também, ou seja, são coisas que são já muito bem assimiladas e muito bem preparadas, para eles irem preparados, e acho que quem trabalha assim, pois não faz sentido de repente, olha, agora vamos fazer assim, e eles dizem assim: porra para que é que andamos a trabalhar, isto tudo e andamos a fazer vídeos, e andamos a fazer tudo, e mais alguma coisa, agora acho que um treinador também tem que ter intuição, em alguns momentos, ok, principalmente às vezes, a intuição e feeling, mas eu acho que tem muito mais que ver, com o trabalho, e de análise e de perceber o que é que o jogo precisa o que é que está mal, que forças é que temos que fazer, quem é o jogador que não está, tão bem, onde é que temos que meter a bola, para onde é que podemos ir, quem é que não está a perceber, o que estamos a fazer, e fazer as correções do que... agora de repente, lembro-me disto ou daquilo, é nisto que eu acredito, se calhar outros acreditam de forma diferente, eu acredito nisto.

8. Olhando para uma situação inversa, aquando de uma bola parada defensiva como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

Depois há um momento em que eu não trabalho muito, porque eu acho que, imaginemos, estou num pontapé de canto defensivo, não é e não trabalho, agora defendo um canto, e agora vou entrando por aí fora e, e fazer o golo. Não é o momento em que eu trabalho assim tanto como isso, uma coisa ou outra, mas nada de...de especial. Normalmente trabalho sim, defensivamente e depois é ter bola e esperar pelo momento certo para, para começar a construir e esperar pelo momento certo, para acelerar o jogo e para coiso, não é o momento, que eu...verdadeiramente dê muito valor, ok, estar a defender em canto, e ter aquele aqui e o outro ali e o outro ali, para depois, sair e vamos fazer golo assim, se

viramos que, imaginemos, que se corre o risco, de ficar 1 para 1, ali na frente, imaginemos, eu aí tento aproveitar, quando eles têm 2 para 1 lá na frente, estáveis e tem mais 1 homem, ou 2 à entrada da área, eu não... pode acontecer, pode acontecer, mas não é o momento que eu dê importância, para que uma unidade de treino, ou um exercício de treino, a trabalhar muito isso, vou trabalhar um coisa ou outra, especificamente, ou um jogo ou outro, mas nada de, de muito importante, no que eu acredito e no que é a minha ideia de jogo.

Anexo VIII – Entrevista Treinador F

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do modelo?

A importância do modelo é determinante no sentido que nós... mas é determinante em qualquer equipa e em qualquer circunstância porque é a ideia do treinador, relativamente aquilo que quer para a sua equipa, atualmente este modelo, ou aquilo que a gente fala de modelo, não é sempre o mesmo, nem sempre igual nem... ou melhor é sempre diferente, em função dos contextos onde estamos, das equipas que temos, dos jogadores que temos, do clube, da dimensão do clube, e não pode, por muito que nós tenhamos as nossas ideias, e temos que as ter, e que constrói e que no fundo são a base do modelo, não podemos esquecer, não só da nossa evolução, enquanto treinador da experiência que vamos tendo, das próprias reconstruções do modelo que vamos fazendo ao longo dos anos, e depois do contexto onde estamos, da equipa que temos, e por isso...é sempre reconstruído em função, destes 3 ou 4 questões que eu acabei de dizer, e mas nem sempre determinante porque sem uma ideia do que pretendemos para a nossa equipa, parece-me difícil, pelo menos na minha conceção, que nós façamos alguma coisa, com um sentido e com lógica, e com um caminho, porque na verdade, eu veria um treinador sem modelo, e se eu não levar nenhum modelo sustentado, que sustenta o modelo que tenho, significa que o tenho e que o estou a fazer, é um conjunto de exercícios, que tanto, que tanto podem ser, feitos naquele dia, como noutro dia qualquer, como aqueles jogadores, ou com outros jogadores quaisquer e por isso, já por exemplo se, um treinador vai, ou se uma pessoa, vai dar uma aula exemplificativa a um conjunto de alunos e constrói um conjunto de exercícios, só para dizer, que aqueles são exercícios de futebol, faz sentido, mas se a gente faz isso numa equipa e numa equipa que está a treinar, não faz sentido nenhum porque, esses exercícios não têm... simplesmente são exercícios que, que perdem a sua lógica, porque não são... não advêm do modelo de jogo, ou seja tudo o que eu faço, num processo de treino, advém é no fundo o que compõem o meu modelo de treino, advém das ideias que eu tenho para o jogo, e para aquilo que eu quero, que a equipa faça, em jogo, independentemente dos exercícios, por vezes trabalharem aspetos muito...pequenos face àquilo que é a complexidade total do jogo, por isso se eu treino em função, se o meu modelo de treino, tem a lógica, assente nos princípios e nas orientações do meu modelo de jogo, naturalmente só treino, a partir

de, de, de ideias e de uma lógica, e de um... e daquilo que eu pretendo, para a minha equipa, e aquilo que eu pretendo para a minha equipa, é no

fundo, o meu modelo de jogo, por isso não consigo sequer, dar menos ou mais importância, ao modelo de jogo, para mim, sem modelo de jogo, ou sem uma lógica, e sem uma ideia do que eu quero para o jogo, não faz sentido, falar de ou treinar uma equipa, pode ser uma outra coisa qualquer, mas treinar uma equipa, não faz sentido.

2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?

Isto na minha opinião, são... e nós sabemos que hoje em dia as transições são momentos determinantes no sucesso de uma equipa no jogo, porque são momento em que normalmente a equipa adversária, não se encontra tão equilibrada e tão organizada, quanto, nos outros momentos, mais de organização e por isso é que eles são, por isso é que eles se chamam de organização, e por isso são momentos mais determinantes e que neste momento, no futebol e as organizações táticas e ofensivas e defensivas se tornaram mais estudadas, mais treinadas, mais sólidas, mais organizadas, faz com que estes momentos de transição, por natureza, são os momentos mais desorganizados do adversário ou de nós próprios, não é... e muitas vezes nós próprios é que estamos desorganizados quando sofremos uma transição, por vezes não estamos suficientemente organizados e por isso, o trabalho das transições tornou-se mais importante, e tornou-se talvez uma das tendências evolutivas do jogo atual, e por isso eu também entendo ser muito importante no meu modelo de treino, no entanto, considero e continuo a entender que é dos momentos mais difíceis de treinar, porque efetivamente muitas das vezes, obriga, ou quase sempre obriga, a que as equipas, ou que o exercício parta de uma situação organizada, ou seja, para trabalharmos uma situação de transição ofensiva ou defensiva, temos que iniciar o exercício, ou quase sempre temos que iniciar o exercício de uma outra, de um outro momento do jogo, de um momento de organização ofensiva, por exemplo, para depois, transitar defensivamente, após uma perda da bola, ou então, de um momento de organização defensiva, para recuperar a bola, e depois transitar ofensivamente, o que significa que são exercícios sempre difíceis de... de construir, e de... de fracionar, não sei se me está a perceber... Porque são exercícios mais difíceis de conseguir desmontar, para trabalhar algumas partes, e depois no seu todo,

conseguirem funcionar em pleno, nos momentos do jogo, mas logicamente fazem parte do meu modelo de treino, e não há uma única semana que... por vezes é trabalhado, mais especificamente as transições, ou então,

estão sempre associadas, a outros momentos, do jogo, como a bola parada ou então à organização ofensiva, ou organização defensiva.

Estão sempre toda a semana, todas as semanas estão, tipo... e por vezes são, são, são mais determinantes, no entanto, por talvez...fazendo uma análise a mim próprio, tenho... sinto necessidade de aumentar a prevalência no modelo de treino, destes momentos, em detrimento dos outros, porque eu dou mais aos outros, por tendência.

3. Que importância têm as bolas paradas no seu modelo de jogo? Justifique

A importância que tem as bolas paradas é igual à importância que tem os outros momentos do jogo no sentido de que, não é algo pouco importante, porque no fundo, neste momento e não só, existem muitas durante o jogo, existem muitos cantos, existem, muitos livres, existem jogo em que podem existir poucos, mas são momentos, mas depois para além de existirem constantemente, quer a favor, quer contra, são momentos, quer a favor, quer contra, tem características muito próprias, por um lado, também ao serem momentos parados do jogo, ou que começam parados do jogo, porque o jogo está parado, para recomeçar também são mais forçados e por isso, o treino, desse tipo de situações pode ser mais replicado em jogo. O que significa que a importância do treino aumenta, se nós olhamos para a modalidade ou de, são mais fechadas e onde as jogadas por exemplo, as combinações no basket ou no voleibol são mais determinantes, porque também são mais recorrentes e podem acontecer mais iguais, e pode acontecer o jogo mais vezes face aquilo que se treina, no jogo de futebol, com a bola parada é talvez aquilo que pode ser mais replicado, e mais facilmente replicado no treino. Por isso aumenta a sua importância de as treinar. Por outro lado, todos sabemos que, por exemplo, que uma pequena falha, ou um sucesso, no fundo no sentido defensivo ou ofensivo, da bola parada, é determinante para vencer um jogo. É determinante por um lado, para não dar qualquer hipótese ao adversário de marcar, e quando nós temos uma equipa, que em comparação de forças às outras, num campeonato por exemplo, e esta foi a minha última equipa, era muito, acontecia isso muito, em que a gente tinha 70% de posse de bola, ou muitas das vezes, passava a maior parte do tempo dentro do campo do adversário, quando o adversário tem uma bola parada, também aposta tudo nisso, para

conseguir chegar ao golo, porque é a melhor forma de pôr a bola dentro da área, logo o processo defensivo de uma bola parada, é determinante para que não haja, não seja dado ao adversário, a possibilidade de marcar um golo, quando nada faz para marcar um golo no jogo, no jogo corrido, no jogo jogado. Por outro lado e em termos ofensivos pode determinar muitas das vezes, o facto de por

vezes, encontrarmos blocos muito fechados, e muita das vezes uma bola parada ajudar imensamente a resolver o jogo, e muitas vezes, hoje em dia, resolve muita das vezes, a dificuldade de conseguirmos marcar golos em bola corrida, o que significa que sendo um treino, de algo que não é muito, motivante, por natureza, porque não é muito dinâmico, treinar bolas paradas, não é algo, muito dinâmico, não é algo que... é algo que obriga a uma concentração elevada, mas que não é, não se consegue fazê-lo, de uma forma muito dinâmica, ou dinâmica sequer, porque parte sempre de algo parado... é determinante para o sucesso das equipas e por isso tem que ter uma boa parte, eu diria que... no meu modelo de treinos semanal, treinamos várias vezes, várias partes das bolas paradas, porque a bola parada depois tem o lado defensivo, e tem o lado ofensivo, tem os cantos, tem os livres, tem os lançamentos de linha lateral, e por isso divido, ao longo da semana em 2 ou 3 momentos, umas vezes mais, por grupos, outras vezes até mais individual, umas vezes com oposição, outras vezes sem oposição, ao longo da semana.

4. Olhando para a generalidade das bolas paradas, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas bolas paradas ofensivas são realizados de acordo com que fatores?

Primeiro naturalmente tenho um... um modelo relativamente à parte das bolas paradas que me vem dos anos de experiência, e da aplicabilidade delas, de maior ou menor sucesso. No entanto existem alguns fatores que eu entendo determinantes, das ofensivas para mim, o mais determinante de tudo, o mais determinante de tudo, é quem marca, é o jogador tecnicamente que marca, ser efetivamente, eu com a experiência que tenho tido, ao longo dos anos, o sucesso de uma bola parada ofensiva, é determinada, mas não tenho nenhum estudo disso, nem existem estudos acho eu, que revelem isso, porque isso talvez seja mensuravelmente difícil de estudar, mas para mim, o sucesso de uma bola parada, em grande parte, diria 70%, se não mais, depende do jogador que marca, da qualidade técnica do jogador que marca, do jogador que... que coloca a bola, no sítio

certo, e não quer dizer que haja só um sítio certo, mas consegue colocar a bola, no sítio certo, naquele sítio que se coloca, ou que, se determina, para colocar ou que... para não falar dos livres diretos, naturalmente e como calculas, o livre direto, depende da qualidade do executante.

Ahh ... ahh.. Mas também os livres, os livres laterais, ou os livres com cruzamento e os cantos, depende fortemente, da qualidade com que é a bola colocada, e nós vemos isso não é, nas grandes equipas, ou nas equipas que tem mais sucesso nas bolas paradas, mas normalmente, é porque tem grandes executantes a fazê-lo e normalmente é sempre o mesmo, ou 2 no máximo, depois a outra questão essencial, é o timing de entrada efetivamente da bola, para mim, estes 2 fatores, mais do que qualquer treino, do que qualquer sistematização, ou de que qualquer combinação, que hoje em dia se utilizam muito, não é, combinações a 2, a 3, para, para, na bola parada, eu acho que mais do que isso, é o executante e o timing de entrada, no entanto, hoje em dia, existe também um outro fator que me parece tendência, e claramente também evolutivo e de sucesso, que é o lado estratégico da combinação, ou seja, da surpresa ao adversário relativamente, à envolvência de 2 jogadores, ou de 3 jogadores, que começa por vezes, a surpreender e porquê, porque como é cada vez mais estudado também o adversário, há mais formas de anular, o lado... não é que seja, possível num livre direto, anular a qualidade de um Jogador M ou de um Jogador S, por exemplo, ou de um Jogador B ou de quem é a capacidade de execução de pôr a bola num ângulo, mas a verdade é que, como a maioria dos livres, talvez e dos cantos, acabam por ser...por não ser diretos, e a bola entrar diretamente na baliza, acaba por entrar aqui, a dimensão da estratégica e da combinação entre vários jogadores, e vários movimentos, que começa a ser importante para surpreender, e que por vezes, vai também ter que ser sempre mudada, porque como se observa muito os adversários, um canto, ou um livre, que é combinado, e que dá certo, depois no jogo a seguir, já é difícil que dê certo. E por isso obriga a esse treino. Por isso eu diria estes 3 fatores, o executante, o timing de entrada, para mim os mais determinantes, e depois a surpresa de combinação, entre 2 ou 4 jogadores, porque às vezes a bola, às vezes vai de um lado para o outro, e surgem surpresas, e consegue efetivamente também ter sucesso. No entanto eu acho que esta lógica das combinações tem muito mais a ver com o gosto do treinador e com o gozo em que o treinador tem em ver algo que é treinado, e que surpreende o adversário, e que dá certo, do que

propriamente a quantidade de vezes que dá certo, que tem sucesso, porque se nós formos analisar estatisticamente, a quantidade de vezes, que um canto, ou que um livre, combinado, tem sucesso, face ao número de livres e de cantos que existe, provavelmente vamos encontrar uma estatística muito, muito baixa de sucesso, e continuo a achar que o sucesso, passa determinantemente pelos 2 fatores, que é o executante e o executante é muito determinante. A bola de vir com a intensidade certa, com a altura certa, com a velocidade certa, para o timing de entrada do jogador, dos jogadores nos vários sítios, nos vários locais, nas várias zonas, quando eu digo timing de entrada, não é o timing de entrada do jogador não é, é o timing de entrada, de todos os jogadores, nos sítios e nas zonas onde se treina, e por isso é preciso treinar isto, para mim é um dos fatores mais determinantes, em termos ofensivos, em

termos defensivos os fatores mais determinantes na minha, na minha opinião, é o ataque à bola, porque defende normalmente uma, um modelo defensivo de zona, ou de zona, com eventualmente com uma ou outra marcação, que possa ser necessária, mas normalmente é quase sempre zona, e por isso o ataque à bola, e o ataque na zona, na zona específica de cada jogador, o ataque à bola, pressupõe-se o movimento de ativação pré de pré ativação que é determinante para mim, ou seja, a ativação corporal e não só corporal, também no fundo, a ativação nervosa e a ativação óculo-motora nervosa, vamos lá, porque aquilo que tem muito a ver com a capacidade de ver a bola e ver aqui o adversário haver aqui uma, capacidade, do jogador, ter, não perder a observação da bola, mas também não perder a noção do adversário, hoje em dia, houve uma altura em me preocupava muito, só com o feedback dos jogadores não perderem o contato visual com a bola, hoje em dia, pela capacidade, que os ataques têm, em atacar a bola, e em jogadores muito altos, ataquem a bola, ou jogadores muito rápidos ataquem a bola, também é preciso perceber aonde é que está o adversário, e perceber se vem de muito longe, ou se estão mais concentrados, se estão mais perto da baliza, se estão mais longe, se vem de mais longe, se vem de mais perto, se estão mais segundo poste, se estão mais ao primeiro poste, é preciso perceber isso, e é preciso ter uma dupla capacidade, de observar a bola e de observar o adversário, e depois o atacar a bola, isto será muito determinante, na minha opinião, defensivamente... depois há aqui um dos aspetos físicos, físicos não, mas morfológicos, que é, que são determinantes no sentido da opção de quem ataca e de quem defende nos locais, ou seja, definir as zonas onde se ataca e as zonas onde se defende, para mim também depende, de alguma características

morfológicas e características também, evolutivas, ou seja, características morfológicas da altura e de velocidade, de altura de, de agilidade, de coordenação, porque há jogadores que não são muito altos, mas que são muito rápidos a atacar a bola e muito, e muito, e com uma grande capacidade de impulsão, por isso não é só a capacidade, morfológica, de ser algo, mas também as capacidades físicas adequadas ao saltar, ao apanhar a bola, ao não ter medo de atacar a bola, e pronto aqui já tem a parte, volitiva, não é, que é o não ter medo de atacar a bola, o ter coragem, o ter... o ser...agressivo, e para mim acho que está tudo, são os principais parâmetros das bolas paradas.

Esta última parte, e depois isso tudo, encaixa nas decisões que tomo, quem é que fica a olho, quem é que bate, quem é que ataca o primeiro poste, quem é que ataca o segundo, quem é que não ataca, quem é que fica cá mais atrás, que, é que fica na entrada da área, porque isto aqui não é logicamente a parte tática, das decisões, não é... se é uma linha em L se é um losango no primeiro poste, se é menos jogadores ao primeiro poste, e mais jogadores no segundo poste, pronto e depois isso determina isso, não é.

5. Tendo em conta a sua perspectiva acha relevante pensar/preparar a transição defensiva em situações de bola parada ofensiva? E porquê?

Sim, é importante, muito importante e normalmente embora por vezes, eu tenho a necessidade de treinar passos da bola parada mais isolada, porque há aspetos determinantes como a colocação da bola, ou o timing, da... aquilo que eu acabei de referir... mas há momentos em que se tem de treinar mais coletivamente a bola parada, com equipas e com situação de jogo, para quê, para precisamente também treinar esta transição, e normalmente por semana, e normalmente 1 das vezes que treino, contém a parte da transição, no caso da bola parada ofensiva, para quem está a atacar, ter a transição defensiva, e no caso de quem está a defender a bola parada ter a transição ofensiva e aqui há aspetos, que depois já são outros aspetos, que também fazem parte da bola parada, que é a colocação dos jogadores, em certos locais, e em certas zonas e em certas, e com atenção a certos aspetos que determina o sucesso da transição defensiva. Objetivamente é mesmo não haver transição defensiva.

Para não se chegar a dar hipótese, a que haja... para que o adversário faça a transição e seja anulada, essa transição. Com... por vezes mais ou menos, jogadores em certos locais, e quando o adversário não coloca ninguém, que é muito típico hoje em dia,

porque há muito poucas equipas que colocam alguém na transição ofensiva ou perto da linha do meio campo, normalmente já não é, já não há muitas equipas a fazê-lo, por isso aí e nesse caso, normalmente, só deixo 1 jogador e esse jogador nem sequer fica, muitas das vezes, na linha do meio campo, fica um pouco mais à frente, para não criar um fosso, demasiado grande entre os jogadores que estão ainda na entrada da área e do jogador que está na... que está realmente mais atrás. No entanto, isto tudo também depende da bola parada que se marca, porque se nós envolvemos 2 ou 3 jogadores, na combinação da bola parada em si, temos que ter a consciência que pode faltar jogadores na transição defensiva, em certos locais, e aí temos que precaver, e pode acontecer, é fazer um jogador da área, e que supostamente, para atacar a bola, ter que vir para fora da área, porque existe um envolvimento de uma combinação a 2 ou a 3 e que retira os tais jogadores que à partida estariam para transição, ou seja, existe aqui depois, a parte, tática, e no fundo a parte, daquilo que então aí se trata do esquema tático, da esquematização do posicionamento

dos jogadores, e da troca de funções, e da... mas tem que haver sempre, jogadores a atacar a bola, jogadores a fazer, o batimento da bola e jogadores a fazer o processo de transição, ou de precaver o processo de transição e principalmente, antes da transição precaver, ou estar preparado para uma segunda bola, não é, ou um remate fora, ou uma segunda bola, que possa ter de ser cruzada novamente, e que são os mesmos valores, não é.

6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de bola parada ofensiva?

Tenho, tenho por exemplo a combinação por exemplo de um jogador que normalmente é um jogador que toca na bola, e que dá o primeiro toque e que provavelmente não entra na combinação, vai fazer o movimento de... imediatamente de, de ocupação na entrada da área por uma segunda bola, por exemplo, não é o jogador de ataque direto, se for direto nesse jogador, após bater, tem que vir logicamente, mas tem que estar preparado para recuperar, sensivelmente, se for o caso, mas quando existe combinação a 2 ou a 3, 1 desses 3, ou desses mesmos jogadores, a preocupação é ver a entrada da área e entrar numa forma de detalhe da segunda bola, até porque muitas vezes a segunda bola, acontece com frequência quando o canto sai curto ou o livre sai curto, acontece com frequência do lado onde foram batê-la... Também tenho, também tenho... a situação de

muitas das vezes, um jogador estar dentro, ou estar mais perto, da baliza, ou até mesmo da linha de golo, vir para a zona do penalti e para uma bola que seja pensada, uma bola que seja mal tirada, e que fique ali na, nessa zona, que fique no fundo, caída ali sem grande, sem... no fundo é uma... as bolas paradas tem a questão de serem muitas vezes, de terem sucesso quando, quando se consegue finalizar diretamente do cruzamento, ou de uma bola do meio que vem, mas muitas vezes há muitos golos que advém de uma bola que fica morta vá lá, que fique ali caída, no meio da área, e aí, é muito importante, haver jogadores e haver jogadores muito perspicazes muito, muito, jogadores que são normalmente, e que são normalmente muito rápidos a executar, para, para fazer. Para, para precaver a transição, coloco no mínimo 2 jogadores à entrada da área, Tenho sempre que ter gente, normalmente coloco sem 2 jogadores à entrada da área, onde quando obrigo a combinação, para não tirar mais jogadores e ficar com poucos jogadores a atacar a bola. Pode ser então um dos que estão envolvidos na combinação para vir depois logo a seguir ao envolvimento da combinação, vir logo a seguir, para a entrada da área, e depois então, um jogador cá mais atrás, a meio do meio campo se não houver ninguém com o guarda-redes a subir, para meio do meio defensivo, pronto, para que esse espaço todo dentro do

campo, não fique desocupada e demasiado amente aberto, porque também ter jogadores demasiado muito longe ali uns do outro, acaba por poder beneficiar uma bola que cai sem querer num jogador em contra ataque do adversário e depois acabar por, ter várias situações de um 1 contra 1, e não ter situações, no timing certo, para evitar este contra ataque, com uma falta tática ou uma recuperação...

7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de bola parada ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?

Pois estou a perceber, mas não é muito habitual, mas, mas efetivamente e por exemplo, estamos a falar em casos de, em casos em que os últimos momentos do jogo e pode haver até a possibilidade de o guarda-redes ir lá, não é que isso normalmente dê muito sucesso, mas a verdade é que o guarda-redes pode ser mais um elemento e já aconteceu, em algumas circunstâncias, não muitas certamente. A mim nunca me aconteceu, o guarda-redes ter capacidade de marcar golo, ou de ser determinante numa bola parada, no último lance do jogo, mas poderá ser o guarda-redes, como poderá, o guarda-redes

ficar quase como o último jogador, e único e até mais um jogador dentro da área, o problema é os jogadores, terem discernimento para marcar bem o canto e lá está, a questão da execução, de quem marca o canto. Porque quem marca o canto, pronto quem marca o livre, muitas das vezes, nos últimos minutos a tendência é para marcar mesmo, normalmente com a questão do fator pressionante de final de jogo, e ainda marcam pior, os maus executantes, ou os executantes de menos qualidade, marcam pior, os grandes executantes, muitas vezes conseguem nos últimos minutos fazer tão bem, ou igual aquilo que fazem no primeiro minuto, e isto não é fácil, parece fácil mas não é fácil, por isso é que às vezes, a gente até se questiona, como é que é possível ter marcado tão mal este, estes minutos a marcar tão mal, este canto, este livre, quando no treino até marca bem, mas há jogadores que marcam bem no treino e no jogo é difícil, porque a execução técnica de um bom canto, de um bom livre, é mesmo... para quem... para os melhores, não é por acaso que no Clube P o Jogador A era, era, era, aquilo que era, e determinava o sucesso das bolas paradas, e hoje em dia o Jogador S, acaba por ser determinante nas bolas paradas, mas o Jogador A por exemplo, era um caso, crasso, de que sem ele, era uma coisa e com ele é outra, e por isso basta um jogador, que é o executante, ser diferente e muitas vezes isso tudo muda, se no último minuto, altero mais do que isso, eu não altero, porque também os jogadores fora da área, também tem que continuar, porque uma segunda bola, muitas vezes é

determinante, para o remate, e para se fazer golo, por isso não vou pôr toda a gente dentro da área, e toda a gente, e ninguém à entrada da área, a colocação dos jogadores, continua a mesma, poderá eventualmente é aumentar mais um jogador, com a ida, com a subida do guarda-redes por exemplo, e até porque também os jogadores que normalmente sobem aos cantos e aos livres, são os jogadores mais altos, são os centrais, são, são, os jogadores mais altos, caso sejam os centrais, são os centrais e por isso não fica cá atrás no corredor central, fica cá atrás o jogador mais rápido, que esteja mais... capaz de evitar as transições, e de evitar algum contra ataque, é o mais que posso fazer, é isso, é o guarda-redes vir substituir esse jogador e esse jogador, ir para a área, ou então, o guarda-redes que normalmente é um jogador alto, não é, morfológicamente é alto.

E que pode ser o caso, de resto e em termos ofensivos, em termos ofensivos, não opto por lançar de linha lateral, só porque está no final, se está treinado, faz-se, se não está

treinado, não se faz, e inclusive o que se pode fazer, é em função do adversário, fazer mais ou menos certas coisas, por exemplo, se já tivermos 15 ou 20 cantos, e o adversário é muito alto e muito forte, muito forte e aéreo, optar por, quanto mais se aproxima do jogo, mais sair a jogar, sair combinado, para obrigar a movimentação e a descoordenação da linha defensiva, do adversário é uma das coisas que se pode fazer, tal como temos no início, tal como temos logo primeiramente definido, como é que é o primeiro canto, o segundo canto, o terceiro canto e ter uma sequência de tipo de canto, e normalmente temos feito isso também, na sequência de tipos de cantos, ou seja primeiro direto, a seguir o combinado, A, e a seguir, o direto outra vez, a seguir o combinado B e depois ver sempre, até porque não vario em demasia, mas temos sempre 3 ou 4 cantos, e ou 4 cantos e depois vão ser sequenciados.

8. Olhando para uma situação inversa, aquando de uma bola parada defensiva como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

É assim existe também para o lado, para este lado oposto existe também a estratégia de ficar normalmente... depois existe algumas alterações a isto, em função do adversário e do que o adversário faz, mas... até porque estamos a falar de processo defensivo, e por isso adequa-se sempre em função, a algumas coisas de que o adversário é capaz de fazer em termos de bolas paradas, ou tipicamente, mas por exemplo, tenho um jogador que normalmente sai sem à bola parada e à combinação, e depois sai um segundo jogador, mas a tendência... é utilizar o jogador de fora da área, para ir à combinação curta do adversário e depois então, se for necessário, um segundo jogador, que sai do poste, normalmente é este o princípio que tenho, mas não saírem logo, só pelo facto de o adversário ter lá 2, existe uma tendência hoje em dia muito grande de os adversários terem logo lá 2, para obrigarem a que o adversário, que nós por exemplo, passamos o deslocamento dos jogadores para, para essa situação e eu não gosto, porque isso muitas vezes, é somente, uma forma de trair, de nos atrair, e de sairmos das zonas, por isso normalmente o jogador que está fora da área, é o primeiro que sai para, ver até que ponto, é que sai combinação curta, e então depois, se sair combinação curta, o jogador do primeiro poste, arranca em sprint, para não poder deixar, que a superioridade numérica, nessa situação, e ficando só um jogador, à entrada da área, para não deixar haver remate fora da área. Como já estamos a falar de transição defensiva, normalmente

o que acontece é, quando existe batimento da bola, o jogador... os tais 2 jogadores, que estão à entrada da área, versus, e que no fundo tem as duas funções, que é de evitar remates de fora da área, e evitar a combinação curta, são os 2 jogadores que saem em transição e normalmente, se a bola sai para o segundo poste, e o guarda-redes a agarra, e é um jogador que está a um terço, deste lado, do segundo poste, que sai e que abre, e que se desloca em rutura, para o lado deste segundo poste, e que tenta receber, a primeira bola, e depois existe uma saída, mas ou menos treinada, do outro jogador que está à entrada da área e depois dos jogadores, que estão na linha, da zona defensiva, os jogadores da segunda linha, da zona defensiva, porque eu tenho duas linhas, e o da segunda linha, que ficou ali, na zona do penalti, são também jogadores que vão, ter a estratégia e no fundo, é o objetivo de ir tentar fazer a transição em contra ataque, para ver se conseguimos, depois de ter capacidade, para chegar á baliza adversária, e se precisar de... no fundo existe 2 jogadores, que saem em lados, em, em direções opostas, ou seja, um para a direita e outro para a esquerda, para dar a possibilidade de o guarda-redes normalmente que fica com a bola, sair em contra ataque, e depois a partir do momento em que esta bola é colocada, os 2 jogadores da linha da segunda linha defensiva, saem pelo corredor central, para, para um para dar apoio, a esse tal jogador, que recebeu a bola, e o outro, para fazer rotura, nas costas do adversário e pronto e isto no fundo, remete 4 jogadores, para contra ataque, e chegam... se não der, é porque não vai dar, contra ataque e então... vai sair ataque organizado, não é.

Anexo IX - Entrevista *Treinador G*

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do modelo?

É assim... a importância é fundamental, é fundamental/vital mesmo, por tudo ... para termos um sentido, para termos uma orientação, para termos uma ... para podermos jogar de olhos fechados, temos de saber o que queremos, ter as ideias bem delineadas e conseguir passar a mensagem e trabalhá-las, mais do que o modelo de jogo é o modelo de treino, assenta na forma como trabalhamos, está tudo interligado.

Em relação aos pressupostos ... ah... acima de tudo também perceber ... eu defendo muito isto, sem abdicar de princípios e de formas de liderar, etc., etc... ok... mas há uma coisa que eu... fala-se muito da questão de morrer com as ideias... eu ahhh... eu aí, eu aí, gosto de dizer o contrário, eu não quero morrer com as minhas ideias, eu quero viver com elas, porque se eu não tenho jogadores para jogar de uma determinada forma, eu tenho que ter a capacidade de ... ahhh, espremer ao máximo dentro das capacidades e qualidades que eles têm enquanto características, portanto os pressupostos para ir ao encontro da ideia que nós idealizamos no papel, no modelo de jogo ... fundamentalmente os principais pressupostos são os jogadores, já me aconteceu uma coisa, na construção de um plantel, onde nós podemos não escolher o jogador A, mas escolhemos as características do jogador A, outra coisa é chegar a um plantel onde já está a decorrer o campeonato, o mercado já fechou, ou já não há tempo para ir buscar jogadores, e eu tenho essa ideia de jogo tenho... ahhh, ideia de jogo assente num modelo de treino/jogo, mas eu chego lá e já me aconteceu isto, tentei e tentei e não dá, e os jogadores estão desconfortáveis com aquilo, eu depois tenho que decidir, vou morrer com as minhas ideias, ou vou viver com elas, ou vou viver com os jogadores e ajudá-los a atingir os objetivos, o que é que é mais importante, sou eu naquilo que eu tanto acredito ... ah, mas eu acredito em muito mais coisas, é os tais princípios, é os tais subprincípios, é tudo o que tenha a ver com atitude e organização da equipa, muitas coisas ... perceber os 4 momentos de jogo, as bolas paradas, que são fundamentais ... agora ... agarrar-me a uma estrutura, a um sistema tático, isso para mim foi uma lição ... porque eu também tinha muito essa ideia ... não, não ... tem de ser sempre assim, sempre assim, sempre assim ... e não... e não! Portanto... ahhh, é fundamental, resumindo agora sintético... os pressupostos principais para mim são os jogadores.

2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?

Dou muito relevo e muita importância, muita, muita, muita mesmo ... não é por acaso que somos a equipa com mais faltas da primeira liga, mas ao mesmo tempo, das equipas com menos cartões amarelos e vermelhos, quase que dava um caso de estudo ... porque nós defendemos muitas vezes de frente para o jogo e orientamos a equipa adversária para onde nós queremos ... ahhh... e nós valorizamos muito os equilíbrios e a... e a... e a reação à perda, porque a reação à perda não se trata só de atitude, mas acima de tudo, um pouco de discernimento nessa reação, para não ser só no grito e isso tem de estar ... tem de ter atitude, intensidade, ok..., mas se tivemos mal posicionados com bola, que é os tais equilíbrios no processo ofensivos, vamos ter mais problemas depois na transição defensiva e a mesma situação de termos a capacidade de sempre que recuperamos bola, a premissa é agredir o adversário, se não der ... ter a capacidade de sair em largura, sair de pressão e entrar no processo de organização ofensiva, portanto, dou muito, muito, muito, muito valor, muita importância aos momentos de transição, porque são fundamentais juntamente com a bola parada ... ahhh, a bola parada e a transição ofensiva... é ... é ... onde ... é 80%, 70 e tal % dos golos nos jogos de futebol, logo aí, nos diz e os estudo comprovam aquilo que nós já vemos com os nossos olhos na prática.

3. Que importância têm as bolas paradas no seu modelo de jogo? Justifique

Muita... entronca na pergunta e resposta que dei na pergunta dois, já falei um pouco sobre ela, mais superficial, agora sendo mais específico... é muito importante, é fundamental, desbloqueia jogos ... ah, entra na tal percentagem dos 70 e tal %, perto de 80, juntamente com a transição ofensiva dos golos, é uma das formas também de uma equipa, às vezes, que tenha mais dificuldades em conseguir criar oportunidades de golo, é uma das formas também ... de ... chegar lá, é de ... de resolver partidas, portanto é algo que eu dou, muito, muito, muito valor, muito trabalho ... ahh, e depois se a seguir à perguntas mais sobre que tipo de trabalho é feito, ou se ... portanto ... **vamos entrar por aí** ... então pronto ... a importância é muito alta, é fundamental e o porquê ... pronto também acho que já expliquei.

4. Olhando para a generalidade das bolas paradas, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas bolas paradas ofensivas são realizados de acordo com que fatores?

Com vários ... ofensivos e defensivos ... ofensivos ... ok ... nós temos nos ofensivos, e lançamentos também... nós temos uma panóplia de opções trabalhada de forma transversal à equipa, onde todos os jogadores, sabem ... os vários ... as várias opções que temos para o canto aberto, para o canto fechado, para o livre aberto, para o livre fechado, para o livre na zona do buraco, que é ali por exemplo na zona da largura da área, e a linha lateral, quando a bola está ali, que tipo de livre é, quando a bola é no corredor central, mas afastada, ali próxima, ali a meio, a meio do meio campo, que tipo de opções temos, temos os lançamentos laterais no último terço, também na zona do buraco, na zona do meio campo, no nosso meio campo defensivo ... há os transversais que nós temos N situações que nós temos N situações trabalhadas, eu chamo transversais, porque independentemente do adversário é algo nosso padrão, N situações, e depois, consoante o adversário, aquilo que nós analisamos e estudamos, vamos criando nuances, ou pegamos em várias dessas opções já transversais à equipa e “apimentamos” mais um pormenor ou outro para... para... para agredir e enganar o adversário, que é mesmo assim.

5. Tendo em conta a sua perspetiva acha relevante pensar/preparar a transição defensiva em situações de bola parada ofensiva? E porquê?

Mais uma vez é fundamental ... ah... pela resposta ou as respostas que já dei anteriormente, que há por parte dos momentos de transição ofensiva, mas também ... não só por isso, porque o posicionamento na bola parada ofensiva, é fundamental, para não só impedirmos a transição ofensiva do adversário em situações com muito espaço para correr, onde é fácil tornar... não digo superioridade numérica, mas até isso acontece, ou igualdade numérica, porque estamos quase a partir de uma situação de igualdade onde há jogadores, ou um aglomerado de jogadores ali na área e onde alguns têm que rodar os apoios para correr para trás e os outros já estão de frente para correr na transição ofensiva, e por vezes parece um pouco estranho como é que aparece 3/4 jogadores, porque eu sou ... estou a atacar uma baliza e ... ah... a bola vem para trás e há um corte, é mais fácil sair na direção da bola, do que ter que rodar e correr para

trás... essa é a primeira, e depois esse posicionamento, é importante, não só para impedir isso, como também para mantermos a posse de bola e finalizarmos a jogada.

6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de bola parada ofensiva?

É posicionamento, é a equipa estar equilibrar, é perceber ... é ... é... é o mesmo posicionamento ... dentro da nossa equipa, que sabemos exatamente onde é que temos de estar em termos de equilíbrio... e quem é que ataca a 1ª e 2ª bola e as coberturas, e também depois ... consoante o adversário estar preparado para aquilo que eles possam fazer.

7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de bola parada ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?

Claro ... Claro ... já alterei e alteramos quando for preciso ... porque há situações ... já me aconteceu ... por exemplo ... já me aconteceu a equipa adversária deixar dois jogadores na frente, para ver se nos retirava a suposta superioridade ... que há bocado... atrás ... tiramos homens da entrada de área ou até de ataque ... à bola no canto, por exemplo, e nós nos primeiros dois cantos tínhamos a indicação e trabalhado que íamos assumir o 2x2 cá atrás, portanto ... como também já aconteceu nos últimos 5 minutos, por exemplo ... ou ... até mesmo a acabar a 1ª parte, vamos imaginar que o central está um bocado desgastado porque fez várias recuperações defensivas no controlo da profundidade ... ou estamos a ganhar e só vai um central e fica cá outro, ou às vezes um jogador tem cartão amarelo e trocamos porque às vezes pode ser preciso para parar um contra ataque ou um ataque rápido, deixar o jogador que já tem amarelo, ou seja têm que ser alterado no decorrer do jogo consoante os amarelos ... o resultado e o tempo... e até mesmo uma questão estratégica às vezes.

8. Olhando para uma situação inversa, aquando de uma bola parada defensiva como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

Aí... aí... é muito mais aberto do que fechado ... aí, a minha principal preocupação mais do que ... do que... tentar... e isso tentamos sempre... isso até fica mais aberto é a preocupação de sair de forma mais anárquica e desorganizada, porque se nós saímos de

forma desorganizada... normalmente essa segunda bola até acaba por ficar em posse dos jogadores do equilíbrio da equipa adversária, e se houver qualidade para colocar uma bola lá em cima, lá em cima ao 2º poste, ou uma combinação no próprio corredor... às vezes os alas ou o próprio ponta que estão a defender o canto, se saírem de forma desorganizada... ah... às vezes ficamos em inferioridade numérica na área e perguntamos como é que é possível eles aparecerem lá com dois três jogadores, é possível porque a ansia é tão grande para ir fazer... portanto... se estamos a defender, estamos a defender, e a prioridade é ... defender a baliza e ganhar a primeira bola, depois disso, saímos de forma organizada ... e... há determinados jogadores que são responsáveis por sair na bola, todos os outros só mesmo numa situação limpa e muito... clara é que podem abandonar principalmente o corredor central, portanto, mais do que estar a pensar em fazer golo na equipa adversária... é ... é a premissa principal, e o cuidado principal é não sofrer golo e não sair à toa para a transição ofensiva... sempre que as condições ficam criadas para a transição ofensiva, aí é ... não há uma jogada padrão, não há um jogador padrão, é acima de tudo identificar da mesma forma que identificamos as referências de pressão temos que identificar se a bola está limpa para sair, e se tiver de ser o homem do poste a ter de fazer 50 ou 60 metros a dar ... a dar... a dar gás é... agora é fundamental perceber se saímos dessa forma é para terminar a jogada.

Anexo X – Entrevista Treinador H

1. Qual a importância do seu modelo para o bom desempenho da equipa, e quais os pressupostos para a construção do modelo?

A importância do modelo de jogo, isto é difícil de responder porque se calhar precisávamos aí de 1 hora para afinarmos o conceito de modelo de jogo entre nós, eu, eu gosto de falar do estilo do estilo de jogo, que é uma palavra que não se usa muito em Portugal e que até, eu acho que está um bocado em desuso, muita gente acha que está em desuso, porque é uma expressão que vem, que vem, que é mais anglo-saxónica não é, pelo menos da escola inglesa, mas é, e internacionalmente até se usa mais do que propriamente, que é a moda ou o “playing style”, o “playing style”, na literatura anglo-saxónica, implica, aquilo que nós designamos por modelo de jogo em Portugal, e que é basicamente tudo o que tem a ver, com a forma de jogar, não é.

E qual é a importância? É muito grande, a importância é muito grande, porque é no fundo, o guião de todo o processo de preparação, de análise, de adversários, e de análise da própria equipa e de recrutamento de jogadores, e do desenvolvimento individual de jogadores, e também em parte, portanto é muito...importante é um instrumento fundamental, é um instrumento que eu vejo de uma forma que não é fechada, e eu posso explicar, é um instrumento que tem um ponto de partida, no início da época, temos ideias e convicções, temos princípios e comportamentos, mas eles estão em evolução permanente, ao longo da época, ao longo da temporada, face aos desafios e às aquisições, aos desafios dos adversários nos vão colocando, e nós como treinadores temos que também começar evoluindo, e ir refinando, aqueles que são os princípios da própria equipa, portanto tem uma dimensão evolutiva no tempo, mas tem uma dimensão operacional extremamente importante, extremamente importante, particularmente, naquilo que eu acho que é, o investimento em termos de conteúdos de treino, no período preparatório, onde para mim, aquilo que eu trabalho no pré preparatório, é a transmissão, é a assimilação, é a apropriação por parte dos jogadores, daquilo que são os princípios fundamentais, e que depois vão sendo especificados. Eu gosto de começar com ideias globais, as ideias globais, de ataque e de defesa, etc., e depois eu trabalho muito por cenários, cenários de construção, cenários de criação, cenários de finalização, cenários de pressing sobre o adversário, cenários de... de... quando nos quebram a

nossa primeira linha de pressão, o que é que se faz quando somos forçados a recuar, eu não gosto muito,

eu não gosto que as minhas equipas joguem com a linha baixa, mas quando somos forçados, porque os adversários também jogam, a recuar e a trabalhar com um bloco mais baixo, como é que... portanto eu trabalho cenários, como é que defendemos quando, temos que defender dentro da área, porque também acontece não é.

Infelizmente, e assim como as bolas paradas não é, todos esses cenários, são trabalhados, portanto nós trabalhamos muito, eu trabalho e organizo as ideias e o treino, muito, com base em cenários e depois também há exercícios multi-cenários, não é, também é importante, exercícios porque... este é um aspeto importante, quando tu constróis os exercícios para determinado cenários, e não se pode esquecer que no jogo, nós saltamos de cenário em cenário, não é, e portanto é preciso os jogadores terem capacidade de se adaptar, ok estamos num pressing alto ao adversário, e como é que nós nos readaptamos se nos quebram a primeira linha de pressão, portanto essa alternância de cenários é fundamental, é a dinâmica do jogo, para si, não é ... há ideias que estão por detrás não é, há ideias que estão por detrás da construção, do dito modelo de jogo e essas ideias tem a ver com os valores de quem lidera, porque é indissociável, repara, se tu fores ao um treinador que te revês, e que se calhar, se foste um jogador que teve muito sucesso, como extremo, e um jogador dito, não sei se posso dizer, individualista, mas um jogador, muito eficaz, em situações de 1 contra 1, contra 2 e contra 3, tu provavelmente e se tiveste sucesso com isso, ou se te revês nisso, tu vais desenvolver, se calhar um tipo de jogo similar, não é.

É pá mas se tu tens outro tipo de crenças e valores, se calhar vais já para outro tipo de jogo, e eu, como pessoa, acredito muito no coletivo, acredito muito que aquilo que um coletivo consegue fazer, pode superar a velha expressão da soma das partes, não é, aquando da interação é adequada nós conseguimos, porque também é possível, o todo ser menos que a soma das partes, não é. Um mau todo, é menos do que a soma das partes, mas um bom todo, esperamos que seja, mais do que a soma das partes, e portanto eu acredito muito no coletivo, acredito muito em, em... na adaptabilidade, portanto o modelo tem que ter uma dimensão adaptativa, muito grande, e eu já posso partir para exemplos concretos, mas acredito também na estabilidade, ou seja, como é que nós conjugamos adaptabilidade, e estabilidade, estabilidade, para nós, equipa,

quando dominamos os diferentes cenários e sabemos, o que é que nós vamos saber fazer do ponto de vista coletivo, setorial e individual, porque os meus jogadores, acabam por saber o que é que os colegas, de outras posições, vão fazer e tem que fazer, e depois isso é importante,

porque eu quero que seja cobrado, de uns para com os outros ok, e isso dá-nos a tal estabilidade, e aí o pré preparatório é fundamental, porque, porque tens tempo, para trabalhar, quer não tens durante o período competitivo, para implementar as tuas lógicas de jogo defensivo e ofensivo, nos diferentes cenários. Depois tem a dimensão da adaptabilidade, e a dimensão de adaptabilidade, quando tu a consegues implementar no teu próprio modelo de jogo, tu estás mais preparado para lidar com diferentes adversários, não sei se me faço entender?

E portanto isto são aprendizagens porque fazemos asneiras e por exemplo, o ano passado, nos 3 meses que estive, aqui no clube, quando cheguei... decidi, por diagnóstico, não importa agora, implementamos uma organização defensiva, zonal, 4:4:2 com o médio ofensivo, a juntar ao ponta...e os extremos a juntarem aos médios, e fazer 2 linhas de 4, e 2 na frente, e etc., e... aprendi que no contexto desta liga, existem imensas equipas, imensas equipas, a jogar com 3 centrais, a abrir o jogo com 3 centrais e nós tivemos imensos problemas, para conseguir ser pressionantes, e como nós queríamos ser pressionantes, e de tal maneira que, que, que para o último jogo, que tínhamos que ganhar, e que íamos jogar contra uma equipa, mais uma vez, com 3 centrais, etc., e depois com “wingbacks” bem profundos, em que é muito difícil, tu consegues tapares aquilo com 2 homens na frente, ou ser efetivo, porque tu queres e vais, mas depois não consegues e depois comesças a ter que recuar, e a partir de frente para trás, e então o ano passado, é pá, eu tive esta necessidade, de que temos que pressionar isto de forma diferente, é pá e fui estudar o jogo novamente e fui pensar, e então resolvemos pressionar diferente, de forma diferente, com 3 homens na frente, e não com 2, e de tal maneira, que este ano, consegui criar uma plataforma, de posicionamento inicial para os jogadores, simples, um 4-1, 4-1, a partir do qual, os jogadores, sabem que em determinados contextos quem salta, para ajudar o ponta na pressão, é um dos médios interiores, e noutros contextos, são os extremos, que saltam na pressão, para intensificar a pressão, e temos um sistema de compensações, e um sistema de pistas visuais, que permite os jogadores reconhecerem e coordenarem-se

nestas situações basicamente e depois, há sempre outra ajuda, que é a comunicação verbal deles próprios não é, e claro e depois, isto é treinado, e depois isto tem que ser treinado, porque uma coisa é tu, que tu vais, vais jogar contra equipas que te abrem o jogo com 2 centrais, e tudo bem, projetam os laterais ou baixam os laterais, mas é fácil de gerir, outra coisa é equipas que te abrem o jogo deliberadamente, com 3 centrais, e tu adaptas-te, etc., e outra coisa, é equipas que estão a abrir com 2, e de repente

já é com 3, e entendes, e se eles entenderem isto, é pá, nós somos mais fortes, porque nos conseguimos adaptar às configurações do adversário e estamos preparados para isso, e portanto esta dimensão de adaptabilidade, dentro do modelo de jogo, para mim é fundamental... eu não consigo, porque torna o teu modelo mais rico.

E dá um estímulo fantástico aos jogadores, porque eles em vez de entenderem uma forma de defender, entendem duas, articuladas entre si, e depois permite fazer coisas, que nós já fizemos este ano, nos jogos da Taça, em que misturamos as duas abordagens porque depois vem a dimensão estratégica e eu vou dar-te um exemplo claro, fomos jogar contra uma equipa, em que... uma equipa de posse, muito interessante, com muita juventude como nós, que consegue dominar um jogo com bola, com 2 médios interiores, por de trás da nossa linha média etc., e o que é que nós vimos, é pá, todos os jogadores, são bons de bola, mas quem era o jogador que eles procuravam sempre na construção era o central do lado esquerdo, e tem outro um bocadinho mais experiente e com qualidade, é pá e eu pensei, isto está mesmo a pedir, aqui uma mistura das nossas duas abordagens e o que é que fizemos, deslocamos o nosso ponta, em vez de estar ao centro, ligeiramente para a nossa direita, para controlar e para impedir a bola de chegar, tão recorrentemente a este central porque é fácil não é, o guarda-redes olha e vê o central do lado direito vazio, ou sozinho, e dá-lhe a bola, e o outro está próximo, e depois eu tenho aqui um ponta que, pronto e eu já trabalho com ele... já é a terceira época agora, ele é bom inteligente, e não se cola ao central, mas está ali a dividir, de maneira, que se o guarda-redes, ameaça passar lá, ele começa a apertar e ele já não passa, ou seja a bola... é pá... o rapaz durante o jogo, é porque não fez um passe entre linhas, porque não teve hipótese, porque a bola raramente lhe chegou. E a bola estava sempre no outro central, e então o que é que fizemos, bloqueamos a circulação deste lado e portanto deste lado, o meu extremo, controlava o lateral esquerdo deles, do lado oposto, o meu extremo, saltava no central, sempre que havia viragem de jogo, do

guarda-redes ou do médio, para esse central, ou seja, misturamos as duas abordagens e o médio 10, ora saltava... se o central estivesse mais ao meio, ora estava mais baixo, que o extremo, para saltar ao lateral, se a bola, mesmo assim, lá chegasse, e isso aconteceu 2 ou 3 vezes e não mais, durante o jogo, ou seja, acabamos por misturar as 2 abordagens, é pá e pronto, e foi muito bem sucedido, pronto... mas, ou seja, esta adaptabilidade e depois também está outras ferramentas, sob o ponto de vista estratégico, para os jogadores estarem preparados, e depois tu não estás a mudar coisas, tu estás a misturar coisas, que eles já dominam... Ok, mas isto também se vê no processo

ofensivo por exemplo, nós temos dinâmicas de construção, e o nosso guarda-redes é o primeiro construtor e quando digo o primeiro construtor, digo em qualquer... não é em qualquer área do campo, mas quase, o nosso guarda-redes, constrói fora da área, ele é o primeiro homem, a construir fora da área, e nós criamos, um losango em, que metemos o guarda-redes no vértice mais baixo, os 2 centrais, e um 6 e por vezes, até 2, 6 e esta estrutura tem uma dinâmica suficiente para os jogadores entenderem, quando é que vem o segundo médio, e às vezes fazemos 3 + 2, quando é que, estamos mais altos no terreno, e o guarda-redes já não se sente confortável, para ser o último homem, e é o 6 entre os centrais, e é o 8 que tem que ler, e que tem que ser o vértice superior, e há um conjunto de dinâmicas, que tem a ver com adaptabilidade e adaptabilidade é aquilo que o jogo nos vai pedindo, e claro nós analisamos o adversário e é pá, se calhar neste jogo, temos vantagem se utilizarmos estas dinâmicas predominantemente, mas isto já está, isto incluído semanalmente, para que os jogadores tenham a capacidade também de começar a ler isso no jogo, não é, porque é isso que se pretende, nós não queremos jogar playstation, queremos é que eles sejam... Inteligentes o suficiente, portanto esta adaptabilidade para mim é fundamental, eu não consigo ver o modelo de jogo como um mecanismo rígido...de movimentos e comportamentos, porque os jogadores tem que fazer, independentemente do que está do lado de lá, porque para mim, acima da dimensão coletiva, existe uma outra dimensão, que é a dimensão do jogo, e na dimensão do jogo, não existe só uma equipa, existem 2, portanto tu tens tanto mais sucesso, como equipa, quanto melhor preparares a tua equipa, para lidar com os diferentes cenários que o jogo te vai solicitar, e pronto eu assumi isso o ano passado, quando eu cheguei e cometi ali um ou outro erro, naquilo que introduzi, e é pá, este ano já é o segundo ano, já tenho a vantagem de conhecer um bocadinho a liga e ainda tenho que fazer muitos erros, então preparamo-nos um bocadinho nesta lógica.

2. No seu modelo de jogo considera importante preparar a equipa para transitar, seja ela de forma defensiva ou ofensiva, quando a mesma se encontra num momento de organização? E porquê?

A resposta só pode ser sim, não é, não acho que deva haver um treinador que diga não, agora eu gostava de explicar, como é que eu vejo as transições. Portanto, eu sou um bocadinho...eu sou pouco tuga nisto, portanto eu não vejo o jogo, como a maior parte dos portugueses veem 4 momentos do jogo, não vejo nada, não vejo nada, porque a transição para mim, não é um momento do jogo, com a grandeza que é o ataque e a defesa, é pá,

para mim existem 2 grandes fases de jogo, o ataque e a defesa, e a transição é uma transição de fase, não é, e isso se quiseres e para quem estudar um bocadinho a teoria dos sistemas dinâmicos e a complexidade, isto está descrito na literatura, as transições de fase são momentos, lá estou eu a chamar momentos, não é, as transições de fase, são transições de fase, portanto não são fases, quero dizer que são situações que ocorrem de forma abrupta e muito rápida, onde há mudanças qualitativas naquilo que é o sistema do jogo, a bola passa de uma equipa para a outra, e não está a passar, durante não sei quantos segundos, não é, pode haver... podes ter ali situações onde a bola ande ali um bocadinho, no ping-pong, como nós costumamos dizer, mas temos que tratar as coisas de um ângulo diferente, para mim, as transições estão sempre presentes, no processo ofensivo e no processo defensivo, portanto a eminência da transição está sempre presente na forma como eu procuro organizar o ataque e a defesa, não sei se me faço entender.

Eu dou-te um exemplo pragmático, os relatórios de análise do jogo, que eu peço ao meu analista, tem e se tirarmos daqui, um bocadinho as bolas paradas, para entenderes este conceito da transição, porque também existe transição nas bolas paradas, se calhar, tem as seguinte categorias, construção, para o ataque não é, da equipa, construção... a criação... a finalização e a transição defensiva.

E para o processo defensivo, tenho o início da pressão, tenho...tenho...chamo-lhe o bloco baixo, se quiseres, e tenho...a defesa da área, e tenho a transição ofensiva, porquê, porque eu gosto de ver, a transição, como o término, ou o início, dos processos... Como é que eu integro as transições, no processo de treino, não é treinando transições, eu não treino transições, eu treino o término e o início dos processos,

ofensivos e defensivos, eu vou dar um exemplo prático, é muito raro eu ter um exercício de construção, em que a equipa está a construir, não pode sofrer golo, é muito raro, é mesmo muito raro, e porquê, porque eles tem que sentir o risco da construção, porque...ninguém constrói sem o risco da transição defensiva.

Então a transição é um cuidado que eu tenho, muito grande nos exercícios porque acho que é uma característica que tornam os exercícios mais representativos, mas eu não trabalho a transição, per si, a transição para mim, é um contexto tal como é, como são outros contextos de finalização, da criação, ou da construção e se calhar é até o mais pequenino deles todos, agora claro que lhe dou o ênfase, não sei se não me perdi...

Não, eu acho que o Mister acabou por não se perder, porque falou do entendimento, e do instante, seja de início ou de fim de organização...

Essa é a palavra-chave, é o instante, e estava a falhar-me há pouco e desculpa porque o inglês, está mais presente no campo... É precisamente... eu vejo a transição mais do que um momento, é um instante, é um instante, o professor J até dizia, é um flash, é como uma fotografia, mas no fundo é uma fotografia, ou é um conjunto de “frames” muito curto, quando nós comparamos com aquilo que é o ataque ou a defesa, não é.

3. Que importância têm as bolas paradas no seu modelo de jogo? Justifique

Também é daquelas que todos os treinadores vão dizer, muita... Os treinadores sabem que tem que estar que 40% dos golos podem vir daí, e nas equipas que normalmente ganham campeonatos até esses números às vezes ainda superam... ainda passam os 40%, temos bons exemplos, não é, o Clube P, uma época, ou o quê, tinha uma percentagem brutal, aproveitamento de bolas paradas e claro, que isso são... e elas tem muita importância, porque dão origem a muitos golos, mas também porque tem uma lógica subjacente, que é relativamente diferente daquilo que é o jogo corrido, não é e portanto, se não treinarmos, vamos ser surpreendidos, sei lá, se calhar, se tu tiveres um contexto de jogo corrido, qualquer...sei lá... imagina, o bloco baixo, que tu te esqueças de treinar, eu acho que é menos arriscado, do que uma bola parada, porque é jogo corrido, e tu, durante as situações de jogo corrido, tu algumas vezes vais passar por isso e os jogadores até vão criar mecanismos por eles próprios, de resolver as situações, agora se tu te esqueces de treinar a bola parada, é uma situação completamente diferente, não é.

É como se fosse outra modalidade, quase... porque é, no fundo, é muito mais parecido, com o futebol americano, a bola parada, do que com o nosso soccer não é, com o resto do jogo de futebol... então requer uma preparação, específica orientada para essas situações e portanto a importância é grande... Então requer uma preparação específica, orientada para essas situações e portanto a importância.

4. Olhando para a generalidade das bolas paradas, o posicionamento e as dinâmicas da sua equipa nas bolas paradas ofensivas são realizados de acordo com que fatores?

Ofensivas, deixa-me enquadrar, há 2 grandes conceitos para as bolas paradas na minha equipa, um é estabilidade, e outro é adaptabilidade e já falámos deles há pouco, mais as bolas paradas também, em termos defensivos, nós procuramos criar... outras formas de entendimento entre os jogadores, que lhes dê estabilidade, portanto nós não mudamos a forma como defendemos, pode haver aqui uma ou outra nuance, mas não andamos a mudar, procuramos formas que nos garantam estabilidade, coerência, entendimento mútuo, entre eles, e que nos dê estabilidade, contra diferentes formas de atacar, que possamos ter, quando olhamos no lado oposto, ofensivo, aí nós queremos, muita variabilidade, ou seja, não quer dizer que tenhamos muitas bolas paradas, muitas, muitas, muitas soluções ou como dizer, muitas... jogadas não é, não termos muitas jogadas, mas em cada proposta que temos aos jogadores, nós procuramos que dali resultem múltiplas decisões que são tomadas pelos jogadores, que são enfatizadas no treino, nuns dias mais umas e outros, mais outras, mas depois com o acumular de experiência, de treino de jogo, eles vão entendendo, quando tem vantagem de explorar uma solução ou outra, ou de inovar e criar uma diferente, de acordo, basicamente eu vejo isto mais uma vez, na lógica dos sistemas complexos, ou dos sistemas caóticos, nós definimos condições de partida, com as condições iniciais, e nós costumamos dizer, que os sistemas caóticos são sensíveis às condições iniciais, o que nós fazemos, é definir as condições de partida é pá e ficamos maravilhados quando eles inovam, e criam em função disso, eu no passado tive exemplos, com situações simples, em que os jogadores pegaram nelas e usaram a sua criatividade individual, para criar coisas fantásticas, e portanto uma dimensão, é essa, variabilidade, segundo conceito importante, em termos ofensivos, tomada de decisão, porque as situações nunca tem uma resposta única, e nós apelamos muito, e até costumamos escrever num papelinho, que colamos na parede, de

decisão, seja de, “making”, é a palavra maior, e mais a bold que lá está, nessas situações e eles sabem, eles sabem, e depois nós começamos a ajudá-los, eu tenho... 1 dos meus adjuntos, que este ano está responsável pelas bolas paradas e ele está sempre a dizer, é tomar a decisão, então venham cá, venham cá, venham cá e vejam isto por esta perspectiva, porque é que é esta decisão e não é esta, nestas situações ajuda-os a entender isto, e claro, eles depois vão melhorando, e a terceira é a análise, porque nós procuramos reconhecer, como é que os adversários defendem, para enfatizar, mais um tipo de decisões do que outras, ou até criar alguma proposta nova que possa surtir efeito face a certos adversários e depois treinamos claro, não é só no papel.

5. Tendo em conta a sua perspectiva acha relevante pensar/preparar a transição defensiva em situações de bola parada ofensiva? E porquê?

6. Que estratégias utiliza para equilibrar a sua equipa aquando de situações de bola parada ofensiva?

É óbvio que preparamos, é lógico que sim, não acredito que haja muitos treinadores, que não pensem nisso, agora pode é haver opiniões diferentes, eu já fiz de formas diferentes, já fui muito conservador, agora sou menos um bocadinho, às vezes corremos riscos maiores, e sabemos que os estamos a correr, por exemplo há uns anos atrás, eu tive 4 jogadores em equilíbrio sempre, e até era tipo quadrado, regra de base, é a regra de base, tipo quadrado, 2 recuados logo a seguir à linha do meio campo, etc., e dois fora da área, e isto era uma regra de base, tudo o que se fizesse, era para além destes 4, hoje em dia não faço isso, hoje em dia por regra de base, temos 3, e às vezes 2, agora temos mecanismos de compensação, por exemplo, quando queres fazer cantos curtos, onde envolves 2 ou 3 jogadores e depois queres ter gente na área, com presença na área, não consegues deixar 4 homens em equilíbrio, não é possível, não tens número para isso.

Então o que muitas vezes nós fazemos, é... às vezes temos 2 só, um mais recuado, e outro ali à entrada da área, mas sabemos que o terceiro, está muito perto, ou seja, um daqueles que por exemplo, o que iniciou canto ou alguém que intervém ali no canto, ou num livre lateral, pode ser também em livres laterais, depois de tocar a bola ele, vem logo para o meio, e temos ali um terceiro, a equilibrar, e ainda por cima que vem do lado da bola, não é, sabe que há muita bola que é cortada, para o mesmo lado, de onde é jogada, portanto ele entra para o centro do campo, e temos ali 3, ok equilibramos dessa maneira, e claro, portanto, mas também analisamos, hoje em dia está muito na voga, as

equipas, defenderem com os 10 jogadores de campo, mas de vêes em quando ainda apanhas uma outra equipa que deixa os jogadores na frente, e aí se calhar, és mesmo obrigado a ter os 3 ou se calhar 4, não é, mas mais 4 eu nunca usei, não é, mas entre estes 2 e 4, agora é muito importante, quanto mais perto, das linhas da frente, mais importante é, esta gente de equilíbrio e portanto estou a olhar para a transição em termos de equilíbrio não é.

Estou a falar de outras dimensões e estamos a falar na dimensão anti participativa da transição, porque nas bolas paradas são mais fáceis, é mais fácil de existir esta antecipação, os jogadores que estão fora da área, são fundamentais, e eu por exemplo, recordo-me que ainda um dos meus jogadores mais experientes, agora no início desta época, num dos primeiros jogos de treinos, é pá ele estava fora da área, mas não estava, ou seja, estava, porque havia espaços atrás, e há 2 cantos na primeira parte, em que se ele estivesse onde deve, onde costuma estar, o jogador daquela posição não tinha havido contra ataque. Pronto e depois temos que afinar estas coisas, não é, porque não é uma questão de números só, depois é uma questão de posicionamento, proatividade, não pode estar demasiado alto, para não sair bola por cima, mas não pode estar demasiado, recuado, ao ponto de não poder pressionar, a segunda bola.

Portanto é ajustar isto e isto não é estático, isto é dinâmico, e portanto a trajetória da bola e portanto requer, requer, entendimento do jogador, e depois importante também é a seleção dos jogadores, para este equilíbrio, não é, porque muitas vezes pomos lá os baixinhos, é pá, mas estes baixinhos, tem que saber defender, tem que ser agressivos, os homens que estão fora da área, da primeira linha, tem que ser muito agressivos, nesta segunda bola, ou às vezes terceira bola, e tem que ser rápidos porque o adversário está em contra ataque, porque eles tem que recuperar defensivamente, e depois os outros da linha de $\frac{3}{4}$ não é, como se fosse rugby, os que estão mais recuados, mais na zona do meio campo, se não há lá jogadores, se não jogadores, também só fica 1 a equilibrar, porque o outro posiciona-se um bocadinho alto, mas tem que ser jogadores, com habilidades defensivas, boas, porque se saem em contra ataque, eles tem que matar o contra ataque, não é. Como é que eu gosto que o contra ataque, seja controlado, isto é, tanto na bola parada como no jogo corrido, os jogadores tem que saber, que é partir o campo a meio, ou seja, é orientar para o lado onde está a bola, a bola sai pela nossa direita, e forçamos, forçamos, forçamos, forçamos o mais possível, a controlar o centro

do campo, e a empurrar o mais possível... para linha lateral, e porquê, porque isso vai-nos permitir ganhar tempo e dar tempo para a recuperação defensiva dos restantes jogadores, depois falando dos outros, que não estes 3 ou 4, toda a gente tem que recuperar defensivamente, e quando digo recuperar, é recuperar metros, é correr para trás, porque a maior parte das equipas organizam-se de forma a que a bola, num canto, ou num livre, é ajudada na frente e toda a gente sai e deixa fora de jogo, e portanto gente fora de jogo, não nos interessa para nada, gente para ajudar caso haja contra ataque, tem que haver disponibilidade mental, porque é mental, e não é física e toda a gente, consegue fazer um sprint maximal, maximal, para aquilo que for, o substrato que tiverem na altura, não é, a seguir a uma bola parada, não é, porque tiveram ali uns segundos para dispensar, é uma questão mental, e depois também, mesmo os homens mais da linha da frente, ou que estejam na linha da frente, na situação de bola parada, eles tem que voltar, para caso, nós recuperemos

efetivamente a bola, eles estejam disponíveis, para jogarmos, para jogarmos, para tentarmos uma segunda vaga, porque o que é que acontece na bolas paradas, metes lá os centrais, os homens grandes, etc., se tu sofres um contra ataque, ou uma tentativa, de contra ataque, e consegues recuperar, esses homens são dos mais avançados não é... É pá e então temos este princípio, de... se recuperarmos a bola nessas situações, nós não queremos abrir campo e jogar, queremos usar os homens que lá estão. Porque os jogadores saem das suas posições, nós não temos os centrais, para construir e etc., não, eles andam lá e então vamos jogar a bola neles, ok., eu peço isso. Portanto eu gosto muito de construir a partir de trás, e etc., mas nestas situações eu não quero, porque não estamos preparados, para isso, e temos os homens com capacidade aérea na frente, portanto peço que se jogue, para isso, eles tem que sair da área, sair do fora de jogo para estarem disponíveis para atacar uma segunda bola. Está claro han?... epá, porque isto também é preciso treinar... ah... ah... Ok., porque nós podemos dizer estas coisas aos jogadores, e eles até podem ser, bons rapazes, e querer fazer, mas se não vivenciarem, não há milagres, não é, e portanto temos que criar situações, e isto, e isto é desafiante, não é, porque muitas vezes há uns treinadores de bolas paradas, no dia anterior ao jogo, e queremos que a carga do treino seja baixa, porque temos esta ideia de que... é pá eu detesto, fazer bolas paradas, só e acabou, não é, cabeceia, cabeceia, não cabeceia, para, repetir só bola parada, então de cantos e de livres é horrível, os jogadores detestam isso, a maior parte dos jogadores detesta isso.

A maior parte dos jogadores detesta isso, alguns lá ficam caladinhos e comem, mas ninguém gosta, começa a ficar com frio, então aqui na Finlândia, aqui no inverno, começa a ficares com frio, hoje tivemos a treinar bolas paradas a chover, se nós fossemos com essa abordagem, coitados, então o que nós fazemos muito é a situação jogada, não é nada de novo, não é, mas fazíamos porquê, porque a situação jogada, permite-nos ligar a transição à bola parada e pô-los a vivenciar isso, e bem...e muitas vezes é só com a baliza, só no meio campo, e já dá um bocadinho de transição e outras vezes puxamos, um bocadinho mais longo e sei lá, a $\frac{3}{4}$ de campo, e já tem um bocadinho mais noção da profundidade e como é que saímos etc., e portanto isto é importante, para mim, as bolas paradas, feitas, sem serem em forma jogada, bidirecional, não tem sentido, relativamente ao estímulo de transição, ou seja, para termos estímulo de transição temos que bater o jogo bidirecional, e pode não ser contra 2 balizas, não é, pode ser...uma baliza contra sei lá...uma linha que temos que ultrapassar, uma área onde temos que chegar, um alvo

qualquer, não é um alvo, imaginário que a gente crie, não tem necessariamente que haver uma baliza, lá do outro lado, agora tem que haver, direccionalidade, ok... E depois, desculpa, só para açucarar isto um bocadinho, e ainda dentro do treino, outra coisa que para mim funciona muito bem com as bolas paradas, porque temos testado e é quando eles respondem melhor, é a competição, porque tu podes ter um jogo, mas se tu tiveres uma real competição, coisas que eu já fiz, ponho os meus 2 adjuntos, portanto há dias onde nós, levamos as propostas, e há dias, onde nós queremos as propostas lá com os jogadores, ok, também temos desses dias, por exemplo, aqui há 2 semanas atrás, preparei essa parte, onde um adjunto fica com uma equipa, e outro adjunto fica com a outra, e deram 7 minutos de briefing cada um, criaram coisas que ninguém sab... nenhum deles sabia o que o outro iria criar, e fizemos ali uma competição, um treinador contra o outro, basicamente ok., e os jogadores envolveram-se naquilo, porque há competição, e depois temos lá... depois temos o ranking nós temos um ranking na equipa, dos exercícios competitivos, os pontos, e há um “Prize Money”, para aquilo, não é, e depois eles envolvem-se nisto, não é pelo dinheiro, mas é pelo instinto competitivo, o animal jogador, e do animal treinador, porque todos nós somos animais, e portanto isto é uma outra forma que funciona bem, agora, eu não faço isto todas as semanas, porque senão estrago isto, por exemplo, fizemos a semana passada, esta semana, não... Esta semana um adjunto tratou das bolas paradas ofensivas, e outro,

organizava defensivamente a equipa, e depois trocaram as 2 equipas e mantiveram isto, portanto não havia um treinador de uma equipa e outro de outra, e nem sequer foi promovido qualquer tipo de competição, mas trabalhou-se com transição era um jogo, e portanto bate-se a bola parada e a seguir é até ao final da jogada, pronto é um bocadinho estas estratégias, porque quando é só bater a bola parada, por bater, e eu não digo, que não tenha já feito isso, mesmo esta época já fiz, mas a resposta não é boa, o entusiasmo não é bom, e depois o produto final não vai ser bom...

7. Em alguma ocasião abdica ou altera o posicionamento e a dinâmica da sua equipa num momento de bola parada ofensiva, tendo em conta o resultado positivo ou negativo e o tempo de jogo? Porquê e como o faz?

Eu já o fiz, já o fiz, eu felizmente tenho os jogadores, que não são da linha defensiva, mas que são muito bons defensivamente, o que me permite sentir bastante seguro, perante a exposição a situações de transição. Portanto meter lá os 2 centrais, quando estás a ganhar por 1 zero, a acabar o jogo, não me deixa, assustado porque tenho, depois médios que não são muito altos, mas que são muito bons defensivamente, e que dão algumas garantias, e

como tu sabes, podes sofrer um contra ataque e acaba com o cruzamento e depois não estão lá os centrais, é aquelas coisas, mas já o fiz, quando estás a ganhar por pouco, penso que é a situação onde eventualmente eu posso abdicar da ofensividade em detrimento da defensividade.

E o tempo de jogo influencia isso?

Ah... eu estou a dizer, não... eu só faço isso claramente quando estamos perto, do final porque, estar a ganhar por 1 zero, aos 15 minutos, eu não vou alterar as lógicas das bolas paradas, porque quero ganhar 2 zero...

Em vez de ganhar só 1, eu estou a falar sei lá, nos 5 minutos finais, no “extra time”, e não antes... não mais do que isso e faço... eu já vi equipas que não metem lá ninguém, não metem lá um homem, só para dizer que batem um canto, ou que depois fazem um canto, a dois e ficam lá com as costas... para juntar à bandeirola de canto, isso, isso nunca fiz... ah... Isso eu nunca tive, fazer um canto curto, para manutenção de posse de bola, mas isso tem uma certa organização, aproveitando os jogadores do equilíbrio, porque nós temos alguns cantos, em que chamam um terceiro homem e que

inicialmente está no meio e que depois aparece para fazer o terceiro, e podemos usar esses cantos, numa fase final do jogo, para tu controlares o jogo com posse de bola, sim, mas não bater uma bola direta, sem ninguém na área e depois já estão todos posicionados, para defender isso não.

8. Olhando para uma situação inversa, aquando de uma bola parada defensiva como procura preparar a sua equipa para transitar ofensivamente, que estratégias utiliza?

Olha por regra eu defendo com os 11, na área, na área ou à entrada da área ou 2 à entrada da área, com toda a gente, tem papéis defensivos, e há muita gente que acha que isso é contraproducente, com a transição ofensiva, e eu não acho nada, e não acho nada porquê, porque quando tenho jogadores mais altos, estás te a dar à marcação, e as outras equipas vão lá deixar gente a marcar, e portanto eu prefiro sair de trás para a frente, a transição e o que é que procuramos fazer, primeiro procuramos ser eficazes na cobertura, das áreas, das áreas, junto à baliza, mas depois procuro, que os homens que estão mais à frente, sejam rápidos, e normalmente são os nossos extremos, que é gente rápida e criativa, em métodos ofensivos ou algo assim, que nos permite sair em velocidade, e com habilidade, e depois vamos ver o que é que sai, portanto o que nós trabalhamos mais uma vez, são condições iniciais, e sabemos que esses 2 jogadores que normalmente estão ali à entrada

da área, ou na linha da área, assim que nós esboçamos uma possibilidade de recuperar a bola, eles já estão a sair e normalmente saem os 2 assim... os 2 pedem bola, um em cada corredor e dependendo do lado onde os jogadores ou o guarda-redes, que por vezes é o guarda-redes que agarra, coloca a bola e o outro, inverte e se a bola for colocada aqui, ele inverte e começa a vir, começa a vir para o meio, e todos os outros que lá consigam andar e chegar, e como nós temos 2 linhas, dentro da área, 2 linhas defensivas, os da segunda linha, são os primeiros a lá chegar, mas pronto, eu aí já não tenho ninguém com características especiais, a pensar nisso, tenho estes 2 e os outros tenho quer pensar relativamente primeiro, não é... Estava a falar aqui no caso dos cantos, no caso dos livres, também porque por causa dos livres, eu tenho sempre 2 homens numa linha, e depois 2 homens, à frente, com o triplo papel que é bloquear jogadores adversários que estejam mais atrasados e aí, facilitar o trabalho da linha, responsáveis por segundas bolas, quando a linha baixa, e há segundas bolas e eles estão

lá, para não haver remates de segunda bola... ah ... E... preparar a transição, porque são os primeiros a sair, caso o guarda-redes encaixe a bola, são os primeiros a sair, e também com esta lógica de abrir, um para cada lado, e às vezes quando temos a barreira um bocadinho mais alta, até temos mais vezes, não é... agora... a coisa que nós estamos neste momento, a trabalhar muito, são as reposições do guarda-redes, o treinador guarda-redes está a melhorar, até sobre o ponto de vista técnico os jogadores, quer com as mãos, quer o “volley” com os pés, para nos permitir explorar, essas situações, e novamente digo que nós somos uma equipa, de controle do jogo com bola, mas é pá, mas há circunstâncias em que o jogo, em que o espaço está lá, mas tem que ser explorado rapidamente.

Anexo XI – Identificação Pessoal e Profissional

Identificação Pessoal e Profissional

Identificação

Nome Completo _____

Letra de identificação _____

Idade _____

Formação Académica e Profissional

Grau de Formação mais elevado _____

Grau de Treinador _____ Ano em que finalizou _____

Situação Profissional e Percurso Desportivo

Clube Atual _____ desde _____

Função desempenhada _____

Anos de Experiência Profissional _____ Início de Carreira _____

Principais Títulos _____

Dados da Entrevista

Data da Entrevista _____ Local/Formato _____

Duração da Entrevista _____ Início ___ h ___ min Fim ___ h ___ min

Data do Contacto _____

Anexo XII – Procedimentos da Entrevista

Procedimentos antes da Entrevista

1. Agradecer a disponibilidade e o seu contributo;
2. Apresentar os objetivos da mesma;
3. Referir que os dados recolhidos, assim como a identidade será preservada, sendo que após a transcrição da entrevista, a mesma será lhe enviada tal como o áudio da mesma;
4. Solicitar a gravação áudio da mesma;
5. Salientar que sempre que o treinador não estiver totalmente claro com a pergunta, deverá questionar para clarificar a mesma.

Procedimentos no final da Entrevista

1. Reforçar a possibilidade do entrevistado, acrescentar mais alguma informação que considere necessária;
2. Conferir a disponibilidade do treinador, para receber posteriormente o produto da sua contribuição;
3. Voltar a agradecer a disponibilidade e o seu contributo.